

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

PAULA KREMPEL MARQUES BURITY

TIPOS PSICOLÓGICOS, POLARIDADE E ENERGIA PSÍQUICA

**Juiz de Fora
Fevereiro/2020**

PAULA KREMPEL MARQUES BURITY

TIPOS PSICOLÓGICOS, POLARIDADE E ENERGIA PSÍQUICA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Linha: História e Filosofia da Psicologia
Orientador: Prof. Dr. Walter Melo Junior

Juiz de Fora (MG)
Fevereiro/2020

Paula Krempel Marques Burity

TIPOS PSICOLÓGICOS, POLARIDADE E ENERGIA PSÍQUICA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Linha: História e Filosofia da Psicologia
Orientador: Prof. Dr. Walter Melo Junior

Aprovada em: ____/____/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Walter Melo Junior - UFJF
Orientador

Prof. Dr. Paulo Ferreira Bonfatti - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora/CES
Titular Externo

Profa. Dra. Sonia Regina Corrêa Lages - UFJF
Titular Interno

Dedico este trabalho primeiramente à Deus, e, portanto,
a todos os bons encontros que a vida me oportunizou
neste caminhar e chegar até aqui;

À minha família e ao meu orientador, por me darem o
apoio necessário a esta realização.

AGRADECIMENTOS

Se estou escrevendo esta nota, então é porque eu consegui. Não foi fácil chegar até aqui. Entre o sonhar fazer um dia o mestrado, o planejar e o acontecer, só aí já vão alguns anos. Depois, o estudo para realizar o processo seletivo, passando pela aprovação até a conclusão do Mestrado, enfim, foi um longo caminho percorrido.

Esta dissertação é fruto não apenas de um esforço pessoal, mas também do apoio de várias pessoas que me incentivaram intelectual e emocionalmente, direta ou indiretamente, em uma fase repleta de desafios e de novos caminhos profissionais e pessoais, incluindo a maternidade.

Por este motivo, vão registrados aqui os meus mais sinceros agradecimentos:

Ao meu orientador, Walter Melo, agradeço pela paciência e pelo carinho neste percurso, sempre zeloso para que a orientação fosse motivadora - e não assustadora; pelos textos corrigidos e pela compreensão nos momentos difíceis durante a jornada. É gratificante trabalhar com quem admiramos profissionalmente, e agora também pessoalmente.

Aos meus familiares e amigos, que me deram todo suporte emocional e logístico para seguir com este projeto e não desistir durante o percurso, que, é claro, apresentou seus percalços; que compreenderam minha ausência nos diversos momentos em que precisei me recolher para estudar, ou em outros em que o humor não favorecia a convivência.

Preciso destacar que o apoio da família foi fundamental, e que serei sempre muito grata: ao meu marido e aos meus pais, sem os quais eu não teria realizado este sonho, faltando palavras para descrever o quanto foram importantes. Ao meu filho, que com apenas 1 ano e meio de idade teve que passar seus primeiros dias e noites longe da mãe, enquanto eu estava no traslado RJ-MG, cumprindo meus créditos na UFJF.

Aos membros da Banca Examinadora de qualificação e defesa, pelas contribuições que melhoraram a dissertação e ampliaram meu olhar e conhecimento.

Aos meus colegas de turma, pela acolhida, orientações, trocas e motivação para chegar aqui.

Aos meus mentores e colegas da Formação de Analistas pela SBP-RJ, que também contribuíram significativamente para elaboração deste trabalho.

“Persiga sua bem-aventurança, portas se abrirão onde antes nem havia portas, onde não sabíamos ser possível haver portas. Por bem-aventurança quero dizer o profundo sentimento de estar no caminho e fazendo aquilo que nos impele a avançar.”

Joseph Campbell

RESUMO

A noção de tipologia perpassa toda a obra Carl Gustav Jung, psiquiatra suíço nascido em 1865 e morto em 1961, presumindo que as dinâmicas psíquicas sejam a combinação de diversos fatores internos e externos, e que a psique seja um sistema de autorregulação constante no desenvolvimento da personalidade. Pensar nesta autorregulação é pensar em dinâmicas e variedades tipológicas (Jung, 2013, v. 8/1), de onde a denominação “tipos psicológicos”, cujo modelo apresenta distintas personalidades psíquicas individuais.

O modelo junguiano (Jung, 2013, v. 6) baseia-se em dois perfis - extroversão e introversão -, derivados de quatro funções básicas: pensamento, sentimento, sensação e intuição, que podem oscilar e se alternar ao longo dos anos, a partir de demandas externas e internas. Ao contrário de outras tipologias de personalidade, aborda os efeitos da relação atitudinal do individual versus mundo, processo sensível derivado do cruzamento de fatores individuais e coletivos.

Este estudo proposto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFJF, desenvolvido na linha História e Filosofia da Psicologia, sobre a tipologia desenvolvida por Jung, sua importância e de que forma ela permeia toda o arcabouço da Psicologia Analítica, na coleção Obras Completas de Carl Gustav Jung.

A descrição do modelo de tipos psicológicos de Jung, nesse aspecto, foi importante para esclarecer de que forma operam os conceitos e os significados fundamentais de teoria junguiana, especificamente, e para a compreensão da psicologia analítica de modo em geral. Enfoca, sobretudo, a noção de opostos e certos aspectos como a energia psíquica, o processo de individuação, fluxo de energia e personalidade. Não é o propósito da psicologia analítica, com seu conceito de tipologia, aprisionar o indivíduo em categorias estanques e herméticas, atitude esta que, a priori, não retornaria em nenhum benefício do ponto de vista pessoal, científico e nem terapêutico. Antes, o modelo tipológico, com os conceitos de energia psíquica e polaridade, entendem que esses sistemas estão em franco dinamismo, operando de maneira sincrônica, incessante e dinâmica, sendo, por isso mesmo, difícil tratá-los de forma isolada. Devem ser vistos, portanto, como estruturas interativas e flexíveis, referindo-se a processos humanos sistêmicos, e não mecânicos, cuja função é, sobretudo, facilitar a compreensão dos eventos da polaridade, energia, transcendência e individuação. A proposta quer refletir paralelamente sobre a interação analista-analisando na dinâmica terapêutica, visando entender as diferentes dimensões presentes na personalidade a partir da produção de Jung (2013, v. 8/1) e, sobretudo, de sua contribuição no meio psicoterápico.

A escolha do tema resultou de questionamentos levantados ao longo do contato com a Psicologia Analítica, percebendo-se a influência desse modelo, e em como Jung desenvolve sua teoria e seus conceitos interligados.

Trata-se de investigação de cunho teórico-qualitativo acerca dos conceitos Tipos Psicológicos, Polaridade e Energia Psíquica, base muito relevante para a compreensão da Psicologia Analítica.

A intenção é demonstrar como o conceito de tipos psicológicos pode e deve ser melhor compreendido e explorado, aprofundando-se o conhecimento no campo da Psicologia Analítica e contribuindo para o processo psicoterapêutico, abrindo novos caminhos no sentido da expansão da consciência e da individuação do sujeito.

Palavras-chave: Psicologia analítica. Tipos psicológicos. Polaridade. Energia psíquica. Jung.

ABSTRACT

The notion of typology permeates the entire work Carl Gustav Jung, a Swiss psychiatrist born in 1865 and died in 1961, assuming that psychic dynamics are the combination of several internal and external factors, and that the psyche is a system of constant self-regulation in the development of personality. To think of this self-regulation is to think of dynamics and typological varieties (Jung, 2013, v. 8/1), from which the name “psychological types”, whose model presents different individual psychic personalities.

The Jungian model (Jung, 2013, v. 6) is based on two profiles - extroversion and introversion - , derived from four basic functions: thinking, feeling, sensation and intuition, which can oscillate and alternate over the years, from external and internal demands. Unlike other personality types, it addresses the effects of the individual versus world attitudinal relationship, a sensitive process derived from the intersection of individual and collective factors.

This study proposed to the Graduate Program in Psychology at UFJF, developed in the History and Philosophy of Psychology line, about the typology developed by Jung, its importance and how it permeates the entire framework of Analytical Psychology, in the collection *Obras Completas de Carl Gustav Jung*.

The description of Jung's psychological type model, in this respect, was important to clarify how the fundamental concepts and meanings of Jungian theory operate, specifically, and to understand analytical psychology in general. It focuses, above all, on the notion of opposites and certain aspects such as psychic energy, the individuation process, energy flow and personality. It is not the purpose of analytical psychology, with its concept of typology, to imprison the individual in watertight and hermetic categories, an attitude that, a priori, would not return to any benefit from a personal, scientific or therapeutic point of view. Rather, the typological model, with the concepts of psychic energy and polarity, understands that these systems are in frank dynamism, operating in a synchronous, incessant and dynamic way, being, therefore, difficult to treat them in isolation. Therefore, they must be seen as interactive and flexible structures, referring to systemic human processes, and not mechanical, whose function is, above all, to facilitate the understanding of the events of polarity, energy, transcendence and individuation. The proposal wants to reflect in parallel on the analyst-analysand interaction in the therapeutic dynamics, aiming to understand the different dimensions present in the personality from the production of Jung (2013, v. 8/1) and, above all, of his contribution in the psychotherapeutic environment.

The choice of the theme resulted from questions raised during the contact with Analytical Psychology, perceiving the influence of this model, and how Jung develops his theory and its interconnected concepts.

This is a theoretical-qualitative investigation about the concepts Psychological Types, Polarity and Psychic Energy, a very relevant basis for understanding Analytical Psychology.

The intention is to demonstrate how the concept of psychological types can and should be better understood and explored, deepening knowledge in the field of Analytical Psychology and contributing to the psychotherapeutic process, opening new paths towards the expansion of consciousness and the individuation of the subject.

Keywords: Analytical Psychology. Psychological types. Polarity. Psychic energy. Jung.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O TRABALHO DE CARL GUSTAV JUNG: considerações preliminares	14
1.1 A PSICOLOGIA ANALÍTICA	15
1.2 A ESTRUTURA PSÍQUICA	16
1.2.1 O CONSCIENTE NA TEORIA DE JUNG	16
1.3 “EU”, CENTRO DA CONSCIÊNCIA	17
1.3.1 O eu e o mundo exterior	17
1.3.2 O eu e o mundo interior	19
1.4 A ESTRUTURA DO INCONSCIENTE NA TEORIA DE JUNG.....	19
1.4.1 O inconsciente pessoal	20
1.4.2 O inconsciente coletivo	21
2 OBJETIVOS.....	22
2.1 OBJETIVO GERAL	22
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	22
3 METODOLOGIA	23
4 A TEORIA DOS OPOSTOS DE JUNG	25
4.1 DOS OPOSTOS À CONIUNCTIO	28
4.2 A LIBIDO: progressão e regressão	30
4.3 FUNÇÃO TRANSCENDENTE E CONFRONTAÇÃO EGO X INCONSCIENTE	38
4.4 A FUNÇÃO INFERIOR	51
4.4.1 A assimilação da função inferior	58
4.4.2 A função inferior e o desenvolvimento psíquico	60
4.4.2.1 <i>A figura da persona</i>	61
4.4.2.2 <i>A assimilação das funções auxiliares</i>	61
4.4.2.3 <i>A região intermediária</i>	62
4.5 OS OPOSTOS E A ALQUIMIA	63
5 OS TIPOS PSICOLÓGICOS	66
5.1 DESCRIÇÃO GERAL DOS TIPOS PSICOLÓGICOS	66
5.2 TIPO EXTROVERTIDO	68
5.3 TIPO INTROVERTIDO	71
6 O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO	76
6.1 A INDIVIDUAÇÃO E OS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO	78
6.2 O PROCESSO TERAPÊUTICO E AS ETAPAS DA PSICOTERAPIA JUNGUIANA..	87
6.2.1 A Personalidade do terapeuta e a dinâmica clínica	90
7 TIPOLOGIA, POLARIDADE E ENERGIA PSÍQUICA	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	103

INTRODUÇÃO

A abordagem aqui proposta busca entender as diferentes dimensões que integram a personalidade de um sujeito, a partir do conjunto de obras do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1928 -1997), e de outros autores que se dedicaram ao estudo da psicologia analítica. Assim, a presente proposta é de um estudo teórico qualitativo baseado na teoria de tipos psicológicos de Jung, ferramenta utilizada na área para entender o funcionamento da psique e para investir no processo clínico e nos caminhos da individuação, visando conciliar o indivíduo consigo mesmo.

A escolha do tema resultou de questionamentos levantados durante o contato com a psicologia analítica, também conhecida por psicoterapia, ao se perceber o quanto a noção de tipologia perpassa toda a obra de Jung – destarte a influência do autor e de sua obra nem sempre sejam percebida pelos profissionais que adotam essa abordagem –, compreendendo que a dinâmica psíquica de cada indivíduo ao longo de seu desenvolvimento seja produto do cruzamento de fatores, entre eles, a energia psíquica - ou libido, a influenciar o sujeito, podendo ser pensada a partir dos tipos psicológicos de Jung.

Samuels (1989) analisa os tipos psicológicos fazendo menção a uma pesquisa de opinião, realizada por Plaut, quanto ao emprego da tipologia de Jung na prática clínica e sobre a sua importância para a psicologia junguiana de modo geral:

[...] Metade dos analistas que responderam acharam a tipologia útil na prática clínica e 75% acharam que a tipologia tem importância para a psicologia junguiana. Naturalmente, como admite Plaut, existem enormes falhas em tal pesquisa. Por exemplo, os analistas não-interessados em tipologia podem simplesmente ter jogado fora o questionário. Porém os resultados, reunidos ao grande número de artigos publicados sobre o assunto no *Journal of Analytical Psychology*, parecem indicar grande interesse. (SAMUELS, 1989, p. 108).

Pensando na estrutura psíquica, Jung (2013, v. 8/1) estava convencido de que a psique é um sistema de autorregulação que opera constantemente para manter o equilíbrio entre as tendências opostas do indivíduo, as quais, ao se resolverem, promovem neste mesmo indivíduo seu desenvolvimento psíquico. Desta forma, quando se produz uma polaridade ou unilateralidade no reino consciente do indivíduo, seu inconsciente reage através de sonhos ou fantasias, tentando criar um alerta para corrigir o desequilíbrio. Pensar nesta autorregulação é pensar também na dinâmica tipológica.

Como observa Sharp (1987), o modelo de tipologia de Jung é parte integrante da conceitualização do processo de individuação, que pode ser usado como ferramenta no sentido de ajudar a entender como um indivíduo se desenvolve e amadurece psicologicamente. Assim sendo, essa teoria discorre sobre a combinação de elementos estruturais da psique, para auxiliar a compreensão de vários aspectos presentes no “ser interior”, ajudando a esboçar as muitas

variações encontradas nos indivíduos. Vale lembrar que na psicologia analítica, os temas estudados enfocam o inconsciente coletivo além do inconsciente pessoal.

Assim, Hall (1986) contextualiza a origem e a aplicabilidade da teoria dos tipos psicológicos de Jung:

Jung tomou como base do seu sistema tipológico, pelo qual é mais amplamente reconhecido nos dias de hoje, uma ampla revisão histórica da questão dos tipos psicológicos na literatura, na mitologia, na estética, na filosofia e na psicopatologia. Sua pesquisa acadêmica e um exaustivo sumário de suas conclusões foram publicados pela primeira vez em 1921. Certo número de testes tipológicos amplamente usados têm, como base, nos dias que correm, princípios junguianos: os testes Myers-Briggs, Gray Wheelwright, Singer-Loomis e vários outros testes desenvolvidos para fins específicos de pesquisa (HALL, 1986, p. 68).

O modelo de tipos psicológicos de Jung (2013, v. 6)¹ se baseia fundamentalmente na concepção de que existem duas atitudes opostas – extrovertida e introvertida –, constituídas de quatro funções, a saber: pensamento, sentimento, sensação e intuição, as quais vão determinar a orientação da personalidade do sujeito. Ao contrário de outras tipologias de personalidade, o modelo junguiano enfoca a relação atitudinal do indivíduo frente ao mundo, analisando a tendência direcional da energia psíquica, ou seja, para qual tipo ela converge de forma prevalente, permitindo distinguir tais tipos. Esse processo é percebido tanto do ponto de vista individual como coletivo, considerando-se o conceito de arquétipos, que são padrões comportamentais coletivos herdados de tempos imemoriais, acumulados e transmitidos por gerações, que determinam reações humanas assemelhadas, segundo a literatura em psicologia, tratada mais detidamente no item 5.3.2 – Inconsciente Coletivo. (JUNG, 2008, v. 9/1).

O interesse inicial de Jung quanto ao estudo da tipologia está em sua incompreensão do porquê da visão da neurose de Freud ser tão diferente da de Adler. De acordo com Jung (2013, v. 6), Freud via seus pacientes em relação ao objeto, enquanto Adler se centrava no aspecto subjetivo. Jung considerou ambas as abordagens como válidas e complementares, concluindo que a maneira diferente de olhar as tipologias pessoais, deram origem a duas atitudes distintas. Desta maneira, o tipo psicológico tem a ver com os diferentes modos de funcionamento e com as possíveis atitudes da consciência do indivíduo em relação ao mundo, aos objetos e aos outros, refletindo a partir de uma perspectiva que envolve aspectos além da leitura subjetiva de cada uma dessas psicologias.

¹ A *Obra Completa de C.G. Jung* é composta por 18 volumes, alguns deles subdivididos em vários textos, que ao final somam 35 livros, aqui indicados após o número do respectivo volume, quando este for o caso.

É importante lembrar que, de acordo com Jung (2013, v. 6, p. 521): “A psique individual não se explica por nenhuma classificação. Contudo, a compreensão dos tipos psicológicos abre um caminho para melhor entendimento da psicologia humana em geral”.

Em observação reforçada por Sharp (1987), Jung (2013, v. 6) afirma que nenhuma pessoa constitui um ‘tipo’ puro, e cada indivíduo é uma conglomeração, uma mistura das atitudes e funções que, em sua combinação, desafiam classificações. Jung sustenta que a descrição de um tipo, por mais completa que seja, nunca se aplica a mais de um indivíduo, apesar de poder caracterizar satisfatoriamente milhares de pessoas.

Ainda segundo Jung (2013, v. 6), não é o propósito da tipologia psicológica classificar os seres humanos em categorias, o que não teria utilidade alguma do ponto de vista do indivíduo. Seu objetivo é, antes, fornecer uma psicologia crítica com capacidade de investigação metódica e apresentação do material de forma mais empírica. Primeiramente, trata-se de uma ferramenta crítica para o pesquisador que precisa de abordagens e diretrizes definitivas para ordenar as experiências individuais e coletivas percebidas, ampliando o seu conhecimento sobre a natureza humana e as diferentes cosmovisões. A citação a seguir, sobre os tipos psicológicos propostos por Jung, mostra o grau de aprofundamento na busca de fundamentos do conhecimento.

Neste sentido, Jung, em seu livro *Tipos Psicológicos*, remete à declaração de Hine:

Platão e Aristóteles! Eis não só dois sistemas, mas também os tipos distintos de duas naturezas humanas diferentes que, desde os tempos imemoriais e sob as mais diversas aparências, se confrontam de forma mais ou menos hostil. [...] Naturezas apaixonadas, místicas e platônicas desentranham das profundezas da alma [...]. Naturezas práticas, sistemáticas e aristotélicas constroem a partir dessas ideias e símbolos um sistema sólido, uma dogmática e um culto (JUNG, 2013, v. 6, p. 17).

Assim, o sistema de tipologia é de grande ajuda na compreensão das amplas variações psicológicas encontradas nos indivíduos. Além de ser um meio essencial para determinar a ‘equação pessoal’² do psicoterapeuta, que a partir de um amplo conhecimento das funções psicológicas expande sua percepção, torna-se mais assertivo para a interação com o analisando, minimizando atitudes tendenciosas e até possíveis erros na condução do processo terapêutico.

² Sonu Shamdasani, em seu livro *Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência*, reconta a história do surgimento da equação pessoal e da sua apropriação por Jung como uma maneira de problematizar a subjetividade da psique no desenvolvimento de teorias no campo da psicologia. Conforme explica Shamdasani (2005), a equação pessoal aparece como questão epistemológica, primeiro na astronomia, onde a diferença nos trabalhos realizados pelos astrônomos se dava por conta de sua subjetividade, ou seja, pela diferença de observações e medições em função da equação pessoal de cada um.

Importante não é saber somente se uma pessoa é introvertida ou extrovertida, ou qual função é superior ou inferior, mas, de forma mais pragmática, poder pensar:

Nessa situação, ou com essa pessoa, como eu funcionava? Com qual efeito? Minhas ações e a forma como me expresse refletem verdadeiramente meus julgamentos (pensamento e sentimento) e percepções (sensação e intuição)? E se não, por que não? Que complexos foram ativados em mim? Para qual finalidade? Como e por que eu baguncei as coisas? O que isso diz sobre minha psicologia? O que posso fazer sobre isso? O que eu quero fazer sobre isso? (SHARP, 1987, p. 91).

Em outras palavras, envolve prestar atenção, durante um longo período de tempo, para onde a energia de alguém flui, quais motivações estão por trás de seu comportamento e os problemas que derivam de suas relações com os outros.

Além das implicações clínicas do modelo de tipologia de Jung, sua importância vem da perspectiva que oferece ao indivíduo para perceber sua própria personalidade. E vai além, enquanto modelo que diz respeito não somente a padrões de indivíduos, mas a toda uma dinâmica da alma humana.

No volume *Tipos Psicológicos*, Jung observa que,

O ideal e objetivo da ciência não consistem em dar a mais exata descrição possível dos fatos – a ciência não pode competir com um instrumento de gravação como a câmera ou o gramofone – mas em estabelecer certas leis, que são meramente expressões abreviadas para muitos processos diversos que são, entretanto, concebidos como estando de alguma forma relacionados. O objetivo vai além do puramente empírico para o conceito, que, embora possa ter sua validade geral provada, vai ser sempre um produto da constelação psicológica subjetiva do investigador. Na construção de teorias científicas e conceitos muitos fatores pessoais e acidentais estão envolvidos. O efeito da equação pessoal começa já no ato da observação. O sujeito vê apenas aquilo que ele pode ver melhor. Mas a equação pessoal tem ainda mais influência na apresentação e comunicação das observações, para não dizer interpretação e abstração do material empírico (JUNG, 2013, v. 6, p. 24-25).

Deste modo, a tipologia idealizada por Jung e a sua influência para a psicologia analítica constituem o objeto primeiro do presente estudo. Partindo do princípio de que esse modelo permeia toda a teoria no campo da psicologia, identifica-se de que forma essa relação acontece, enfocando-se, sobretudo, a questão da polaridade e da energia psíquica, para, através do conhecimento disponível, juntamente com a experiência clínica adquirida nessa área, contribuir para a interação analista-analisando e para a dinâmica terapêutica, com seus processos de individuação e transcendência das.

O perfil tipológico de alguém inevitavelmente afeta sua interação com outras pessoas que possam ter perfis similares, um tanto diferentes ou muito diferentes. Tais interações entre os tipos desempenham papel significativo na dinâmica de qualquer relação íntima, inclusive a terapêutica, onde elas

constituem uma das complicações da transferência/contratransferência (BEEBE, 2005, p. 144).

Do ponto de vista metodológico, tratando de dissertar mais aprofundadamente sobre o modelo proposto pela tipologia de Jung, e de que maneira ele atravessa a teoria da psicologia analítica na *Obra Completa de C. G. Jung*, esse trabalho se debruça a investigar como se comporta o tripé energia psíquica – polaridade - tipos psicológicos, para, em segundo plano, melhor entender o processo de individuação na prática terapêutica. A teoria dos opostos proposta por Jung norteará toda a sua produção científica, constituindo a base para o desenvolvimento da sua tipologia, permitindo pensá-la na prática clínica a serviço da individuação.

1 O TRABALHO DE CARL GUSTAV JUNG: considerações preliminares

O psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) foi provavelmente um dos mais profundos, originais e multifacetados pensadores e teóricos psicológicos do século XX. Nascido em 36 de julho de 1875, numa vila do território suíço, era filho de pastor protestante. Mas foi na Basiléia, um dos principais centros culturais da Europa que concluiu todos os seus estudos, inclusive o curso de medicina. Consta, segundo Silveira (1997) que mantinha com o pai, pastor religioso, uma relação de reservas e crítica ao comportamento acomodado e religioso, e na mãe, percebia duas personalidades, uma que cobrava as atitudes do filho diante da sociedade e do *status* de família de pregadores, e outra, austera, de autoridade, que impunha certo medo. A ideia de Deus o fascinava embora não demonstrasse, em seus registros ‘Memórias de Jung’, nenhum tipo de fervor religioso. (SILVEIRA, 1997).

A amplitude incomum de seus interesses levou-o a examinar campos de estudo tão diversos quanto o da mitologia, simbologia, parapsicologia, astrologia, da religiosidade dos nativos americanos, do xamanismo africano, a alquimia, o gnosticismo, o ocultismo, as antigas tradições espirituais do oriente e algumas outras áreas. Esta busca pode ser considerada como uma expressão de sua inquietude fundamental para compreender, da melhor maneira possível, a realidade psíquica, bem como a relação que esta estabelece com a realidade material externa. Sua necessidade de colocar em palavras e conceitos as experiências pessoais e profissionais o levou a formular as bases para a sua própria abordagem teórica e prática da psicologia humana (SCOTTON; CHINEN; BATTISTA, 1996).

A partir de 1913, Jung passa a se referir à sua própria abordagem sobre os fenômenos relacionados à tipologia como “psicologia analítica”, designação esta que seria associada, desde então, ao trabalho do autor no mundo da psicologia e da psiquiatria. Partindo desta concepção, o nascimento da psicologia analítica explica a inclinação de Jung para encontrar um novo termo, mais amplo e adequado, que designasse uma definição disciplinar e também uma orientação básica, delimitando um entendimento distinto e condizente com seus próprios interesses. Jung (2013, v. 17) justifica que:

De início me baseei nesse método e nessa teoria, mas com o passar dos anos comecei a desenvolver o conceito de psicologia analítica, com a finalidade de exprimir o fato de que a pesquisa psicológica já tinha abandonado a moldura acanhada de uma técnica de tratamento médico, com toda a sua limitação provinda de certos pressupostos teóricos, transferindo-se para o campo mais geral da psicologia do homem normal (p. 58).

É válido lembrar que os tipos psicológicos marcam o momento em que Jung prossegue seus estudos, afastando-se de Freud, dando os primeiros passos no caminho da construção da

teoria da psicologia analítica, que tem como fundamento a noção de tipologia que vai atravessar toda a sua obra.

Assim, como afirmam os analistas junguianos Alister e Hauke (1988), a psicologia analítica nunca foi um corpo congelado ou rígido de teoria e prática. Ela sempre se desenvolveu na medida em que novos entendimentos e formulações se integravam ou substituíam os antigos. O próprio Jung revisou e completou suas ideias ao longo de toda a sua vida.

A dificuldade de sistematização mencionada por Jung não exclui, evidentemente, suas diferentes considerações sobre o desenvolvimento humano. Por exemplo, o analista junguiano Samuels (1989) aponta que os escritos de Jung sobre o desenvolvimento infantil estão dispersos ao longo da obra do autor, e que a esse respeito, parte importante de suas ideias não constam no volume *O Desenvolvimento da Personalidade* (OC 17) que integra *Obras Completas*. Este é o olhar a ser lançado com o foco para os tipos psicológicos, estudando o tema a partir de uma perspectiva mais ampla da obra, para além do intitulado *Tipos Psicológicos* (OC 6).

1.1 A PSICOLOGIA ANALÍTICA

A psicologia analítica é a abordagem psicoterapêutica criada por Carl Gustav Jung e adotada por numerosos “pós-junguianos” teóricos e praticantes nos anos subsequentes. A Psicologia Analítica oferece um mapa da psique humana e tem sido descrita, essencialmente, como uma relação terapêutica que visa facilitar o crescimento psicológico através da realização de uma nova síntese da personalidade do paciente, estando basicamente interessada na ampliação entre os processos conscientes e inconscientes e no aperfeiçoamento do intercâmbio dinâmico entre eles, desenvolvendo-se sempre contra a unilateralidade e buscando a integração entre os pares de opostos.

A investigação psicológica na psicologia analítica considera os fenômenos em seu âmbito individual (sonhos, fantasias, experiências pessoais) e coletivo (mitos, contos de fadas, acontecimentos sociais e políticos), desde que revestidos de valor simbólico, seja para o indivíduo ou para a coletividade que os produz e os vivencia psicologicamente.

Um conceito central na psicoterapia junguiana é conhecido como *Self*, ou si-mesmo, elemento que constitui um todo distinto das partes, distinto também entre dos demais indivíduos, formado pela combinação de processos conscientes e inconscientes que atuam internamente, sendo o centro energético organizador da personalidade, no qual reside o ego, os sentidos de propósito e identidade. Um dos principais instintos do *Self*, de acordo com Jung, é a individuação, que é o impulso inerente à integridade e à síntese, com a função de procurar encontrar o equilíbrio pessoal, garantindo ao sujeito condições de sobreviver diante de conflitos

que o perturbam internamente, e que, por instinto, ele tenta apaziguar, evitando a tensão e promovendo o desenvolvimento psicológica. (JUNG, 2013, v. 16/1).

O objetivo geral da psicologia analítica ou psicoterapia é proporcionar integridade e totalidade à personalidade por meio da “individuação”. Na psicologia analítica, conhecimento equivale à consciência, e o conhecimento e o autoconhecimento são inseparáveis. O processo de aquisição e construção de conhecimento representa a ampliação da consciência, denominado por Jung de processo de individuação. Segundo o autor (2013, v. 16/1, p. 124): “A individuação é o ‘tornar-se um’ consigo mesmo, e ao mesmo tempo com a humanidade toda, em que também nos incluímos”.

Se, para Jung, havia algum princípio fundamental que permeava a realidade humana como um todo, mesmo em suas facetas mais escondidas e menos reconhecidas, esse era a tendência intrínseca e espontânea para a atualização das potencialidades latentes do organismo. Nesse sentido, Jung (2013, v. 16/1) discorre que sempre há uma criança eterna no adulto, que não para de se formar, que nunca estará terminada, e que quer se desenvolver em sua totalidade.

Uma consequência lógica e inevitável dessa visão foi a introdução de uma teoria de desenvolvimento capaz de levar em consideração este princípio básico e, até mesmo, colocá-lo em evidência. Em outras palavras, Jung pronuncia-se sobre o fato de que o crescimento psicológico do ser humano não termina quando a idade adulta chega, mas continua na idade avançada. Levaria dezenas de anos antes que essas ideias valiosas penetrassem os círculos maiores da psicologia acadêmica, e para que Jung fosse redescoberto como pioneiro no campo atual do desenvolvimento de adultos.

1.2 A ESTRUTURA PSÍQUICA

Este tópico descreve os conceitos relativos ao consciente e inconsciente humano; o significado do “eu”, entendido como o centro de consciência e a estrutura dotada de capacidade de reflexão sobre seus próprios processos e dramas existenciais, segundo o pensamento de C.G. Jung. Estes conceitos são fundamentais para compreensão de aspectos vitais que integram o processo de desenvolvimento do indivíduo, contrapondo-se entre si, por um lado e, ao mesmo tempo, buscando a integração do ser e a superação psicológica, visando conformar a personalidade do sujeito.

1.2.1 O consciente na teoria de Jung

O consciente, segundo a teoria junguiana, faz parte de uma “totalidade da personalidade” do indivíduo, juntamente com o inconsciente, e neste aspecto chama-se atenção para a atitude de interação que se dá entre eles. Ambos são aspectos essenciais da vida. A

consciência deve defender sua razão e suas possibilidades de autoproteção, e a vida caótica do inconsciente deve ter a possibilidade de seguir seus impulsos, o que significa uma luta aberta e constante, e/ou uma colaboração simultânea.

1.3 “EU”, CENTRO DA CONSCIÊNCIA

Entende-se por “eu” o sujeito consciente, definido como o centro da consciência, a estrutura dotada de poder de auto percepção e reflexão sobre si mesmo, mesmo que possuindo aspectos inconscientes. Conforme Jung (2015, v. 7/2, p.16), “pode-se afirmar que esses conteúdos são pessoais, na medida em que forem adquiridos durante a existência do indivíduo.” As funções de unidade e permanência do corpo fazem parte desse complexo entendido como “eu”. O “eu” é o desenvolvimento das diferenciações que acontecem entre o mundo interno e o mundo externo, se preocupa em manter a estabilidade e a consistência entre esses mundos para evitar conflitos de tendências opostas, buscando dar sentido da consciência ao sujeito.

Há uma parte do “eu” que se dirige ao mundo exterior, permitindo-lhe ser ele mesmo e fazer parte do funcionamento de um grupo por meio da comunicação. Segundo Jung (2015, v. 7/2, p.86), “a primeira coisa evidente é a incompatibilidade das pretensões exteriores e interiores, ficando eu entre ambas, como entre o martelo e a bigorna.” Pode ser entendido como um fenômeno coletivo, isto é, vincula o sujeito ao mundo. A orientação do “eu” pode permanecer imutável se a *persona*³ for inflexível. Embora seja verdade que os comportamentos pessoais não são completamente os mesmos em ambientes distintos, quer seja, no trabalho, na família, no casal, a integridade da *persona* pode permanecer intacta graças à vontade e ao grau de evolução ou desenvolvimento.

1.3.1 O eu e o mundo exterior

Para dar conta das relações do sujeito com o mundo exterior, deve-se notar a presença da atitude, que é a disposição da psique para agir ou reagir de certa forma, levando em consideração a orientação dos interesses e da energia para o sujeito (*introversão*) ou para um objeto (*extroversão*). Uma pessoa com *atitude introvertida* dá mais importância aos seus julgamentos e opiniões pessoais, e seu comportamento é voltado para sua reflexão interior. Ao contrário, um *sujeito extrovertido* coloca em primeiro lugar as normas e as referências de seu

³ Historicamente, as máscaras são associadas a artefatos de encenação e teatro. Segundo Franz (2016), a *persona* é uma espécie de máscara para encobrir o lado indesejado da pessoa perante a sociedade, escondendo as fragilidades individuais. Despido de suas máscaras, o ser humano equipara-se ao animal que habita nossas profundezas, associado à pré-história da humanidade. Também no passado o homem vestia suas máscaras por ocasião dos cerimoniais e rituais para exorcizar demônios e espíritos interiores.

grupo social a que pertence, baseando suas ações na educação social que recebe ao longo do processo de aprendizado e nas interações que vai estabelecendo na vida – o que pode ser feito e o que não deve ser feito. Suas referências são objetivas em relação ao exterior – o objeto. Seu comportamento é amigável, jovial, é uma pessoa que gosta da socialização. Todo ser humano dispõe de ambas as atitudes de maneira desigual, e dependendo das circunstâncias ou do estilo de vida adotado, ele manifestará seu modo introvertido ou extrovertido de ser, mas pertencerá, fundamentalmente, a um dos dois grupos.

Conforme Jung (2013, v. 6) existem também quatro funções de orientação da consciência que determinam as formas que podem adquirir a libido (energia psíquica): pensamento, sentimento, sensação e intuição.

- Pensamento: é a definição do que é percebido, é de caráter racional com a finalidade de criar um argumento lógico.

- Sentimento: alude ao valor qualitativo das coisas, que são avaliadas ou notadas como prazerosas ou não.

- Sensação: é a função do real, a percepção sensorial imediata das coisas, é a maneira de compreender o existente que rodeia a todos.

- Intuição: é um conhecimento imediato sobre o que é desconhecido, é uma certeza que não necessita de comprovação; transmite a percepção individual por meio de uma via inconsciente.

Jung (2008), no livro *o homem e seus símbolos*, se expressa da seguinte maneira: “A *sensação* (isto é, a percepção sensorial) nos diz que existe algo; o *pensamento* nos diz o que é; o *sentimento* nos diz se é agradável ou não, e a *intuição* nos diz de onde ela vem e para onde vai” (p. 61, grifos do autor).

Estas funções se opõem por pares, Jung (2013, v. 6): pensamento-sentimento – racionais e se apoiam em julgamentos objetivos (pensamento) e/ou subjetivos (sentimento); sensação-intuição – de caráter irracional, pois resultam de uma percepção imediata do objeto externo (sensação) ou de um fato interno (intuição). Esses elementos opostos não podem funcionar simultaneamente, assim, a função principal, a mais desenvolvida, é considerada instrumento do “eu”; a função que a ela se opõe é tida como função inferior, que atua no inconsciente; as outras duas funções – as auxiliares – são mais ou menos conscientes, dependendo do grau de seu desenvolvimento.

As funções se desenvolvem com base na diferenciação, as auxiliares enriquecem a função principal, a equilibram, e o jogo de complementaridade entre o consciente e o

inconsciente conduz o “eu” a uma maneira de compreender o mundo externo na medida das possibilidades do sujeito. A aplicação das quatro funções é a essência do processo consciente.

1.3.2 O Eu e o mundo interior

O “eu” se relaciona com o ambiente interior através de múltiplas manifestações de acontecimentos psíquicos, que são, de certo modo, uma maneira de responder ao que acontece no mundo exterior, resultando em uma interação entre consciente e inconsciente. O modo mais comum e elementar pelo qual a consciência e os conteúdos que nela não estão presentes se relacionam é a memória. É ela que mantém as pessoas unidas através de suas lembranças que não estão na consciência, seja por processos de inibição, que são responsáveis por mantê-las nas profundezas do inconsciente, parecendo inacessíveis, seja devido à pequenez de outras memórias que são muito próximas da consciência, tornando-se, assim, relativamente fácil acessá-las (JUNG, 2008, v. 9/1).

O “eu” tende a “usar” as funções de orientação em sua relação com o mundo, mas deve-se ter em mente que a maneira de interagir com o meio exterior é sempre determinada por elementos próprios da subjetividade individual e da história pessoal que marca cada ser humano. Por isso, este sempre mostrará, embora às vezes muito sutilmente, elementos inadequados ou, aparentemente, não relacionáveis com uma situação objetiva ou real, o que se denomina como contribuição subjetiva de determinada função que está fora da vontade e do controle, que de forma apropriada explica a existência da personalidade inconsciente, intimamente ligada à atuação do “eu”.

O “eu” pode ficar saturado pelos afetos de forma súbita e inexplicável. Somente se pode compreendê-lo a partir de acontecimentos íntimos/interiores a cada ser. São reações internas a um fator externo, e, embora a vontade não possa evitar sua precipitação, pode impedir sua externalização. Assim, o afeto não pode exceder o limite da consciência, como explica Franz (1997), sendo parte de um universo tão profundo, tão distante, que só se pode acessá-lo através de sonhos e fantasias do inconsciente.

1.4 A ESTRUTURA DO INCONSCIENTE NA TEORIA DE JUNG

O inconsciente para Jung é praticamente tudo aquilo que em si não é consciente, isto é, refere-se a todos os conteúdos, processos e experiências mentais aos quais a consciência não consegue ter acesso, não tem poder de interferência, seja na experiência da vida seja na experiência terapêutica. Trata-se de um conjunto de conteúdos que podem estar esquecidos, do ponto de vista da psique individual, ou de heranças comuns do passado de ancestrais humanos,

do ponto de vista coletivo, formado de complexos e de arquétipos, sendo este o conceito mais controverso do autor. (ALMEIDA, NASCIMENTO, RAMOS, FIUSA, 2017).⁴

1.4.1 O inconsciente pessoal

O inconsciente pessoal, também chamado de “sombra”, é a parte desconhecida da personalidade do sujeito que foi reprimida e na qual todas as manifestações são de caráter individual, ou seja, são frutos da experiência de vida particular e da personalidade única do indivíduo. Nas palavras de Jung:

Os materiais contidos nesta camada são de natureza pessoal porque se caracterizam, em parte, por aquisições derivadas da vida individual e em parte por fatores psicológicos, que também poderiam ser conscientes. É fácil compreender que elementos psicológicos incompatíveis são submetidos à repressão, tornando-se por isso inconscientes; mas por outro lado há sempre a possibilidade de tornar conscientes os conteúdos reprimidos e mantê-los na consciência, uma vez que tenham sido reconhecidos. Os conteúdos inconscientes são de natureza pessoal quando podemos reconhecer em nosso passado seus efeitos, sua manifestação parcial, ou ainda sua origem específica (JUNG, 2008, v. 9/1, p. 22).

Além disso, esses conteúdos passam a ser parte do inconsciente pessoal, pois se pode reconhecer a sua existência e os seus efeitos, bem como sua origem. Pode-se presumir que tenham sido produtos da repressão. O inconsciente pessoal é formado a partir das repressões, dos esquecimentos e de todas aquelas experiências subliminares que o sujeito acumula ao longo de sua vida. Algumas manifestações deste inconsciente tendem a constituir “os sintomas” no “neurótico”, os esquecimentos, os lapsos, os sentimentos de melancolia, a solidão, ou seja, manifestações do inconsciente pessoal que devem ser trabalhadas na análise, de forma a torná-las conscientes. Em suma, busca-se identificar e levantar as repressões sofridas para que os elementos de uma ordem puramente pessoal sejam trazidos à tona, à consciência.

Jung discute em seus escritos:

Acentuamos, portanto, que, além do material reprimido, o inconsciente contém todos aqueles componentes psíquicos subliminares, inclusive as percepções subliminares dos sentidos. Sabemos, além disso, tanto por uma farta experiência como por razões teóricas, que o inconsciente também inclui componentes que ainda não alcançaram o limiar da consciência. Constituem eles as sementes de futuros conteúdos conscientes. Temos igualmente razões para supor que o inconsciente jamais se acha em repouso, no sentido de permanecer inativo, mas está sempre empenhado em agrupar e reagrupar seus conteúdos. Só em casos patológicos tal atividade pode tornar-se completamente autônoma; de um modo normal ela é coordenada com a consciência, numa relação compensadora (JUNG, 2008, v. 9/1, p. 13-14).

⁴ Revista Saberes/UNIJIPA. Disponível em: <https://unijipa.edu.br/por-que-a-unijipa/revista-saberes/edicao-2/>. Acesso em: 14 dez. 2019.

No inconsciente pessoal estão localizados os complexos. Mas o que é um complexo? Em suma, é um conglomerado de experiências psíquicas traumáticas ou de questões não desenvolvidas que se manifestam de forma autônoma, com contornos emocionais, o que significa que um complexo pode aflorar independente do arbítrio e do desejo do *eu*. O complexo é formado, em primeira instância, por um elemento nuclear que tem muita significação e, em segunda instância, por associações unidas entre si por uma carga afetiva única. Há casos em que o complexo pode ser tão forte que acaba subtraindo a “autonomia” do *eu*. Como nota Jacobi:

Um complexo que se eleva assim age como um corpo estranho no espaço da consciência. Tem seu caráter fechado, sua inteireza e um grau de autonomia relativamente elevado. Apresenta, em geral, a imagem de uma situação psíquica de distúrbio, que possui um tom emocional vivo e se mostra incompatível com a situação habitual da consciência ou com a atitude habitual. (2013, p. 72).

1.4.2 O Inconsciente Coletivo

Até agora foi descrito o conceito junguiano do inconsciente pessoal, que compreende tudo o que faz parte da experiência do indivíduo –traumas, desejos reprimidos e também a força criativa que está contida nos elementos reprimidos. No entanto, Jung afirma ter descoberto outra camada da psique, mais profunda e ilimitada do que o inconsciente pessoal, que ele chama de “inconsciente coletivo”, a princípio assim denominado por pertencer a toda a humanidade, não sendo exclusivo de um único indivíduo e de sua história pessoal. (JUNG, 2008).

Neste inconsciente estão reunidos arquétipos que vão além do pessoal, pertenceram à cultura e à vivência do homem desde tempos imemoriais. Como assevera o próprio Jung (2008, v. 9/1, p. 24): “Não se trata de ideias inatas, mas de caminhos virtuais herdados. Diante destes fatos devemos afirmar que o inconsciente contém, não só componentes de ordem pessoal, mas também impessoal, coletivo, sob a forma de categorias herdadas ou arquétipos”.

Jung (2008, v. 9/1) tomou a expressão arquétipo no sentido de *Arché*, do grego, como princípio, derivado do verbo modelar; por sua vez, substantivo que indica uma imagem ou modelo, significando que este conceito é o mesmo de imagem que desde o início dos tempos governou a psique coletiva da humanidade, transmitida de geração a geração. A expressão também é encontrada em Fílon de Alexandria, tomada como *Imago Dei* (imagem de Deus). Pode-se afirmar que uma amostra dos arquétipos e da sua existência são os mitos e as lendas, expressões culturais que refletem os tipos psicológicos e uma parte do seu significado. Neste aspecto, é importante notar que o número de arquétipos é desconhecido – ignorado, mas não limitado –, e que este em si nunca será conhecido como tal, sendo que o que dele se sabe ocorre por meio das imagens que o representam.

2 OBJETIVOS

Este estudo analisa a importância do conceito tipológico criado por Carl Gustav Jung, o reconhecido psiquiatra suíço, nascido em 1875 e morto em 1961, para o conjunto de sua obra, e de que forma este modelo perpassa toda a teoria construída no campo da psicologia analítica. Seus conceitos, pensamentos, descobertas e experiências são tratados detalhadamente, em volumes específicos para cada assunto, na *Obra Completa de Carl Gustav Jung* (em alemão *Gesammelten Werke von C. G. Jung*), que é a reunião de dezoito produções do autor ao longo de sua vida.

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a tipologia criada por Jung, do ponto de vista da importância teórica que este modelo representa para o conjunto da sua obra e no campo da psicologia analítica – já que ele se manifesta ao longo de toda a produção do autor, tornando-se uma referência de análise no campo da psicologia analítica e para profissionais da psicoterapia. Elegendo como referências sobretudo os fenômenos da influência dos opostos, da energia psíquica da libido e do processo de individuação, esse levantamento descreve e relaciona tais processos, apontando suas implicações para os indivíduos e, ainda, como o seu estudo pode colaborar para a compreensão do inconsciente e da personalidade individual, bem como a sua importância na realização humana.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esse estudo descreve a questão da teoria dos opostos, relacionando-a à concepção dos tipos psicológicos da forma como entendida por Jung, visando pensar a prática clínica em psicoterapia e contribuir para o processo de individuação. Tomando como base a literatura de referência na área, propõe-se a apresentar o funcionamento da teoria dos opostos, explicando os principais temas a ela relacionados, tais como o fenômeno psíquico da libido, os movimentos de progressão e regressão, bem como a função inferior e os processos de transcendência e individuação.

Analisa ainda, com base nos autores consultados, bem como nas fontes do próprio Jung, a sua contribuição sob a perspectiva da psicologia analítica e a sua relação com o modelo de tipos psicológicos, identificando e explicitando os fenômenos envolvidos no processo de individuação, e transcendência, assim como a relação analista-analisando em última instância, partindo das considerações e debates sobre as contribuições da psicologia analítica para o processo terapêutico a partir da ótica da dinâmica tipológica.

3 METODOLOGIA

A metodologia é destinada a assegurar um critério científico nos caminhos percorridos pelo pesquisador, seja através das ferramentas e técnicas usadas no levantamento de informações, seja pelas abordagens escolhidas para tratar os temas ou ainda pelas análises de dados, no caso da pesquisa de campo. Nos trabalhos de revisão de literatura, esses procedimentos dizem respeito ao recorte dado ao objeto e à forma de relacioná-lo ao contexto e aos assuntos circulares, à seleção de autores e confrontação de seus argumentos, assim como à estruturação e organização dos temas. Reportando-se à sociologia, Becker (1999) fala da metodologia como o conjunto de técnicas e procedimentos que garantem “o grau de confiabilidade do conhecimento assim adquirido” (p. 17) no propósito de elucidar um determinado objeto de estudo. Para Minayo (2000, p. 16): “O método é a alma da teoria”. Deve ser entendido como uma mistura dos conteúdos, pensamentos e práticas, possibilitando a problematização de um tema e a construção da realidade.

Na visão de Oliveira (2011), a metodologia emprega técnicas e procedimentos sistematizados, tendo em vista levantar questionamentos e comprovar determinadas hipóteses de pesquisa. Assim sendo, é essencial nas mais diversas áreas do saber, assegurando os critérios científicos na produção do conhecimento. E como observa o autor, existem diferentes métodos, desde qualitativo ao estatístico ou quantitativo, dos filosóficos ao matemático.

O presente trabalho desenvolve seu tema através de estudo bibliográfico e documental, centrando-se principalmente no conjunto denominado *Obras Completas de Carl Gustav Jung* (editora Vozes), sobretudo no volume *Tipos Psicológicos*, que remete à identificação e uso do modelo junguiano, o qual constitui importante ferramenta de análise da personalidade.

Sobre o método documental, Kripka, Bonotto e Scheller (2015) sustentam:

A pesquisa documental, bem como outros tipos de pesquisa, propõe-se a produzir novos conhecimentos, criar novas formas de compreender os fenômenos e dar a conhecer a forma como estes têm sido desenvolvidos. Ela pode ser utilizada no ensino na perspectiva de que o investigador ‘mergulhe’ no campo de estudo procurando captar o fenômeno a partir das perspectivas contidas nos documentos, contribuindo com a área na qual ele se insere, seja na área da educação, saúde, ciências exatas e biológicas ou humanas (KRIPKA, BONOTTO e SCHELLER, 2015, p. 244).

Passando pela apresentação inicial sobre o trabalho de Jung e pelas considerações gerais sobre tema da psicologia analítica, o tópico descreve o consciente e o inconsciente humano, explicando seus componentes, o eu e o si-mesmo em suas relações entre si e com o mundo exterior. Da mesma forma aponta-se, com base na literatura sobre o tema, como são notados, desde cedo, sinais das atitudes introvertida e extrovertida que serão observadas durante todo o

desenvolvimento da personalidade, da infância à fase adulta. São descritas as principais funções e as características-chave que auxiliam na definição dos traços de personalidade, além de explicação dos conceitos de inconsciente pessoal e coletivo.

O tópico 2 explicita os objetivos gerais e específicos do trabalho, e este, o 3, informa, em linhas gerais, a abordagem documental e as principais fontes consultadas.

O item 4, teoria dos opostos, descreve o que se entende como base da teoria junguiana, da qual depende todas demais vertentes na psicologia analítica. Explora o tema da desconhecida e complexa relação existente entre consciente e inconsciente, que pode ou não ter um final satisfatório. Ainda nesse tópico, e por estar diretamente relacionado à teoria dos opostos, pode-se acompanhar, de acordo com Edinger (2008), o processo denominado de “coniunctio”, identificado por Jung como consciência das influências contrárias, ou ainda como sendo o ajustamento das forças ocultas que se medem até chegar à comunhão, na direção da individuação do sujeito. Esse processo compreende inúmeros e complexos fatores psíquicos, como a regressão e progressão, função transcendente e papel da função inferior, assim como a confrontação ego x inconsciente. Refere-se ainda à prática da alquimia e dos místicos, por entender, assim como revelou Jung, a sua ligação estreita com a teoria dos opostos e por constituir uma prática que representa os processos mentais e o imaginário presentes no inconsciente humano, onde estão presentes as químicas entre os elementos, a combinação de materiais e os novos produtos obtidos, assim como na psique humana.

O capítulo 5 traz os tipos psicológicos idealizados por Jung, com conceitos e significados fundamentais para a sua compreensão, assim como as características que delineiam as personalidades-padrão por ele identificadas. Aqui também são definidos os principais tipos elencados por Jung, e analisada sua relação com as diversas personalidades, que pode ser de característica introvertida ou extrovertida, além de suas diferentes combinações.

No capítulo 6 aborda-se o tema do desenvolvimento psíquico desde o seu estado de inconsciência total até a mais completa realização do sujeito, processo denominado por Jung de “individuação”, não sem antes atravessar pelos conflitos comuns pelos quais passa o ser humano em seu processo de amadurecimento e os estágios que o antecedem. Aqui é descrito ainda o processo terapêutico e as etapas da psicoterapia segundo Jung, que vão desde a confissão até a transformação, assim como também detalha questões ligadas a personalidade do terapeuta e a dinâmica adota na clínica.

No tópico 7, destaca-se a importância do conceito de energia para todo o conjunto da obra de Jung. Por fim, considerações finais consta os resultados obtidos com o estudo e as expectativas de prosseguimento e exploração do tema.

4 A TEORIA DOS OPOSTOS DE JUNG

Esse tópico trata de apresentar o conceito central sobre o qual está ancorada a psicologia analítica de Jung, qual seja, a teoria dos opostos, cuja compreensão permite compreender importantes eixos temáticos que afluem a partir deste conceito. Partindo também de autores estudiosos desse campo, introduz e discute essa vasta e complexa temática com suas respectivas vertentes, a começar, e só para ilustrar, pela luta interminável verificada entre as influências opostas que agem internamente na psique do indivíduo; ou pela produção e circulação da libido, que parece arrastar o homem em direção a certos objetos, enquanto outros lhe causam completa repulsa e aversão; ainda como exemplo pode-se citar a importância dos fenômenos de progressão e regressão, que operam, respectivamente, como uma forma de regulação e adaptação do indivíduo às pressões do meio, e como escape para aliviar a tensão provocada pelos conflitos mais íntimos que afligem a mente humana.

Tendo como principais referências as concepções de Franz (2016), Edinger (2008) e do próprio Jung (2013, v. 8/1 e 8/2), o tópico apresenta algumas das importantes contribuições desses autores para a compreensão de temas da psicologia, no âmbito mais geral, e da psicoterapia em particular, todos perpassados por conceitos levantados pela teoria dos opostos e pela tipologia de Jung, assim como pela energia psíquica. Estas obras constituem importante fontes de conhecimento, fornecendo subsídios teóricos relevantes para o aperfeiçoamento de conteúdos e para as intervenções de profissionais estudiosos da psicologia analítica, envolvendo pacientes com diversas questões, espalhados ao redor do mundo, e que dependem da continuidade das discussões nesse campo tão intrigante e ainda relativamente desconhecido.

O tópico passa também pela discussão da intrincada relação que se estabelece entre o consciente e inconsciente. Em alguns indivíduos, uma tensão mais extrema causada pelo confronto entre esses lados da mente, pode durar mais tempo que o esperado, convergindo, na pior das hipóteses, para a ruptura – quando, não percebendo as próprias razões do inconsciente e os traumas experimentados, a pessoa não lhes dá atenção –, ou para a individuação, quando o paciente, diante de seu desconforto psíquico, deflagrando um processo interno de tomada de consciência de seus opostos, percebendo o seu lado oculto, os conteúdos de que é feito, suas influências e vontades mais profundas, finalmente ‘transcende’, com o surgimento de um ser de substância distinta das partes que o compõem e dos demais sujeitos à sua volta, se afirmando como uno, indivisível e inteiro, e promovendo o nada fácil diálogo e comunhão entre as suas forças binárias. Esse mesmo processo pode também ser percebido como a conciliação dos conteúdos de que o homem é formado, a *coniunctio*, conforme a perspectiva alquímica. O capítulo 6 ainda revisa a literatura encontrada nessa área quanto ao papel que a função inferior

desempenha na personalidade do sujeito e na estrutura tipológica caracterizada por Jung (2013, v. 6), concepção visivelmente afinada com a teoria dos opostos e com a energia psíquica, assim como outros processos não menos importantes relativos ao ser humano.

Entretanto, essa seção não poderia, dada a sua própria dimensão tendo em vista a vastidão e densidade do tema, investigar profundamente todas as questões levantadas. Outrossim, objetiva realizar um apanhado dos principais entre alguns dos inesgotáveis processos psíquicos influenciados pela teoria dos opostos de acordo com a perspectiva de autores que atuam no campo da psicologia analítica e que discorrem sobre este temário.

Vivendo continuamente sob a interferência de energias psíquicas que operam em sentidos contrários desde muito cedo, o ser humano tem o desafio de sobreviver às adversidades e exigências do meio externo e também da relação com seu mundo interno, inclusive satisfazendo as necessidades físicas que lhes são inatas. Ao mesmo tempo, e pressionado por instintos psíquicos e arquétipos do inconsciente, precisa dar vazão às tendências internas desconhecidas, se equilibrando em meio a essas forças e prosseguindo com a vida de forma mais favorável.

De acordo com a psicologia analítica, a distribuição da energia da psique busca integrar todos os elementos constitutivos de um indivíduo que interagem entre si. Ou seja, se existem dois valores ou intensidades diferentes de energia, o fluxo tenderá a passar do valor mais forte para o mais fraco, buscando o equilíbrio. Na realidade, tal fenômeno nunca ocorre de forma conclusiva ou plena, porque se isso acontecesse a psique estagnaria, perdendo sua razão de ser e deixando de atuar. (JUNG, 2013, v. 8/2; EDINGER, 2008).

O que permite que haja transformações na mente e na vida do sujeito é a fricção entre os opostos. Essa premissa é a base na qual Jung se sustenta para explicar a noção de desenvolvimento dos processos psicológicos. Em suas próprias palavras: “E quanto mais forte for a tensão entre os opostos tanto maior será a energia daí resultante, e quanto maior for esta energia, tanto mais intensa será a força de atração consteladora”. (JUNG, 2013, v. 8/2, p. 19). O que gera o acontecer psíquico é a tensão produzida pelo atrito dos opostos. Para Jung, esse elemento é por si só o que propulsiona o viver, sendo esta uma lei da natureza humana. Para ele, a autorregulação é motivada por uma tensão gerada pela polarização, agindo na tentativa de atingir certo equilíbrio.

Este movimento é percebido nos tipos psicológicos, conforme descreve Samuels (1989):

Vimos anteriormente que Jung estava mais interessado na oposição *dentro* dos pares das funções racionais ou irracionais e menos na oposição *entre* tendências racionais e irracionais numa pessoa. Isso se dava porque ele

percebia que verdadeiros opostos compartilhavam uma base comum. (SAMUELS, 1989, p. 109).

Conforme relata Boeree (2006), Jung concebia o caminho da individuação como sendo a harmonia alcançada entre os opostos. Assim o autor explica a acomodação que vai ocorrendo no decorrer do amadurecimento do sujeito:

À medida que envelhecemos, a maioria de nós se sente mais confortável com nossas diferentes facetas. Somos um pouco menos ingenuamente idealistas e reconhecemos que somos todos misturas do bom e mau. Estamos menos ameaçados pelo sexo oposto dentro de nós e nos tornamos mais andróginos. Mesmo fisicamente, na velhice, homens e mulheres se tornam mais parecidos. Esse processo de elevação acima de nossos opostos, de ver ambos os lados de quem somos, é chamado de **transcendência** (BOEREE, 2006, p. 10, grifo do autor).

É importante considerar a questão da libido em Jung, pois o que emerge a partir deste conceito permite melhor entender o significado da psique para o autor, aprofundando no conhecimento de como funciona esse elemento, pensando nos tipos psicológicos, esclarecendo um dos conceitos que o levou à dissidência com o movimento psicanalítico de seu tempo. Expressando-se de forma muito simples e sintética, Jung concebe a libido como sendo a energia psíquica de intencionalidade geral, isto é, como força vital, a ‘vontade’ inerente ao ser humano. Para a psicologia analítica, o sistema psíquico está em pleno dinamismo provocado pelo deslocamento da energia psíquica, sendo esta a força motriz que permite que elementos que formam a psique se unam entre si. (EDINGER, 2008).

Silveira (1997) explica o tipo de valor envolvido no conceito de energia, acrescentando a ideia de metamorfose:

Não se trata de valor em acepção moral, estética ou intelectual. Valor tem aqui o significado de intensidade. [...] Energia psíquica é um conceito abstrato de relações de movimento, algo inapreensível, um X, comparável (mas não idêntica) à energia física. Jung construiu para a psicologia, uma interpretação nos moldes da teoria energética das ciências físicas. Fome, sexo, agressividade, seriam expressões múltiplas da energia psíquica, tal como calor, luz, eletricidade, são manifestações diferentes da energia física. [...] Jung concebe o psiquismo (consciente e in-consciente) como um sistema energético relativamente fechado, possuidor de um potencial que permanece o mesmo em quantidade através de suas múltiplas manifestações, durante toda a vida de cada indivíduo. Isso vale dizer que, se a energia psíquica abandona um de seus investimentos virá reaparecer sob outra forma. No sistema psíquico a quantidade de energia é constante, varia apenas sua distribuição [...]. Se um grande interesse por este ou aquele objeto deixa de encontrar nele oportunidade para aplicar-se, a energia que alimentava o interesse tomará outros caminhos: surgirá talvez em manifestações somáticas (palpitações, distúrbios digestivos, erupções cutâneas, etc.), virá reativar conteúdos adormecidos no inconsciente, construíra enigmáticos Sintomas neuróticos.

Esses vários fenômenos serão a expressão de metamorfoses da mesma energia. (SILVEIRA, 1997, p. 39-40).

4.1 DOS OPOSTOS À CONIUNCTIO

A teoria dos opostos representa a ideia de que o ser humano se move pela influência direta da libido ou da energia que é liberada pelo atrito das forças opostas que atuam internamente no sentido de satisfazer as suas necessidades de sobrevivência e desejos, e para atender ou conter as tendências conscientes ou inconscientes que o impulsionam na direção – ou no sentido contrário – a determinados objetos, sejam eles uma meta, um objetivo ou missão, ou simplesmente uma tarefa. A libido produzida pela atuação das forças contrárias motiva o indivíduo a agir para possuir algo, ou para realizar-se, ou ainda para desviar-se ou afastar-se do que lhe causa estranheza, medo ou repulsa, ou até mesmo a escolher alguém para compartilhar a vida. Enfim, é energia que motiva o indivíduo a sanar suas pulsões de vida mais imediatas e prementes, expandindo ou convergindo para realizar diversas funções, influenciado pelo contexto físico e sociocultural ao qual pertence, e pelos aspectos relacionados à sua própria estrutura somática, psicológica e por características internas que lhes são próprias, conjugadas ainda à sua criação, educação e história.

Para Edinger (2008, p. 13), “os opostos constituem a anatomia mais básica da psique”, resultando da influência de energias contrárias que se medem, se regulam e interagem por oposição recíproca. A energia que flui entre esses polos constitui o fluxo da libido, a força psíquica que alimenta o indivíduo, permitindo-o seguir em frente. Sempre que uma atração ou repulsa forte é sentida por um indivíduo com relação a determinado objeto, ele está, na realidade, sendo estimulado pela ação interna de seus opostos e reagindo a estas influências (EDINGER, 2008). A interação entre os opostos é responsável pelos conflitos e pelas encruzilhadas que se apresentam ao indivíduo, e também uma oportunidade de criatividade, pela intensidade da chama interior, representando a pulsão de vida do indivíduo.

A dinâmica entre os opostos não é capaz de gerar consciência por si própria, entretanto, para que exista uma consciência é necessário que haja a interação entre eles e que esta experiência seja percebida e aceita. Quanto mais se aceita a existência dos opostos, maior é a consciência. Para Edinger (2008), a teoria dos opostos foi evidenciada pela primeira vez com os filósofos pré-socráticos pitagóricos, que enumeraram uma série de aspectos relevantes do ponto de vista da matemática, permitindo-lhes identificar os binários clássicos: par/ímpar; um/muitos; direita/esquerda; curvo/plano; repouso/movimento. Conforme uma antiga teoria, no início, o mundo precisava ser desmembrado em partes, e os opostos separados, visando abrir espaço para que o ego consciente do indivíduo pudesse aparecer. Toda essa explanação,

segundo relata o autor, é representada pelo mito egípcio da deusa do céu (Nut) e da terra (Geb), entidades que inicialmente permaneciam unidas. Para livrar-se do que o segurava, o ego precisou empreender uma força contrária, empurrando para trás o que o prendia, sendo essa a interpretação para a criação de um espaço necessário para que o ego assim conseguisse existir (EDINGER, 2008).

De forma a se fazer notar, e conforme explica a psicologia analítica, o ego precisa se afirmar, se fortalecer, adquirindo identidade própria, negando a força de contenção do todo que o ofusca e corresponde à sua própria origem. Essa atitude, a de dizer não, é essencial para a liberação inicial do ego e para seu subsequente desenvolvimento. Nesse ínterim, cria-se a uma sombra para onde converge tudo o que é negado, uma antítese. E, da mesma forma, o ego deixa de lado a sua imparcialidade, forçado a se identificar mais com um polo ou tendência do que com outra, geralmente aquela que é considerado como sendo positiva ou do bem. Por outro ângulo, para a sombra, são empurradas as características negativas, indesejadas, com as quais não é possível ainda para o ego se identificar. Esse processo acontece universalmente, podendo-se fazer uma correspondência com aquela tendência da humanidade de definir um lugar onde colocar a maldade e a culpa, isolando-a, livrando-se, pelo menos momentaneamente, de sua responsabilidade. Como bem explica Edinger (2008), quando algo de ruim acontece,

O mal deve ser alocado, ele deve ser fixado e estabelecido como ocupando um lugar específico. Quando o mal acontece, a culpa ou responsabilidade deve ser estabelecida sempre que possível. É extremamente perigoso ter o mal flutuando livremente. Alguém deve, pessoalmente, carregar o fardo do mal (EDINGER, 2008, p. 15).

Mais posteriormente nesse processo, o ego vai se reconciliar com a sua própria sombra, mas somente quando estiver maduro o suficiente para suportar-se também como um hospedador do “mal”. Nesse momento, o “canto” (lugar) do mal perde a razão de ser, pois já não consegue abalar de maneira tão significativa e assustadora, nem constitui mais uma ameaça à estrutura psíquica do indivíduo, quando esse finalmente reconhece que é possível hospedar em si forças opostas, aumentando seu grau de consciência e favorecendo a *coniunctio*. Segundo Edinger, “[...] *coniunction* é o objetivo do processo [...]. É o que resulta do procedimento alquímico quando ele finalmente obtém sucesso em unir os opostos. Algo misterioso, transcendente, que pode ser expresso por muitas imagens simbólicas”. É também “[...] a criação da consciência, que é uma substância psíquica duradoura criada pela união dos opostos” (EDINGER, 2008, p. 21-22).

Na fase inicial do convívio entre os opostos, a percepção do movimento é pendular, indo e vindo, proporcionando momentos de inferioridade, com a sensação de carregar um peso,

seguidos de momentos de alívio e otimismo, alternando luz e escuridão. Para Edinger (2008), “[...] a compreensão dos opostos é a chave para a psique – mas é uma chave perigosa, porque estaremos lidando com o maquinário primário da psique. Se a máquina for desmontada poderá não ser possível remontá-la”. Entretanto, o autor anuncia que, esse mesmo “empreendimento perigoso [...] se bem-sucedido, também oferecerá a possibilidade de um aumento da consciência” (EDINGER, 2008, p. 16).

No mundo, os opostos são identificáveis facilmente em todos os lugares, num simples jogo de bola ou em conflitos, assim como também as guerras são expressões da energia da *coniunctio*. Analisando o que escreve Jung em *A Natureza da psique: Dinâmica do inconsciente*, observa-se que, ao nos identificarmos com um dos lados de qualquer disputa, estamos nos livrando da tensão de seres portadores de antagonismo interno, escolhendo um deles, por pressuposto, aquele considera ‘bom’, e isolando o lugar do ‘mal’, tentando nos igualar a tantos outros semelhantes entre a massa. Nesse ponto, ocorre que o ego se torna vulnerável à apropriação, podendo ser absorvido pela opinião coletiva e perdendo parte da sua essência de comportar os opostos imparcialmente, sem ter que eleger um deles, equilibrando a ação de ambos, restando aí a originalidade do ser. Isso só é possível pela faculdade da consciência (JUNG, 2013, v. 8/2).

Como observa Edinger, tanto os sentimentos de derrota quanto de culpa são significativos para o indivíduo. Sem eles, a consciência não tem como amadurecer, e o poder de alojar os opostos não se cumpre, pois é o confronto que ocorre entre ambos que permite ao indivíduo encontrar o *self*, sem o qual a psique não se desenvolve totalmente. O autor, nesse aspecto, expõe a complexidade e ambiguidade do tema, acrescentando que sempre que o indivíduo sente enorme atração ou grande repulsa por algo, ele tende à *coniunctio*, ficando exposto e deixando de existir como tal. Suscetível a essa força de contrários, o indivíduo não deve se deixar enganar facilmente, confundindo-se com uma das partes que o compõem e se anulando, buscando sempre um terceiro elemento, distinto, único e renovado. Referindo-se à *The Psychology of the Transference*, o autor repara que essas demonstrações extremas de apego e repulsa foram percebidas por Jung como oportunidade para que, sempre que aconteçam, sejam experienciadas para possibilitar o conhecimento mais cuidadoso e aprofundado de nós mesmos, do ser mais escondido que habita em nós, tentando perceber onde a libido está localizada em cada um e não porque somos compulsivamente empurrados a favor ou contra determinado objeto ou sentimento (EDINGER, 2008).

4.2 A LIBIDO: progressão e regressão

A descoberta envolvendo a libido, considerada por Jung (2013) um dos mais importantes fenômenos relativos à produção e dispersão da energia psíquica, diz respeito aos processos de progressão e regressão, sendo o primeiro entendido como a expansão da força psíquica no sentido da adaptação e da adequação do indivíduo em resposta aos estímulos do meio, enquanto que a regressão compreende o deslocamento da libido no sentido inverso, na tentativa de atenuar a tensão decorrente de conflitos internos do indivíduo, provenientes da sua dificuldade de se ajustar e da repressão dos impulsos psíquicos, que podem ser, em casos extremos, externalizados de forma neurótica e psicótica. (JUNG, 2013, v. 8/1).

Esses processos, segundo o autor, dão-se sempre de maneira alternada e contínua, embora na percepção do indivíduo, diante da sensação ilusória de adaptação, possa parecer um movimento progressivo. Para Jung (2013, v. 8/1, p. 44), uma determinada atitude passa a ser repetida toda vez que há necessidade de garantir que a situação causadora de constrangimento ou estresse possa ser contornada, sendo que a adaptação só ocorre quando realmente existe uma “atitude orientada correspondente”, que requer, para se concretizar, duas etapas distintas: a primeira, quando se adota a nova atitude de adaptação em face de um novo estímulo; e a segunda, adquirindo-se a capacidade de readaptação sucessiva ao dinamismo do meio, através de outras novas atitudes. A progressão da libido acontece na medida em que se torna necessário que o indivíduo busque continuamente respostas específicas apropriadas a cada variação das condições ambientes, a cada nova situação. A progressão da energia da libido só é exitosa diante da concretização de uma atitude inédita, que, por si só, é orientada e unilateral, sendo esperado, normalmente, que a cada nova vicissitude externa corresponda uma reação específica, já que o dinamismo da realidade requer sucessivamente novas respostas (JUNG, 2013, v. 8/1, p. 44). O autor observa que existem pessoas que sofrem por não conseguirem se adaptar, ocorrendo uma espécie de lapso social, enquanto outras sofrem por estarem excessivamente adaptadas socialmente, não percebendo a invasividade do social sobre sua natureza individual. Nestes contextos, a ideia de individuação passaria a fazer sentido.

O indivíduo, modulando-se por meio da intuição, pode acabar se deparando com uma condição que só consegue ser satisfeita através de uma atitude objetiva, racional, sendo que a energia intuitiva não alcança força suficiente para influenciar e obter o resultado necessário, retardando, desta forma, o fluxo da libido. Sendo assim, esse tipo de atitude é ineficaz, pois interdita o fluxo da libido e neutraliza a pulsação de vida que daí deveria decorrer. Esse represamento da libido gera a “desagregação dos pares de opostos”, provocando a sensação de desconforto pessoal devido ao aumento do “valor psíquico dos conteúdos do consciente”. Conforme explica Jung (2013):

Quanto mais durar o represamento, tanto mais se elevará o valor das posições opostas, que de acordo com isso se enriquecem com associações, incorporando sempre novos territórios de material psíquico. A tensão leva ao conflito; o conflito leva à tentativa de reprimir-se reciprocamente, e, quando se consegue suprimir o partido oposto, instala-se a *dissociação*, a 'cisão da personalidade', o desacordo consigo mesmo, criando assim a possibilidade da neurose. Os atos resultantes deste estado são descoordenados, i.e., patológicos, e adquirem o aspecto de ações sintomáticas; embora, normalmente, sejam parcialmente determinados, eles se baseiam, por outro lado, no oposto reprimido, o qual, diversamente do fenômeno progressivo, não age de forma equilibradora, mas age ao contrário, o que não favorece o efeito, mas o perturba (JUNG, 2013, v. 8/1, p. 45, grifos do autor).

Episódios de sobrecarga psicológica podem, de outra feita, fazer precipitar o lado subjetivo que é permeado de emoções e afetos represados, sujeito a explosões temperamentais. Os pares de opostos do indivíduo carecem minimamente de sincronia em seus processos internos, ou, do contrário, as atitudes e o fluir da energia psíquica passam a se direcionar unilateralmente, sem o contrapeso que seu oposto representa, carreando o indivíduo para um tipo de abismo. Conforme lembra Jung, é o que acontece na externalização de atitudes extremadas e carregadas de intensidade dramática, quando a perda de equilíbrio pode ser facilmente notada, denotando o desequilíbrio psíquico. Em suma, o autor aponta para a questão da importância e dos papéis que essas forças e impulsos contrários representam para o equilíbrio do indivíduo, sejam estes em seus lados conscientes ou inconscientes, sejam nos aspectos presentes nos tipos, sejam nas atitudes de introversão e extroversão, não sendo desejada a prevalência absoluta e determinante de um dos pares sobre outro. (JUNG, 2013, v. 8/1).

O papel dos pares de opostos é estar sempre medindo forças no decorrer dos processos psicológicos de desenvolvimento da psique, ou, do contrário, resultariam sempre na unilateralidade, sem o contrapeso do outro polo do binário. Conforme explica Jung (2013, v.8/1) esse embate pode ser ilustrado na expressão de atitudes transtornadas e carregadas de intensidade dramática, quando a perda de equilíbrio pode ser facilmente notada, denotando a desestabilidade da psique. Ainda segundo o autor, para que ocorra a progressão (adaptação), é necessário que a ação recíproca entre os opostos que se confrontam seja equivalente, para poder alcançar uma resposta satisfatória, uma espécie de desempate. Quando os opostos assumem valores exatamente iguais, se nivelando, a libido é refreada e a progressão fica impossibilitada. Nesse tipo de situação, a polarização, o impulso e o contraimpulso, o sim e o não, se neutralizam, não sendo possível esperar uma ação que possa ser prevalente. (JUNG, 2013, v. 8/1).

As explosões dramáticas do indivíduo em forma de atitudes dissociadas e desarticuladas têm aspecto de sintomas patológicos, justamente por originarem no lado obscuro,

desconhecido. Nesses momentos, a energia oposta dominada passa a transbordar de forma imprevista, desestabilizando o indivíduo, situação esta que não é benéfica em termos de saúde física e mental. Essa força passa a confrontá-lo, “perturbá-lo” intensamente, com características muito parecidas com o lado oposto que vem sendo reprimido, como se fosse o seu espectro. Tal confrontação deflagra o processo denominado de *regressão*, fruto de um movimento reativo inverso e opressor da libido, que fica registrado na consciência como única possibilidade psíquica possível para promover a adaptação do indivíduo a situações de estresse semelhantes.

Camolesi (1993) assim explicita o fenômeno de regressão:

A libido, em seus esforços de responder às exigências exteriores, espalha-se no mundo, mas quando as possibilidades conscientes de que dispõe o indivíduo não são capazes de corresponder a essas exigências, ocorre uma estagnação da libido, isto é, ela se acumula e começa o seu refluxo para o inconsciente, ou seja, a sua *regressão*. (CAMOLESI, 1993, p. 16, grifo meu).

Continuando, a autora relaciona esse processo à atitude de unilateralidade

Esta situação pode ocorrer quando, por exemplo, para se adaptar a uma situação exterior, a consciência desenvolve uma atitude *unilateral*, e ao ocorrer uma nova mudança externa, esta mesma atitude passa a não ser suficiente para uma nova adaptação. Neste movimento de regressão, a libido reanima conteúdos do inconsciente, muitos dos quais foram inibidos pela consciência, por não serem compatíveis com o processo de adaptação. Com o nível energético aumentado no inconsciente, seus conteúdos procuraram uma forma de escape, mas a mesma inibição, que não permitia a esses conteúdos emergirem, faz agora com que eles tenham inicialmente que se manifestarem de uma forma indireta, seja como sintoma ou fantasia. (CAMOLESI, 1993, p. 16, grifo meu).

Para Jung (2013, v. 8/1), quando o binário de opostos perde o seu valor positivo, dada a contenção da libido, configurando-se a nova atitude, esta permanece, entretanto, e via de regra, do lado inconsciente, deixando de ser considerada e raramente podendo se tornar consciente. Nesse ponto, os conteúdos do inconsciente ou da consciência obscurecida, sempre subjugados e dominados pelos sistemas conscientes de controle, vão tomando corpo e se acentuando, com aspectos neuróticos, indícios de complexos ou ainda como condutas sintomáticas. Ilustrações desses sintomas, foram descritas por Freud, sendo encontradas em expressões de fantasias sexuais infantis, nos conteúdos e tendências de natureza torpe, incompatíveis com a normalidade e com os códigos sociais ordenadores de comportamento, irracionais ou até imaginários.

Percebe-se, portanto, que quando é possível se desgarrar de apreciações de costume e de cultura, de avaliações sociais e de julgamentos de valor, desvencilhando-se dos preconceitos associados a tais sintomas e avistando-os por outro ângulo, estes podem ser compreendidos

além de uma simples lógica que os considera como sendo reações extremas, patológicas ou complexos que afligem os indivíduos, mas como sendo expressões reveladoras de talentos submersos da personalidade ou da manifestação das excentricidades artísticas do mundo da mente. Também essas formas de manifestação podem gestar as sementes de novas perspectivas existenciais para a qualidade psíquica e amadurecimento humano, através do processo denominado de individuação, como já se viu anteriormente.

Voltando-se para o fenômeno de adaptação das respostas da psique individual aos estímulos externos, estudado por Jung, esse depende de uma consciência lógica, orientada de forma a poder se desenvolver sem se deixar, no entanto, ofuscar por ações que lhe consumam atenção e energia, como o sentimento, por exemplo, conforme explica o autor. O que resta com conotações inconscientes, que podem interferir nesse sistema racional, deve ser eliminado pela consciência, colocado a um canto, e, para isso, o paciente precisa reprimir sua libido, a sua vontade, o desejo e o impulso no sentido da satisfação do que são consideradas as suas necessidades vitais imediatas e essenciais no momento da adaptação. Em dado momento, a regressão acaba por reativar tais sensações, que passam a aparecer, embora que de forma camuflada (JUNG, 2013, v. 8/1).

Elementos do inconsciente, como a libido, quando ativados no momento da regressão, por uma falha da função pensamento, poderiam complementar de forma satisfatória o processo consciente do indivíduo. O autor os considera como “valiosos germes” (JUNG, 2013, v. 8/1, p. 48). Quando o pensamento falha por falta de ativação de elementos inconscientes no processo de adaptação, a regressão opera exatamente sobre esses fatores, ainda que desenvolvidos de maneira incipiente e de forma arcaica, para configurar a nova atitude adaptativa. De maneira oposta, quando falha na cadeia de elementos adaptativos inconscientes o fator sentimento, ativa-se, pela regressão, o binário oposto pensamento, para que esse venha a acionar a atitude correspondente que promove a adaptação. A regressão, nesse sentido, é um mecanismo responsável por desencadear e demarcar questões da alma no fenômeno evolutivo e adaptativo. A consciência, de início resistindo, pode ceder, pois a adaptação ao meio depende tanto de sua intermediação quanto do domínio do próprio universo interior do indivíduo (alma, ou mundo psíquico). (JUNG, 2013, v. 8/1).

A questão da unilateralidade ocorre também nos processos adaptativos do indivíduo, quer no universo interior ou exterior, sendo que tanto a função sentimento quanto pensamento estão presentes na psique, exigindo ajustes graduais para poder passar de um momento de regressão a outro de progressão, que são igualmente necessários e complementares. A função adaptativa deve, portanto, dispor de ambos os elementos – pensamento e sentimento – para se

balancear. Sem esses ajustes não se retoma o desenvolvimento psíquico do indivíduo. Seria um equívoco deduzir, conforme mostra Jung (2013, v. 8/1) que pensamento e sentimento são funções incompatíveis quando se trata de adaptação, e, portanto, a energia deve ser encaminhada ora a um ora a outro por vez para poder alcançar uma resposta satisfatória de adaptação. O autor observa que tais processos de progressão e regressão não têm a ver necessariamente com a evolução ou com atraso humanos, e não devem ser vistos como carregando em si mesmo sentidos valorativos, ou distinções qualitativas, constituindo apenas uma dinâmica natural da vida que segue seu curso, a dar continuidade aos sistemas vitais. (JUNG, 2013, v. 8/1).

Traçando um paralelo com os mitos enquanto representações do universo psicológico do homem, Jung argumenta que é difícil contrariar correntes de pensamento que os concebem apenas como criação cultural humana para explicar os fenômenos naturais e tranquilizar o espírito frente dos ancestrais humanos aos acontecimentos inexplicáveis e amedrontadores da natureza e do mundo primitivo à sua volta, mesmo concordando que tais simbolismos não deixam de ter um papel nesse sentido.

Para Hoffmeister e Werres (2019),

[...] de uma forma geral, a mitologia circula as margens do social, cada vez mais distante de sua origem. Fantasiar sobre seres mitológicos, deuses, monstros e heróis, vai deixando de fazer parte daquilo que define um povo ou uma cultura. A cada mito que é esquecido, vai se apagando cultural e psiquicamente, a própria capacidade do ser humano se reconhecer e de, novamente, se recontar. (HOFFMEISTER; WERRES, 2019, p. 13).

Refutando as tendências da teoria naturalista nesta direção, era possível, segundo Jung, dizer que para os ancestrais humanos fabular era tão necessário, social e culturalmente falando, como dar um sentido a fenômenos naturais do universo ainda sem explicações racionais e científica. Um grande número de pacientes atendidos por Jung (2013, v. 8/1) alimentavam fantasias que não haviam sido ‘elaboradas’ no lado consciente da mente, como é suposto pensar, sendo produtos que brotaram no campo do próprio inconsciente, irrompendo de dentro para fora, como uma espécie de revelação e intuição, como mecanismo imperativo e eficiente para projeção dos conteúdos escondidos em seus inconscientes, os assolando, constituindo imagens do lado obscuro da mente em busca de luz e expressão. A recorrência desses tipos de manifestações remete aos mitos primitivos da humanidade, além de guardarem grande semelhança com tipos de conteúdos encontrados em várias partes e épocas da história da humanidade. (JUNG, 2013, v. 8/1).

A respeito da atração que mitos e lendas exercem ainda sociedade contemporânea, Silveira (1997) já levantava algumas questões:

Que significação poderá ter para o homem da era atômica a narração dos feitos de deuses nos quais ele não crê, ou das aventuras de heróis que os atuais astronautas ultrapassaram? Nenhuma, aparentemente. Entretanto os mitos continuam a fascinar. Os estudos e as pesquisas recentes no campo da mitologia multiplicam-se, conduzidos não só por psicólogos, mas igualmente por antropólogos e sociólogos. Mesmo livros de qualidade duvidosa, pseudocientíficos e romanceados, desde que tratem de mitos, encontram sempre público ávido. Este interesse crescente por temas que se desenvolvem num plano tão distante da realidade pragmática de nossos dias dará alguma indicação sobre a psicologia do homem ocidental moderno? Será talvez um fenômeno de compensação ao extremado racionalismo de nossa época? (SILVEIRA, 1997, p. 113).

Para Silveira (1997), com essa teoria, Jung fornece mais uma razão para explicar o porquê do interesse do homem ainda hoje na história dos mitos, uma vez que já estariam extintas as razões contextuais e culturais que os justificariam, já que a sociedade moderna está provida de explicações científicas e racionais para grande parte do que de outra forma poderia atormentar. Segundo ela, os mitos retratam experiências vividas pelo homem e seus ancestrais repetidamente durante milênios, o que explicaria o padrão encontrado nessas expressões, mesmo entre grupos afastados geograficamente e temporalmente uns dos outros. Existe um material básico, que segundo ela, fornece a substância comum para elaboração dessas figuras, de aparências diferentes a depender de cada contexto e cada cultura. (SILVEIRA, 1997).

Do ponto de vista do deslocamento da energia, tanto a progressão quanto a regressão constituem processos que envolvem o direcionamento da força. Quando alguma energia é represada, conforme explica Jung (2013, v. 8/1), se vê forçada a encontrar novos caminhos para poder fluir e escoar, podendo apresentar uma configuração alternativa nesse trajeto em que tenta se desviar de algum obstáculo, e a sua reação se dará com a intensidade contrária equivalente à força que lhe é imposta. Do ponto de vista da progressão e regressão, quando se considera a libido, constata-se que essas forças são quantitativamente equivalentes, não importando sua qualidade ou natureza. A necessidade imperiosa de se adaptar ao percurso ou ao meio impõe dificuldades específicas para cada processo de individuação, mas também significa novas possibilidades que podem ser abertas ao indivíduo para descobrir como reagir em conformidade consigo mesmo, encontrando e se deixando influenciar também por seu conteúdo mais profundo, tendo a chance de dar vazão a impulsos e a pulsões interiores que estiveram adormecidos ou esquecidos até então, podendo revelar, assim, a sua faculdade singular como ser consciente e decisivo (JUNG, 2013, v. 8/1).

Para que a progressão possa se concretizar é necessário reter, restringir e mesmo direcionar todo e qualquer tipo de manifestação do inconsciente que consuma a energia, e que estaria, caso lhe fosse dada a devida atenção, a favor do processo de individuação do paciente. De maneira oposta, a regressão representa a necessidade primária de se recolher ao mundo interior com a perspectiva de aliviar a tensão, atendendo aos chamados da individuação. Mas a necessidade de adaptação ao meio, por outro lado, só pode ser satisfeita quando a energia do mundo interior flui relativamente bem, trilhando com o mínimo de constância; enquanto sua recíproca também é verdadeira, ou seja, as mínimas condições de adaptação ao meio exterior são requisitos para o bem-estar geral do indivíduo, ou para usar as palavras do autor, possibilitam encontrar a “harmonia interior” (JUNG, 2013, v. 8/1).

O descuido com tais condições somente pode ocorrer isolada e momentaneamente, pois, simultaneamente, é impossível satisfazer exigências de adaptação em sentidos antagônicos. Se um desses ajustes ocorre em uma única direção de forma predominante, acaba por sufocar a demanda contrária, que não encontra alternativa a não ser extravasando e irrompendo compulsivamente, como a reclamar atenção. Dessa maneira, se este processo não for compreendido a tempo, pode tomar proporções imprevisíveis e indesejadas. É este movimento que permite a comunicação, o vínculo, a interdependência e a alternância entre os processos antagônicos e complementares como a progressão e a regressão. Portanto, depreende-se que, tanto a progressão quanto a regressão, como produtos de deslocamento de energia entre processos externos e internos, conscientes e inconscientes, devem ser compreendidos de forma mais sistemática e aprofundada, como mecanismos de modulação da energia psíquica, ou canais de escoamento da libido de um ponto a outro. A regressão é necessária para que ocorra a subsequente progressão e vice-versa, sendo imprescindíveis que existam pontes entre ambas, se retroalimentado mutuamente. (JUNG, 2013, v. 8/1).

A progressão e a regressão são, portando, segundo Jung (2013, v. 8/1), processos que podem estar associadas às atitudes de introversão e extroversão. Tanto uma quanto outra podem ocorrer de forma extrovertida ou introvertida, com manifestações que denotam dois tipos de atitudes diferentes: uma que se concentra mais em objetos à sua volta (ao exterior) em detrimento do interior; e outra que dá mais atenção ao eu (mundo subjetivo) do que ao meio e às suas condições, quer se trate de um processo de adaptação ao exterior ou do processo inverso. Concluindo, são movimentos que ocorrem para frente e para trás, para dentro e para fora de si mesmo. É um erro, segundo o autor, tentar concebê-los em termos de valores comparativos. Ambos constituem mecanismos essenciais à sobrevivência humana.

Toda a discussão sobre os processos de progressão e regressão na psicologia analítica trazem à tona a questão da energia psíquica, a qual necessita se deslocar entre pontos de grandezas opostas do indivíduo, abrindo vias de mão dupla, de forma a tentar equilibrar as forças que operam no interior da mente do indivíduo: entre consciente e inconsciente, das funções principais para as inferiores, entre as múltiplas tendências encontradas na personalidade humana, como se verá adiante, procurando abrir caminho para transitar e poder acomodar as inclinações e atitudes que o impelem ora a se abrir ou se fechar, ora a se concentrar nas coisas mundanas ou no próprio universo interior, sendo que, em cada pessoa, esse fluxo assume contornos característicos de acordo com a trajetória, biologia e contexto sociocultural, sistema este que a abordagem tipológica pode contribuir para compreender. (JUNG, 2013, v. 8/1).

Ou seja, o processo de regressão é um mecanismo essencial e compensador que aciona elementos opostos que se alojam na consciência e no inconsciente, assim como as forças contrárias, funções principais, auxiliares e inferiores que conformam uma personalidade, de forma a evitar o colapso e a ruptura do indivíduo. Por isso mesmo, a regressão, entendida como um movimento inverso à progressão, mas não inferior, converge a atenção para o interior para promover o ajuste necessário e momentâneo, não devendo ser vista no sentido estereotipado de retrocesso e atraso (a não ser que o indivíduo permaneça indefinidamente nesse estágio), e sim como um recurso necessário de mergulho na alma, de imersão no mundo interior e nos conteúdos do inconsciente que, de outra forma, ficariam para sempre recolhidos e ignorados. Todo esse retorno ao interior objetiva a recuperação da energia de expansão do indivíduo, mesmo que por algum tempo ele não consiga perceber esse movimento positivamente, uma vez que se sente – como é natural –, acuado e constrangido, com a sensação aparente de recuo à infância, como uma volta melancólica ao estágio inicial. (JUNG, 2013, v. 8/1).

4.3 FUNÇÃO TRANSCENDENTE E CONFRONTAÇÃO EGO X INCONSCIENTE

A função transcendente no campo da psicologia analítica, de acordo com Jung (2013, v. 8/2), é um processo de natureza física, composto de valores reais e imaginários, derivado da combinação de conteúdos conscientes e inconscientes que fazem parte da psique humana. Partindo de sua experiência clínica de campo, Jung demonstra através de fatos reais abordados pela psicoterapia que o consciente e o inconsciente dificilmente caminham juntos, precisando confrontar seus conteúdos e inclinações, tendências e manifestações. A falta de paralelismo não se deve a uma simples casualidade, pois é esperado que ambos os lados da mente humana devam interagir de forma compensatória entre si.

Para Jung (2013, v. 8/2) os conteúdos inconscientes, que, ao que tudo indica, são de natureza preambular, introdutória e rudimentar, permanecem recolhidos no interior do indivíduo. Enquanto isso, a consciência, por seu papel regulador, é inibidora dos impulsos instintivos, agindo no sentido de controlar as influências subterrâneas herdadas dos ancestrais da espécie humana, diga-se de maneira direta, considerados pelo senso comum como sendo malcomportados – no sentido de francas, puras, sem amarras sociais –, censurando-os, realizando uma espécie de freio, direcionando-os para um canto escondido e sombrio – o inconsciente. Eis porque o autor considera que este processo é dirigido, pois existe uma ação consciente sobre o comportamento e as reações consideradas inconscientes no sentido de indicação do lugar que devem ocupar, explicando a relação binária. (JUNG, 2013, v. 8/2).

Tal assertiva é comentada por Damião (2010), ao discutir que a falta de paralelismo entre consciente e inconsciente é possibilitada pela permanente troca de energia entre eles, justificando a diferenciação de ambos, mas também a unidade dinâmica que compõem juntos. Observa que modo de organização da consciência persegue padrões de persistência, regularidade e intencionalidade, sendo que carece de mobilizar a energia no sentido de manter conectados as suas informações de personalidade, experiências, para manter o indivíduo estável. Já o *modus operandi* do inconsciente segundo conclui, “é solitário, ao modo de funcionamento dos símbolos”. (DAMIÃO, 2010, p. 8).

Sobre a relação entre símbolo e a transcendência, descreve Damião:

O símbolo é o mecanismo pelo qual a dicotomia entre consciente e inconsciente será desfeita, entre externo e interno, pois este passa a ser uma ‘encarnação’ do psiquismo como uma totalidade não fragmentada, ou seja, o símbolo reúne em sua constituição todas as possibilidades de compreensão e reúne os opostos em uma unidade não fragmentada. Dessa forma, o símbolo é a função transcendente tanto quanto é o processo pelo qual a função transcendente se realiza (DAMIÃO, 2010, p. 10)

Embora, às vezes, Jung se utilize do termo complementar para se referir a essa relação binária entre consciente e inconsciente, ele considera que o segundo geralmente exerce um papel compensatório em relação ao primeiro. Esta relação complementar dá-se como forma de um “processo momentâneo de adaptação” (JUNG, 2013, v. 8/2, p. 13), no qual a inconsciência conserva todos os impulsos e lembranças renegadas do passado do homem e a herança do espírito humano que determina padrões de comportamentos ainda hoje: os arquétipos. Por último, é no inconsciente que está a possibilidade de combinar todas as fantasias de caráter ainda preliminar, para que, diante de situações apropriadas, possam eclodir, tornando-se perceptíveis ao campo da consciência do indivíduo para que este dê-lhe alguma atenção. Como

ressalta o autor, em pacientes neuróticos, na mente dos quais o limite que demarca os territórios do consciente e do inconsciente é tênue, essa separação é confusa e diluída, permitindo aparições no campo do inconsciente; entre os psicóticos, o inconsciente tende a predominar, determinando as manifestações de transtorno do indivíduo. (JUNG, 2013, v. 8/2).

Sem as habilidades e feitos permitidos pela consciência dirigida e determinada, da forma como a conhecemos hoje, as funções humanas consideradas comuns na sociedade moderna e contemporânea estariam comprometidas. Embora a aquisição da unilateralidade tenha custado caro à humanidade, dado que é preciso se concentrar, priorizando determinada função e renunciando às demais para concretizar certas atividades valorizadas socialmente e para alcançar metas impostas ao indivíduo. Sem essa unilateralidade muitas conquistas não existiriam.

Então, se por um lado, a repressão do inconsciente acarreta em alguns aspectos um ganho material social, científico e histórico, em termos de unilateralidade, por outro, acaba coibindo as manifestações genuínas, que de outra forma estariam desimpedidas para florescer, caso a sociedade e seus indivíduos estivessem preparados para entender essas contribuições. De sorte, em algumas pessoas, essa fronteira apresenta-se maleável, como observa o autor (JUNG, 2013, v. 8/2).

Sendo assim, o autor chama atenção para a necessidade de que, em cada indivíduo, esse processo possa ocorrer com certo equilíbrio, permitindo tanto o exercício da determinação e da integração social, as necessidades diárias de adaptação e sobrevivência social, quanto igualmente satisfazendo aos chamados estímulos e exigências do seu *eu* interior. A questão, conforme argumenta o autor, estaria em distinguir quais seriam os elementos indesejáveis nesse processo. (JUNG, 2013, v. 8/2). Problematizando-se a questão colocada por Jung, ao optar por um determinado caminho, o indivíduo, estará assumindo um ato carregado de intenções e de conotações de valor influenciadas pelos códigos sociais vigentes; ao se escolher a experiência coletiva e sociocultural como parâmetro para atingir um certo objetivo descarta-se a contribuição do novo, o comportamento original, que acaba por ficar relegado como pertencente ao lado desconhecido da mente, e que, de outra forma, poderia acrescentar e agregar ao processo transcendente. (JUNG, 2013, v. 8/2). Mais uma vez, como explica Edinger (2008) seria a possibilidade de alcançar o resultado exitoso da união entre os opostos.

Dessa forma, um processo dirigido guarda uma tendência à unilateralidade, ainda que possa parecer às lentes de determinada sociedade ou cultura o contrário, plurilateral e imparcial. E nesse ponto, a própria racionalidade pode ser questionada, já que o homem, como ser dotado de subjetividade e esquecido de seu pertencimento, como integrante de grupos, tende a não se

distanciar de seus próprios objetos para poder compreendê-los e assim julgá-los de maneira relativizada. Portanto, o critério da racionalidade das escolhas individuais estaria por si prejudicado. Todo processo para ser dirigido e concluído depende de unilateralidade. Mas, a unilateralidade guarda um valor ambivalente, pois comporta uma resistência latente que poderá emergir no consciente de forma desastrosa quanto mais tempo persistir a pressão para reprimir os impulsos da libido. (JUNG, 2013, v. 8/2).

A psicologia analítica depara-se com o fato de que muitos pacientes, diante de traumas vivenciados no passado, resistem em abandonar a terapia com medo de que o inconsciente se aposses de maneira imprevista e incontrolável de suas vidas, posteriormente ao afastamento do consultório, ou alta da terapia. Era consenso até recentemente, pela abordagem freudiana, que pacientes estariam aptos a seguir sua vida normal fora do consultório após serem capazes de interpretar seus sonhos sozinhos, baseados na experiência que adquiriram através da clínica analítica. A prática, entretanto, vem contradizendo esse pensamento, segundo Jung (2013, v. 8/2), não sendo raros os casos de analistas surpreendidos com a dificuldade de interpretar os próprios sonhos inusitados. Com isso, estaria, segundo Jung, refutada a esperança de que Freud considerasse que o inconsciente pudesse ser completamente conhecido. Considerando-se o histórico de afetos entre os dois pensadores, há que se observar com certas reservas as indicações de que o inconsciente, segundo Freud, pudesse ser totalmente compreendido. Da mesma forma, os julgamentos de Freud sobre o ex-colega devem ser relativizados.

A ideia de que a análise seja a esperança de um tratamento que resulta em cura definitiva, segundo Jung (2013), não procede. O tratamento nada mais é do que um recurso para ajustar as atitudes com a interveniência de um mediador, que ajuda a modular as funções e comportamentos psicológicos quando esses fogem ao controle do próprio paciente, perturbando a sua vida cotidiana. Jung enfatizava que, “[...] convêm termos sempre presente que a vida do inconsciente prossegue o seu caminho e produz continuamente situações problemáticas” (JUNG, 2013, v. 8/2, p. 17).

Nesse sentido, para Barrieu e Parisi (2017) estaria claro para Jung a falta de sentido em pensar em uma cura definitiva, devendo este processo psicoterápico ser encarado mais como uma constante busca para conhecer, ajustar e superar as dificuldades de interação entre consciente e inconsciente, requerendo uma espécie de manejo permanente. Para elas, o autor tinha plena consciência acerca da impossibilidade de eliminar todas as dificuldades, já que o intento não era a felicidade plena, e sim minimizar o sofrimento. (BARRIEU e PARISI, 2017).

Mecanismos de controle social são bem-sucedidos de forma geral no sentido de ditar os códigos de comportamento e controlar reações esperadas dos indivíduos em resposta a

determinadas situações de tensão, sendo que as atitudes coletivas consolidadas socialmente têm o papel de regular as situações causadoras de conflitos para integrantes de uma dada coletividade. A grande questão que se apresenta diz respeito aos casos especiais que surgem e que não estão previstos pelo costume geral, demandando uma intervenção especial, nem sempre podendo atender às especificidades que se apresentam e gerando, assim, a necessidade de priorizar as demandas mais comuns e corriqueiras em detrimento de outras mais específicas, causando um certo prejuízo aos enfrentamentos particulares de um indivíduo. Nas palavras do autor: “Nenhuma solução racional pode fazer justiça a esta tarefa, e não existe absolutamente nenhuma norma coletiva que possa substituir uma solução individual, sem perdas” (JUNG, 2013, v. 8/2, p. 17).

O curso natural da vida, com seu dinamismo e ineditismo, imporá sempre contínuas readaptações das atitudes dos indivíduos, mesmo daquelas cristalizadas em busca de superar os principais conflitos e constrangimentos na vida. E mesmo entre pessoas com um processo bem-sucedido de clínica analítica é possível encontrar aquelas que apresentam dificuldades futuras consideráveis. Tais registros representam um balde de água fria nos ânimos dos profissionais mais otimistas quanto à cura terapêutica definitiva de pacientes, sendo certo que o homem está em constante modificação e que é a certeza da mudança que faz o deslocar para frente, falando no sentido da transformação.

A questão que o autor debate na sequência tem a ver com a seguinte problematização levantada: “[...] que espécie de atitude espiritual e moral é necessário adotar frente às influências perturbadoras, e como se pode comunicá-la ao paciente?” (JUNG, 2013, v. 8/2, p. 18). Em não se tratando absolutamente de eliminar de vez o inconsciente, dada sua importância como contrapeso para compensar a unilateralidade prática que se exige do consciente para cumprir as ações do dia a dia, denomina-se de *transcendência* o movimento de deslocamento da energia de um campo a outro, de uma ação ou atitude para outra, do inconsciente para o consciente, sem que haja perda de substância inconsciente.

O terapeuta só pode ajudar os pacientes que o procuram se tiver conhecimento suficiente sobre as suas potencialidades, características e vulnerabilidades, e no momento da clínica em que estes últimos passam a externar as suas próprias percepções, na medida em que essas se tornam conscientes. Esse método Jung denominou de método construtivo. É por seu intermédio e com a competência e facilitação do terapeuta que se torna possível conjugar os conteúdos mentais do inconsciente com aqueles do consciente, até que uma nova atitude possa ser alcançada. Tanto é que é nessa competência clínica do analista que o paciente deposita esperanças de tratamento e administração de seus problemas, processo chamado de

transferência na psicoterapia. A dependência que o paciente sente do terapeuta e a confiança que nele deposita pode representar, no sentido figurativo, uma volta ao passado, à infância, época em que este recebia a proteção e o apoio dos pais, e que está associada à origem de fantasias de natureza erótica, tendo as figuras do pai e da mãe como provedores (JUNG, v. 8/2, 2013). Entretanto, como descreve o autor, a explicação para a transferência não está somente em seus antecedentes, não devendo se deter aí o trabalho de terapia clínica. Outrossim, deve-se ter em mente um objetivo construtivo, pois se o processo estaciona na simples redução por responsabilidade do analista, pode-se tornar entediante e infrutífero. A consciência desse fato faz toda a diferença no processo terapêutico, dando-lhe novo alento.

A função transcendente, pois, está associada estreitamente ao tratamento construtivo do inconsciente, ao focar seus significados e sua finalidade. Jung chama atenção, nesse aspecto, para o fato de que a utilização de símbolos durante as atividades de clínica psicoterapêutica – como imagens oníricas e fantasias – é de enorme importância para a compreensão do que ainda está submerso na mente consciente, não sendo conveniente, ainda, substituir esse processo por análises sistemáticas, racionais e elaboradas, pois o que importa nesse estágio é o propósito que se quer alcançar.

Muitas vezes, o próprio paciente fornece toda a informação necessária por meio de mensagens figurativas, através de seus sonhos, de fantasias e de outras técnicas para a interpretação ativa do conteúdo que está em seu inconsciente, e é possível que não exista a necessidade de se construir analogias no processo terapêutico. Pode parecer que a função transcendente seja artificial uma vez que é sustentada pelo analista. O sonho poderia ser um recurso efetivo no caso de os pacientes que recebem alta, não fosse essa uma prática difícil de ser viabilizada, além de ser dependente da mediação e coordenação externas. O sonho é um produto bruto do inconsciente, e as deformações que podem por ventura decorrer ao entrar em contato com o consciente e ao ser interpretado pelo paciente não devem ser vistas com importância significativa, pois como explica o autor, são também um viés do inconsciente. E por se originarem de um estado mental que se assemelha ao de semissonolência, como no momento que sucede o despertar, tais distorções da interpretação do paciente não devem ser julgadas propositais ou mal-intencionadas (JUNG, 2013, v. 8/2).

Sendo um fenômeno que acontece durante o sono do indivíduo, o sonho exige pouco desgaste de energia, até o momento em que o aumento da tensão o torna dotado de sentidos e permeado de associações. A baixa tensão energética durante o sono o mantém como produto inferior, no sentido de estar desordenado, desfigurado, sendo por isso difícil de ser entendido do ponto de vista racional e construtivo. Jung explica que os sonhos “[...] são também

expressões inferiores de conteúdos inconscientes, muito difíceis de entender sob o ponto de vista construtivo, mas, frequentemente, mais fáceis de compreender sob o ponto de vista redutivo” (JUNG, 2013, v. 8/2, p. 33). Por isso, a técnica que envolve interpretação dos sonhos não é inteiramente recomendada para a função transcendente, exigindo um grande esforço profissional para reconstituição e estruturação desses conteúdos até conformá-los em um todo, dando-lhes sentido lógico.

Outros recursos terapêuticos alternativos à interpretação de sonhos podem ser utilizados, mostrando-se mais eficazes a depender da situação clínica e do indivíduo. Durante o estado de vigília do paciente, por exemplo, técnicas clínicas conhecidas como “associações livres”, ideias desconexas, falhas de memória, diferentemente do processo redutivo, extraem material importante para análise do processo construtivo do indivíduo em psicoterapia, sendo, por isso mesmo, também indicadas. Dessa forma, as fantasias espontâneas tendem a um formato mais lógico e estruturado, sendo mais facilmente induzíveis aos pacientes. Alguns deles podem até responder melhor a essas técnicas, facilitados por meio de exercícios e relaxamentos que requerem menos energia, e podendo assim, serem capazes de assumir uma posição vigilante e crítica. Podem também ser alcançadas através de treinos especializados, sendo considerável o aumento dessa ferramenta clínica na modernidade. O treinamento consiste de exercícios específicos orientados para dispersar a atenção crítica dos pacientes, uma espécie de relaxamento que cria uma atmosfera favorável e estimulante para o fluir mais espontâneo (menos vigilante) da consciência (uma espécie de vazio), despertando as fantasias. A dificuldade na utilização do recurso encontra-se na exigência de que as fantasias estejam realmente em estado latente, o que nem sempre é possível garantir. (JUNG, 2013, v. 8/2).

Quanto à terapia, Jung propõe algumas questões que frequentemente aparecem com relação à utilização de técnicas terapêuticas de consultório, já que algumas soam estranhas, por serem desconhecidas no meio acadêmico e clínico e do público em geral. Uma questão que o autor julga pertinente no sentido de evitar desentendimentos desnecessários entre os profissionais diz respeito à razão para se estimular os conteúdos e fantasias do inconsciente através de técnicas de consultório. Segundo ele, não se deve simplesmente facilitar para que venham à tona naturalmente, uma vez que se deseja “esvaziar” o inconsciente desses conteúdos incômodos para assim poder torná-los “controláveis” e inofensivos. (JUNG, 2013, v. 8/2, p. 23). Em outras palavras – para que forçar o inconsciente ao invés de esperar que ele simplesmente se manifeste espontaneamente? Para o autor é importante discutir essa questão para que ela não desvie a atenção quanto ao que ele julga realmente importar – o bem-estar do paciente – e, sobretudo, porque os que sofrem com experiências desagradáveis de manifestação

inesperadas do inconsciente são aqueles que mais têm a ganhar com o reconhecimento destas práticas terapêuticas de conhecimento e controle do inconsciente. A questão é justamente conhecê-los e conduzi-los de forma a torná-los previsíveis, evitando, assim, que essas manifestações tomem de surpresa os pacientes, no caso daqueles que já estão traumatizados com situações-surpresa desagradáveis que se manifestam inesperadamente (JUNG, 2013, v. 8/2).

A ação do inconsciente está sempre presente na vida do homem sem que seja preciso sinalizá-la necessariamente; entre os primitivos, o baixo nível de tensão existente entre os mundos espiritual e concreto, entre o simbólico e o real, entre o eu e o *self*, não consome nem desvia tanta atenção, nem requer esse tipo de processamento. Quanto menos consciência da cisão entre o mundo consciente e o inconsciente menor a tensão provocada entre os dois mundos, e mais o primeiro pode se apropriar naturalmente dos conteúdos e manifestações submersas sem razão de alarde. É assim entre os povos primitivos. Quanto menos eles têm consciência que opera neles um lado inconsciente como tal, mais correntes e naturais são estas manifestações, e menos problemas elas representam, por não acionarem a consciência quanto a um fato estranho (JUNG, 2013, v. 8/2). Sendo assim, a noção de tensão entre consciente e inconsciente, geraria, nesse estágio da humanidade, menos desgaste entre ego e inconsciente, com menor chances de produção de mal-estar e desconforto psíquico e desajustes sociais.

A psique como um sistema regulador da mente humana, vem perdendo sua função, dadas as exigências das sociedades modernas no sentido da atenção dirigida, da concentração, no sentido de busca de um fim, convergindo a energia para uma direção única (unilateralidade). Comparando-se a uma engrenagem mecânica, este sistema se tornou um ajustador imperceptível diante das demandas modernas urgentes, se sofisticando para suavizar as passagens de marcha, amenizando os trancos, as irregularidades aridez do terreno, fazendo com que o indivíduo não perceba as ameaças e ficando a mercê de um comando unilateral, arbitrário (JUNG, 2013, v. 8/2).

Diante de atenção que converge para um determinado ponto, os mecanismos da psique funcionam como equipamentos reguladores, como amortecedores dos impactos, para que não sejam percebidos, e para que continuemos a perseguir as metas impostas externamente, de forma que a contrarreação interna se mostre incapaz de ser ouvida, de se fazer sentir, abafada pelo sistema compressor que impede uma reação, em detrimento do eu. Esse condicionamento da mente, a persistir durante longo prazo, termina acarretando prejuízos à própria saúde física e mental do indivíduo.

Conforme entende Jung (2013):

Visto que a psique é um sistema autorregulador, como o corpo vivo, é no inconsciente que se desenvolve a contrarreação reguladora. Se a função consciente não fosse dirigida, as influências opostas do inconsciente poderiam manifestar-se desimpedidamente. Mas é precisamente o fato de ser dirigida que as elimina. Isto, naturalmente, não inibe a contrarreação que se verifica [...] Mas sua influência reguladora é eliminada pela atenção crítica e pela vontade orientada para um determinado fim, porque a contrarreação como tal parece incompatível com a direção da atitude. Por isso, a psique do homem civilizado não é mais um sistema autorregulador, mas pode ser comparado a um aparelho cujo processo de regulação automático da própria velocidade é tão imperceptível que pode desenvolver sua atividade a ponto de danificar-se a si mesma, enquanto, por outro lado, está sujeita às interferências arbitrárias de uma vontade orientada unilateralmente (JUNG, 2013, v. 8/2, p. 25).

A energia consciente quando flui em determinado sentido, sem freios, sem controle, inicialmente pode dar a falsa sensação de missão cumprida, de realização, que se impõe em prejuízo do todo, dos sentimentos mais íntimos, das demandas mais essenciais do espírito humano, da realização pessoal, principalmente. Deve-se à capacidade de dissociabilidade da psique a facilidade com que são sufocadas as reações instintivas do homem civilizado tendo em vista uma meta, um ideal. As reações instintivas sinalizam o assentimento cego às sucessivas contingências sociais e culturais da vida em coletividade, em detrimento do indivíduo; sem elas, estaria dado o drama de não estarem intactos certos “interesses vitais do indivíduo”, como escreve Jung (2013, v. 8/2, p. 26). A dissociação da psique facilita, portanto, a repressão dos instintos mais íntimos, acomodando-os, submetendo-os, atirando-os à profundidade, retirando deles sua capacidade de reação, sua força para emergir e se pronunciar, muitas vezes em prejuízo do bem-estar geral do indivíduo, ao menos momentaneamente.

Quando o indivíduo não é capaz de expressar seus dramas em forma de fantasia, por exemplo, o tratamento deve se valer de recurso técnico, artificial, pois pacientes precisam de suporte externo para a superação de seu desconforto. E a verdade é que a simples explicação do contexto gerador ou de uma causa não é suficiente para aliviar a depressão de quem sofre, ou de outra perturbação mental, se justificando assim a importância das técnicas para superação administradas na terapia. Reprimir ou ignorar o estado de *redução*⁵ em nada contribui para o paciente, da mesma forma que somente a explicação lógica também não bastará. Uma energia negativa se produz no lugar da energia vital, subtraindo do paciente a capacidade de reação que o deveria impelir para frente. A energia se desvia para o lugar errado.

⁵ Estado de adaptação reduzida, assim como concebido por Jung, é aquele no qual o sujeito não consegue se conciliar com seus conflitos internos, dadas as situações e exigências impostas de fora, que lhe causam a sensação de desânimo, depressão e até episódios e transtornos psicóticos. Quanto maior o distúrbio que o acomete mais energia lhe falta para superar o conflito. (JUNG, 2013).

O início da função transcendente pode se tornar perceptível de diversas formas. Quando o consciente do indivíduo passa a ter noção de seus afetos interiores, e começam a ficar claros os elementos submersos da seção escurecida da mente, acontece com o surgimento de uma linguagem somatizada que chama a atenção com relação a algo interior que não está bem, ou para um objeto que agride o indivíduo e ao qual ele não consegue se adaptar, mesmo existindo uma pressão externa forte para tal, uma orientação do coletivo social, uma demanda racional e consciente nesse sentido. Resumindo, quando começa a se construir um canal, quando passa a existir uma comunicação entre consciente e inconsciente, como uma ponte se estabelecendo entre ambos. Esses afetos podem ser explorados de forma plástica com pacientes que não tenham tanta facilidade de se expressar verbalmente através da linguagem, podendo se expressar mais facilmente através de arte, como por exemplo, pintura, desenhos, música. O mais importante é deixar a mente fluir, mesmo que o resultado plástico possa causar decepção do ponto de vista estético e sendo de difícil tradução. Como esclarece Jung: “Aqui também se tem um produto que foi influenciado tanto pela consciência como pelo inconsciente, [...] que corporifica o anseio de luz, por parte do inconsciente, e de substância, por parte da consciência” (JUNG, 2013, v. 8/2, p. 29). A arte, de modo geral, tem a capacidade de aproximar os afetos do lado consciente da mente com maior facilidade para assim poder estabelecer certa racionalidade ao tratamento.

Quando o estado do paciente é apenas de melancolia, mal-estar, tédio, é preciso induzir a uma introversão da libido, construindo uma atmosfera externa favorável de tranquilidade, que contribui para a introversão; a atenção crítica do paciente deve ser contida, e a ideia é de fruição da substância interior, seja em forma de imagens, fantasias ou vozes, valendo-se das habilidades individuais de cada um, sejam elas manuais, plásticas, de escrita, musicais, ou ainda, corporais, para assim poderem traduzir seus sentimentos e afetos plasticamente – no caso daqueles mais sensíveis deste ponto de vista; ou através de sons – no caso dos mais aptos a ouvir as vozes interiores, observando que a conexão não é fácil para indivíduos mais problemáticos, pois nestes o conteúdo interior é bloqueado para não os incomodar. Conforme o autor, dessa forma são criadas as condições necessárias para induzir ao processo transcendente (JUNG, v. 8/2, 2013).

Com relação à apreciação do material produzido, Jung argumentava que suas experiências o levavam em duas direções: formulação criativa e compreensão do que é obtido. Ambas, segundo ele, correm o risco de terem o conteúdo resultante excessivamente valorado do ponto de vista artístico, no caso da primeira; ou de terem uma interpretação intelectual da obra superestimada, no caso da segunda - quando a substância que precisa ser analisada surge

em forma de fantasias e simbologia de dado objeto. Tanto uma quanto outra podem resultar de uma extrema falta de compreensão ou da subvalorização de que essas pessoas foram vítimas até então. Tais vieses, cujos riscos vão da subestimação à valorização exagerada são fruto, muitas vezes “[...] da falta de autonomia e da inconsciência do indivíduo, o qual ou só é capaz de avaliar com base em valores coletivos ou perde de todo a capacidade de julgar por causa da inflação do ego”. (JUNG, 2013, v. 8/2, p. 31).

Entre os dois tipos de manifestação do inconsciente na busca da transcendência o que acontece é que “os conteúdos inconscientes querem, antes de tudo, aparecer claramente, o que só é possível quando lhes é dada uma formulação adequada, e só podemos julgá-los quando todas as coisas que eles nos dizem são claramente perceptíveis” (JUNG, 2013, p. 32-33). Como reconhece o autor, esta era a razão pela qual Freud, antes de pretender interpretar qualquer material, referindo-se ao caso específico do sonho, deixava que o próprio paciente dissesse algo através das “associações livres”, observando ainda que “a formulação estética deixa-o tal como é, e renuncia à ideia de descobrir-lhe um significado” (JUNG, 2013, v. 8/2, p. 33).

Outro estágio identificado pelo autor é a confrontação entre ego e o inconsciente, que ele considera como segunda e mais importante (JUNG, 2013). Nele fica clara a luta entre os opostos, com o surgimento do terceiro elemento, que é a função transcendente. A condução do processo passa do inconsciente para o ego, o que pode representar perigo, uma vez que o embate, ou seja, a força a enfrentar, se dá em muitas direções e não mais unilateralmente como antes, envolvendo vários afetos liberados no primeiro estágio que podem afrontar o *eu*, desestabilizando-o, pois, da mesma forma como o consciente condicionado pela vida civilizada oprime o inconsciente, é este agora que se encontra liberado para pressionar o *eu* e oprimi-lo. O autor explica que “[...] a estetização e a intelectualização do par de opostos são armas excelentes contra afetos perigosos, mas só devem ser empregadas quando achamo-nos diante de uma ameaça vital, e não para nos furtarmos a uma obrigação necessária” (JUNG, 2013, v. 8/2, p. 34).

O tratamento constitui então um processo na direção de uma espécie de “renovação da personalidade” que tem implicações em todas as facetas da vida do indivíduo. A maneira de encarar a oposição do inconsciente e a atuação da força dos opostos merece respeito. Não para considerá-los à risca, como se pode depreender da tese do autor, mas para perceber e tornar o inconsciente um elemento colaborador, no sentido construtivo, na perspectiva de favorecer a personalidade e não simplesmente percebê-lo como um simples intruso, muitas vezes visto como inoportuno e ameaçador, mas onde o eu e o inconsciente logram de poderes e direitos de ação. Mas como adverte o autor, para o indivíduo em conflito chegar até essa equação pode ser

um processo longo, árduo, como uma picada a ser aberta em mata fechada. Da mesma forma, um canal de comunicação deve ser aberto também para estreitar os laços de colaboração e confiança entre o analista e o paciente, cabendo ao primeiro o papel de escavador, facilitador, de mentor. E nesse aspecto, Jung ressalta o quão importante e sensível é a questão da comunicação entre os indivíduos, o ouvir e coexistir. Igualmente é primordial a capacidade de saber ouvir-se a si próprio, de dialogar com o seu outro eu, sua voz interior e mais profunda, que não se nega a si mesmo e nem aos outros (JUNG, 2013, v. 8/1).

Quando a comunicação dos opostos depende apenas de recursos artísticos, de sonhos, fantasias, registros ou associações, sejam eles de modalidade plástica ou outra, segundo observa Jung (2013, v.8/1) esta se torna mais difícil por não poder contar com a facilitação de um decodificador, representado pela figura do analista, por exemplo. Diante de um diálogo truncado, os sinais podem ser de difícil compreensão para quem não dispõe o arcabouço teórico necessário para observá-los, sendo que o mais importante é se perguntar sobre os efeitos de um determinado sinal ou de vários sinais sobre a vida das pessoas.

Assim, como apontou o autor, a função transcendente, resultado da alternância dessas forças, ou caso se queira, de energias, de lados ou vozes, representadas por argumentos e afetos resultantes da interação de estímulos interiores e exteriores ao indivíduo, frutos do diálogo e do convívio entre opostos significa, pois, a possibilidade de aproximação, dinâmica que é em si mesma carregada de energia até que se gere um novo ser redescoberto, transformado, renovado. Figurativamente falando, como bem retrata, trata-se de dar voz ao homem primitivo que habita o ser, com sua essência espiritual e instintiva genuínas, sem amarras, podendo reviver e se defrontar com a faculdade da consciência, questionando a direção tomada (a unilateralidade), as fixações e o abandono de si próprio. (JUNG, 2013, v. 8/1).

A confrontação de conteúdos move e transforma o ser no sentido da expansão, do crescimento e do desenvolvimento psíquico, e não da simplificação do ser. Jung (2013, v. 8/1) chama a atenção para a dificuldade em descrever os conteúdos da função transcendente, processo que precisa ainda ser mais e mais entendido e pesquisado teoricamente, ressaltando que a maior parte do público ainda não está preparado para este desafio, dada a falta de conhecimento mais aprofundado sobre o tema, ainda recente do ponto de vista científico, e à pouca familiaridade do público leigo com a questão. O processo natural é de que essa aproximação se dará com a divulgação e aproximação com este temário. No que tange à abordagem e ao método existe um longo caminho a ser percorrido até se poder formular um esquema explicativo completo e abrangente, como observa Jung. Na trilha a ser construída, a preocupação demasiada com o falso e/ou verdadeiro, segundo se pode abstrair dos textos do

autor, não se aplica enquanto julgamentos de valor, da mesma forma que não deve constituir impeditivo para alcançar a transcendência. O papel da função transcendente no processo de clínica psicoterapêutica está no fato de que esta é consolidada com a participação ativa do paciente, sem que precise depender eternamente da figura do analista. (JUNG, 2013, v. 8/1).

Em Damião (2010), encontra-se outro aspecto singular da influência recíproca entre os opostos que está relacionado à matemática, quer seja, a função transcendente pode ser associada ao símbolo, fruto da conjugação entre consciente e inconsciente da psique humana, unidos por uma conexão, que o autor denomina de ponte da psique. O símbolo, enquanto abstração de alguma coisa ou de algo, de uma ideia ou fenômeno, é considerado uma convenção socialmente aceita e compartilhada. Em se tratando da psique esta é constituída de duas faces, uma delas representada pela consciência e outra face dominada de inconsciência, carregando ao final uma totalidade pessoal, cultural psíquica e arquetípica.

Quando, em consequência de uma determinada dinâmica ou vivência os lados opostos passam a se relacionar – no caso, a consciência enxergando e percebendo o seu lado oculto inconsciente –, tal interação pode resultar um terceiro elemento por meio do estabelecimento dessa ponte de comunicação. Nessa dinâmica são encontradas – guardadas as devidas proporções – as mesmas características que ocorrem no processo de individuação da psique do ser humano, que nada mais é do que um terceiro elemento ou ser que é obtido quando esses lados passam a interagir a partir da tomada de consciência, conseguindo dialogar e se conjugar. O resultado gerado não pode ser identificado com nenhuma dos componentes que fazem parte da sua constituição, sendo um todo único, original e diverso daquele que é representado por suas partes separadas.

Por outro lado, como coloca o autor, quando um símbolo é percebido pela consciência, está posta a possibilidade de ocorrer uma mudança de comportamento, dado que este conteúdo é transmitido pelo símbolo. Conforme explica o autor, o símbolo, como ícone, tem a capacidade de desfazer as divisões entre o interno e o externo, representando a psique como um todo integrado, indiviso, reunindo em uma figura única múltiplas opções de entendimento, assim como de acomodar os opostos a partir de uma base comum, sem que tal possa constituir um problema. (DAMIÃO, 2019).

E ainda sob esse ponto de vista, no tocante ao processo psicoterápico, é possível entender porque “[...] a psicoterapia só é eficaz se possibilitar a relação simbólica do indivíduo consigo mesmo. Em outras palavras, é necessário que a psicoterapia seja simbólica para o cliente, de modo que favoreça seu processo de individuação” (DAMIÃO, 2010, n/p).

4.4 A FUNÇÃO INFERIOR

“A função inferior é a porta pela qual todas as figuras do inconsciente chegam à consciência.”

Franz, 2016, p. 89

Para que se entenda a função inferior, segundo a perspectiva junguiana, é necessário antes entender duas atitudes, a extrovertida e a introvertida, que representam tendências comportamentais contrárias percebidas e classificadas por Jung na personalidade do indivíduo. Esses dois tipos de perfis, combinadas com quatro diferentes funções – percepção, pensamento, sentimento e intuição –, resultam em oito tipos também distintos de comportamento que explicam as tendências de temperamentos nos indivíduos, com possibilidades também de uma gradação de variantes, e que teriam, segundo Jung descobriu posteriormente, uma correspondência com a estrutura quádrupla geral da psique humana que ele havia idealizado de forma intuitiva (FRANZ, 2016).

Franz (2016) observa o problema importante sobre o qual Jung se debruçava, qual seja, o fato de que sempre que duas ou três funções se tornam proeminentemente conscientes, acabam por causar uma alteração na estrutura básica da psique humana. Como observa a autora, não existe unilateralidade absoluta – uma aptidão religiosa da personalidade num só sentido, por exemplo. Portanto, toda a vez que um elemento do inconsciente age sobre o consciente é porque ele próprio já estaria de certa maneira influenciado por este último. Disso se depreende que a exemplo de sonhos e do material mitológico analisados na psicologia, quando estes se revelam já estariam passando, em alguma medida, por uma alteração sob a ação mesma do processo de conscientização. E é por isso que as funções já teriam também se tornado em parte suscetíveis à consciência, sendo que a reação no sentido oposto será sentida também na estrutura básica da psique em seu conjunto.

Franz (2016) descreve os dois tipos de atitudes classificadas por Jung. A atitude extrovertida se verifica quando a libido ou energia consciente da psique se mobiliza na direção dos objetos exteriores, sendo que uma força de reação contrária se estabelece simultaneamente na direção contrária, voltando-se para o interior da psique, para o sujeito. De maneira oposta, a atitude introvertida é percebida, em geral, quando a libido, se voltando para o próprio sujeito, faz com que esse recebe toda a carga do objeto externo, do qual se esforça por repelir e se afastar. A constituição dessas estruturas e tendências tem início ainda na infância, deixando perceptíveis seus sinais por meio de preferências ocupacionais ou por características particulares no comportamento de cada um. Assim como os adultos, as crianças demonstram

pré-disposições e inclinações pessoais desde cedo, tendendo a se aproximar primeiramente do que mais gostam e a evitar o que não apreciam. No plano da organização familiar, quando essas tendências se tornam nitidamente perceptíveis, ocorre que também pode haver uma correspondência na organização das tarefas e de rotinas diárias do grupo de acordo com as capacidades e habilidades de cada membro. “O ambiente reforça as tendências unilaterais existentes, as chamadas ‘aptidões’, e há, portanto, um aumento no desenvolvimento da função superior e uma lenta degeneração do outro lado da personalidade” (FRANZ, 2016, p. 14).

Como nota a autora, tal acomodação pode ser conveniente para os membros do grupo se adaptarem às suas tarefas, enquanto para outras, cujas funções não são tão nitidamente determinadas, tal pressão pode ser problemática. Em todo caso, como observa a autora, alguns tipos podem ser mais facilmente definidos do que outros. Aqueles que não encontram retorno e incentivo do meio para exprimirem suas vocações individuais podem ter suas funções principais “distorcidas”, em outras palavras, essas pessoas podem ter suas qualidades inatas obstruídas quando forçadas pelo ambiente a se exteriorizarem de forma equivocadamente contrária se o Si-mesmo, o eu mais profundo e genuíno pudesse ser percebido. (FRANZ, 2016).

Nesse ponto, aparecem as funções auxiliares, que são uma espécie de tábua de salvação, ou uma referência para o indivíduo se adaptar melhor ao ambiente, uma vez que a sua principal aptidão foi, diga-se, extraviada, deslocada. Como o próprio nome já anuncia, o objetivo da função auxiliar é ajudar o indivíduo a superar as dificuldades porventura decorrentes dos mal-entendidos e equívocos com relação a atributos particulares determinados pela função principal, superando o conflito causado pela dissociação entre a função que lhe é designada pelo grupo (aparentemente principal) e a que lhe é verdadeira, sendo que o que dele se espera não encontra consonância em seu interior. Ou seja, depreende-se desta lógica que a função que lhe é externamente atribuída estaria destoando daquela que seria a sua real vocação, e no sentido aqui discutido, da sua atitude (FRANZ, 2016).

Franz (2016) mostra as vantagens e desvantagens de tais dissonâncias, atentando para o fato de que sendo forçada a exercer antes da hora a sua função secundária, por assim dizer, que está latente e esquecida, a pessoa estaria queimando uma etapa de amadurecimento, na qual, em tese, para a maioria delas, aparece a necessidade de se redirecionar para desempenhar atividades que delas são esperadas e que dependem, em boa dose, de determinação e disciplina, seja no cumprimento das simples responsabilidades e obrigações, seja para honrar compromissos formais, profissionais que aparecem mais tarde, precisando continuamente contornar as dificuldades encontradas. A desvantagem, segundo argumenta a autora, é que o indivíduo, ao deixar de lado suas principais qualidades, abre mão de atributos natos,

desperdiçando seu potencial produtivo e rendimento. Portanto, permanece abaixo da sua capacidade em relação à principal função, subutilizando-a ou desperdiçando-a. Como observa ainda a autora, é possível recuperar o tipo original não muito dificilmente através de técnicas de análise, já que ainda permanecem na pessoa traços de suas habilidades genuínas que favorecem a restauração (FRANZ, 2016).

Nos estágios iniciais de desenvolvimento das relações e estruturas familiares, verifica-se a tendência de que seus membros – ainda em estágio de formação da personalidade – configurem internamente as funções de acordo com o que se espera que sejam as suas inclinações e características pessoais. Assim, a distribuição de tarefas e a especialização interna da rotina familiar seriam feitas de acordo com estas supostas ou aparentes habilidades, não sem estejam sujeitas a estes riscos, em médio prazo. Da mesma forma, em outros grupos sociais é comum também estabelecer associações entre os integrantes a partir da sua facilidade e vocação natural para resolver as demandas do cotidiano e da vida prática. O oposto também pode acontecer, quando a pessoa se associa a outra tendo em mente o interesse de que suas limitações possam ser compensadas, Ou seja, existe uma tendência a identificar nas pessoas o espírito intelectual, ou aquela mais objetiva, a contadora, a mais criativa, a mais cômica, e assim por diante, tendo em vista o que seria justamente esta função principal e mais aparente. (FRANZ, 2016).

No casamento e nas relações de trabalho, na amizade, na escola, também é possível verificar o mesmo, havendo uma disposição para que as deficiências ou dificuldades pessoais de cada um possam ser compensadas pelas funções principais de outras pessoas com as quais se busca interagir, compondo assim uma espécie de simbiose, de parceria para complementar as funções consideradas mais deficientes. Lembrando da forma como Jung procedia, a autora observa que, com essas parcerias as pessoas não precisariam encarar a sua função inferior e os transtornos dela decorrentes. Na razão inversa, segundo observa Franz, também Jung gostava de unir pessoas com dificuldades parecidas ou das mesmas áreas, à guisa de desafiá-las, pois, nas palavras da autora: “[...] se dois idiotas se sentarem juntos e nenhum deles conseguir pensar, a dificuldade será tanta que ao menos um deles começará a pensar”. (FRANZ, 2016, p. 16).

O problema então se dá, nesse tipo de estruturação social, quando em dado momento, a sociedade precisa se romper, o casamento se desfaz, ou quando é a hora de cada membro da família ou do grupo seguir seu rumo, vendo-se as pessoas surpreendidas diante de situações ou atividades para as quais elas não se encontram preparadas para enfrentar sem a colaboração da ‘parceria’ anterior, sendo, portanto, obrigadas a remexer em suas estruturas psíquicas (FRANZ, 2016).

No procedimento terapêutico pode acontecer semelhantemente a mesma coisa, segundo argumenta Franz: “As pessoas costumam escolher para seu analista o tipo oposto, por exemplo, o tipo sentimental não consegue pensar e por isso admira sobremaneira quem possa fazê-lo”, advertindo que: “Esta escolha não é recomendável, porque quando se está com alguém que sabe tudo, vêm o desânimo e a completa desistência. A pessoa pode sentir-se muito feliz porque agora alguém cuida do pensamento, mas essa não é uma solução adequada” (FRANZ, 2016, p. 16). Portanto, a autora conclui que quando um paciente busca um tipo de função oposta para seu terapeuta, o profissional deve ter cuidado para que em vez de ajudá-lo não aniquile seu protagonismo através da função superior.

Traçando um paralelo com o mundo animal é possível, segundo discorre a autora, tentar responder à questão do que estaria por trás da disposição básica original do indivíduo. Recorrendo aos *Tipos Psicológicos*, no qual Jung discute que a perpetuação de certas espécies depende de mecanismos de reprodução poderosos e acelerados, ou quando não, de um forte recurso para autodefesa, de forma que, na natureza, existem duas alternativas de resposta para sobreviver ao meio: desviar-se, e construir a própria vida, ou dominá-la. Tais comportamentos seriam, no reino biológico, uma resposta em forma de manifestação das duas tendências já mencionadas - a introvertida e extrovertida. A autora nota que estudos mais recentes, como o de Heinrich Hediger, revelam que no mundo animal existem espécies cujo comportamento depende de sua convivência com o grupo, o qual é responsável por repassar aos mais jovens o aprendizado; entre outras, entretanto, a reprodução do comportamento não depende do convívio, sendo inata, dotada de força própria. Mas, de modo geral, a autora assevera que tanto uma quanto outra são influenciadas pelo contexto e por fatores próprios (FRANZ, 2016).

Quanto aos perfis de comportamento determinados pelas funções superior e inferior entre humanos, Franz (2016) aponta para o fato de que ambas tendem a seguir certos padrões. Segundo explicita, remetendo aos contos de fada, as situações e acontecimentos são representados figurativamente por personagens humanas que desempenham papéis relacionados a estas funções (superior e inferior) quando não a um tipo final hipotético cuja atuação é resultado da combinação de características encontradas nas duas funções e em diferentes tipos de personalidade. Via de regra, nessas histórias e passagens da mitologia e nas fábulas, a função inferior tende a ser normalmente personificada por figuras ingênuas, tolas, porém e contrariamente, com um toque de divindade e de heroísmo. A autora esclarece quanto ao papel do bobo: “Ele representa a parte desprezada da personalidade, a parte ridícula e inadequada, mas simboliza também a parte que constrói a conexão como inconsciente, retendo, portando, a chave secreta da totalidade inconsciente da pessoa” (FRANZ, 2016, p. 20).

É importante notar que a função inferior compreende sempre um canal de comunicação com o inconsciente, dirigindo-se, via de regra, para o mundo simbólico e para o lado escuro. Entretanto, não se pode generalizar que em todos os indivíduos esse movimento seja sempre para dentro ou para fora. Um introvertido pode se voltar para o exterior, tendo como foco as pessoas ou objetos, mas estes guardam para ele um significado simbólico. Extrovertidos podem proceder de maneira inversa, olhando para o interior e enxergando-o como um espelhamento do mundo exterior, sendo ambos correspondentes. Portanto, é errado dizer que a função inferior é sempre dirigida para dentro, ela é dirigida para o inconsciente, e independentemente de qual seja, é sempre uma esfera de experiências simbólicas (FRANZ, 2016).

Dois aspectos que caracterizam estas funções, conforme lembra a autora, é que a função superior se exterioriza mais prontamente do que a inferior. Esta última é sempre mais lenta para se trabalhar do ponto de vista da psicologia analítica. A lentidão da função inferior explica o fato de as pessoas, de modo geral, mostrarem mais resistência em trabalhar com ela do ponto de vista psicoterápico, sendo difícil, principalmente para os tipos pensativos, expressar o que estão sentindo e até mesmo dizer se estão sentindo. Assim sendo, pacientes com esses sinais precisam de estímulo e compreensão. Tomar contato com o próprio interior requer tempo, paciência, e só assim esse lado poderá se manifestar de forma apropriada, segundo acredita Franz (2016). De qualquer forma, seja qual for o processo apresentado, no envelhecimento ou em tratamentos relativos aos distúrbios relacionados à função inferior, a lentidão para expressá-la deve ser abordada com muita calma pelo analista, tendo em vista essa característica particular (FRANZ, 2016).

Outro aspecto a ser considerado na função inferior, relacionado ao seu caráter arcaico e insociável, diz respeito à característica de fragilidade e insegurança de certos tipos, resultando que sejam mais vulneráveis às críticas. Esse traço pode transparecer como uma espécie de chantagem do indivíduo, que pressiona as pessoas à sua volta a agirem de maneira condescendente, indulgente e cuidadosa para com ele, de forma a não magoá-lo. Isso vale tanto para suas relações pessoais cotidianas quanto para as abordagens clínicas. No processo terapêutico com esses tipos é preciso ser sutil com as tentativas de *approach* mais crítico, com as opiniões sobre suas atitudes, comportamentos e com as sugestões de mudança, que podem intimidá-lo e feri-lo, pondo a perder a relação de confiança que deve ser estabelecida com o terapeuta. Resulta desse fato que aqueles que cercam tais tipos estão sujeitos à sua tirania, precisando conter qualquer atitude ou palavra mais franca para com eles. Por isso mesmo, essas pessoas se veem normalmente envolvidas em relações superficiais, sendo preciso preparar a aproximação antes de falar abertamente (FRANZ, 2016).

Segundo a autora esses aspectos convergem para uma terceira característica, qual seja, a carga de emoção à qual a função inferior estaria sujeita, expondo o seu lado negativo. Por outro lado, entretanto, detecta-se um ponto também positivo, o de que a função inferior, devido a esse potencial e à carga dramática, está sempre pronta a amparar a função superior quando essa se mostra desgastada, oferecendo sempre como uma segunda opção de ancoragem do sujeito, que pode ajudar na renovação e no reencontro consigo mesmo. Destarte sua essência inadaptable, o tipo dominado pela função inferior sofre constantemente de uma espécie de dissonância social, não reagindo em conformidade, no momento ou com a intensidade socialmente esperada. Desta forma estariam explicados o comportamento dissimulado ou as *máscaras* e as *personas*, muito comuns, e sobre as quais se falará posteriormente (FRANZ, 2016).

A autora ilustra esses casos fazendo um paralelo com a aproximação de campo de pesquisadores com grupos tradicionais, cercando-se de cuidados prévios sobre os seus objetos, de conhecimento para a aproximação. Da mesma forma como se procede com esses grupos, o *approach* da função inferior também requer experiência e conhecimento, representando um território sensível, vulnerável e desconhecido.

Outro aspecto característico da função inferior, para o qual a autora chama a atenção, é a carga emotiva nela envolvida, deixando as pessoas temperamentais e sensíveis. O resultado são manifestações que podem ser tanto negativas quanto positivas. Do lado negativo, a pessoa fica acuada, arredia, abrindo-se apenas superficialmente, não se revelando por completo; de outro lado, a autora explica que nos casos em que a função superior começa a falhar, a pessoa pode acionar e apelar para a função inferior, ancorando-se a ela, redescobrendo-se e vislumbrando novas possibilidades. O mundo torna-se turbulento e arrebatador ao mesmo tempo, destarte toda a tensão de inadaptação que possa sentir, e dada que essa força intuitiva, incivilizada que habita o interior da pessoa – que nem sempre é bem recebida do ponto de vista externo e social –, faz com que muitos se retraiam e escondam o lado desconhecido da personalidade, não conseguindo se expressar genuinamente, disfarçando a emoção com um outro tipo de sentimento, ou com uma reação inesperada que esconde o verdadeiro sofrimento. Não é, como explica a autora, que essas pessoas não possuam compaixão, apenas não conseguem externá-la na ocasião ou de maneira convencional. Da mesma forma, não se trata de indivíduos incapazes de pensar, apenas não podem contar com essa função sempre que a situação exija. Quanto mais precisam demonstrar tal capacidade, mais ela se torna intangível. Ao se aliviar a pressão, as coisas tendem a voltar à normalidade. A função inferior, por vezes, pode se mostrar como verdadeira adversária do indivíduo pego de surpresa, ou ainda, como

ilustra a autora, “A vida não tem misericórdia com a inferioridade da função inferior” (FRANZ, 2016, p. 27).

A função superior é capaz de exercer, normalmente, um controle sobre a inferior, tentando reconhecê-la e trazê-la para o seu domínio, onde consegue melhor decodificá-la e ajustá-la quando a situação assim demande ou cause desconforto. Mas acontece também de poder ocorrer o oposto, como ilustra Franz (2016) ao descrever uma sequência de casos conhecidos que diante de determinadas situações desencadeadoras surpreendem com a atitude.

Sendo assim, os processos que resultam da interação entre as diferentes funções reproduzem-se de forma diferente. Pessoas pegas em situações difíceis tendem a tomar emprestadas reações que sabem estarem de acordo com o código social vigente, para assim se fazerem aceitáveis socialmente, passarem despercebidas ou para transmitir confiança, livrando-se de constrangimentos sociais que são impostos nessas ocasiões. Quando uma função inferior invade a superior ela costuma transformá-la, invertendo-a, distorcendo-a e arremessando-a para um canto, simulando um temperamento ou função que está no extremo oposto, o que acaba gerando o caos. Nos casos da função intuição inferior negativa o sujeito passa a considerar apenas as perspectivas negativas (FRANZ, 2016).

Como explica Franz (2016), outra situação que pode ocorrer ao chegar a hora do desenvolvimento de funções inferiores compreende dois fenômenos associados. O primeiro, quando a função principal começa a se deteriorar e a função inferior torna-se proeminente, deixando o ego frustrado por não conseguir realizar o que normalmente desenvolvia sem restrições. Tal processo gera um recalque na função superior ou a sua negação propriamente dita, quando não é possível reconhecer de forma consciente o próprio tipo e as prováveis causas dos acontecimentos. Essa transformação constitui uma fase de transição, quando sucede a sobreposição das funções. Quando a pessoa atravessa esse momento é difícil identificar o seu tipo, uma vez que o indivíduo já está saturado de sua função ou de suas principais funções. É possível, como observa a autora, pessoas que dizem se identificar com um tipo claramente oposto. Nessa hora, a melhor coisa a se fazer, visando descobrir o próprio tipo, seria então, segundo a autora, retroceder e pensar, perguntando para si mesmo como costumava a agir normalmente em situações parecidas. Estas simples questões colocadas, em geral, tenderiam a relembrar a função inferior. Noutras vezes, algumas pessoas são capazes de desenvolver igualmente duas funções principais, o que acaba por dificultar também a definição de perfil único de tipo. (FRANZ, 2016).

4.4.1 A assimilação da função inferior

Cronologicamente falando, para Franz (2016), o inconsciente e a estrutura da personalidade se dão anteriormente à configuração do consciente. Existem, segundo ela, duas funções racionais opostas – pensamento e sentimento; e duas funções no campo do irracional – percepção e intuição, também contrárias. A primeira a surgir é a função pensamento, vinda de zonas mais internas da mente, constituindo um dos principais componentes do ego. As outras funções vão se agregando à consciência uma após a outra, após a função pensamento, segundo a autora. Quando surge a quarta função, ela abala toda a estrutura já constituída, exercendo uma pressão na direção contrária, fazendo ruir a estrutura diante de sua força. Para a autora, ceder a essa tendência seria uma regressão, e reprimi-la, por outro lado, tentando puxar a função inferior para cima, na direção do consciente, seria inútil, pois esse movimento se consolida justamente no sentido oposto. Trata-se, portanto, segundo a autora, de um momento de grande tensão e desgaste estrutural, no qual o tipo pensativo e o tipo sentimento devem se ajustar – e até se sacrificar se for preciso –, para que somente um produto novo possa aparecer, e que seria justamente a faculdade de usar todas, mas nenhuma função isoladamente. Franz ressalta que essa transição não deve ser radical no sentido do oponente, caso em que se anulariam reciprocamente dada as forças contrárias idênticas. As pessoas têm a opção de escolher entre as funções intermediárias e, nos casos dos tratamentos clínicos, a autora lembra a importância do analista em introduzir ao paciente as suas funções auxiliares de forma a não ocasionar um trauma ou rompimento drástico, o que ocorre quando tal fato se dá sem a necessária mediação. O movimento de assimilação da função inferior é simbolizado por uma espiral (FRANZ, 2016).

Alguns casos reais são relevantes para ilustrar a compreensão de como interagem as funções entre si no processo analítico. Artistas, por exemplo, temem a análise pensando que ela pode domar seu espírito criativo e podar sua imaginação, mesmo sendo essa possibilidade considerada impossível do ponto de vista analítico, dada a energia verificada na função inferior (FRANZ, 2016).

Entre os camponeses, povos autóctones e primitivos, cuja vida é mais estreitamente ligada à natureza, caracterizados pela autonomia, a diferenciação de funções da forma como é conhecida nas sociedades urbanas modernas quase não acontece. Estes grupos não sobreviveriam se não conseguissem colocar suas habilidades natas, a inteligência, a intuição e o sentimento, a serviço da sobrevivência física, de forma menos especializada e unilateral: conhecer a natureza, ir atrás do alimento, coletá-lo, saber prepará-lo, parir e cuidar dos filhos, educá-los, conduzir os cerimoniais, produzir sua arte, cuidar da saúde, e, em muitos casos,

planejar os plantios e as colheitas, o calendário, as uniões e assim por diante, são atividades que dependem da integração de várias funções.

Entre os extrovertidos, mais do que entre introvertidos, a forma de expressão da função inferior através de visões e fantasias tende a ser mais fiel e representativa, ocorrendo de forma imediata e transparente – por vezes, envolvendo certo deslumbramento. Assim, não se tornam tão sujeitos à manipulação da própria consciência. Já entre os introvertidos, quando tentam interpretar as manifestações de seu lado inferior, o fazem de uma perspectiva invertida, tomam-nas como espectro da sua própria extroversão, ou seja, acabam tendendo a filtrar essas manifestações através da sua visão de mundo, mediada e regulada pela consciência, subtraindo, assim, a autenticidade desse processo (FRANZ, 2016).

Como bem observam os autores (FRANZ, 2016; JUNG, 2013, v. 6) sobre tipificação e funções, estes conceitos não devem ser empregados de forma absoluta, sendo o mais comum que ocorram gradações entre os vários tipos e funções elencados para caracterizar e descrever as personalidades, que devem ser ainda ser investigadas sob a ótica de distintos fatores biográficos, físicos e contextuais, que precisam ser levados em conta para uma análise minuciosa e bem-sucedida. Essa observação é relevante para o presente estudo, uma vez que o modelo tipológico proposto por Jung e aqui abordado está sujeito às mesmas considerações para poder ser entendido e empregado de forma apropriada e sensata.

A função inferior, aparecendo nos quatro tipos racionais e em quatro tipos irracionais, tornando perceptível o seu aspecto oposto, resulta padrões característicos de uma personalidade inversa, tendendo a equilibrá-los, classificados, segundo Franz (2016), em oito tipos gerais, assim distribuídos:

Tipos racionais: a) tipo pensativo extrovertido: sentimento introvertido inferior; b) tipo pensativo introvertido: sentimento extrovertido inferior; c) tipo sentimental extrovertido: pensamento introvertido inferior; d) tipo sentimental introvertido: pensamento extrovertido inferior.

Tipos irracionais: a) tipo perceptivo extrovertido: intuição introvertida inferior; b) tipo perceptivo introvertido: intuição extrovertida inferior; c) tipo intuitivo extrovertido: sensação introvertida inferior; d) tipo intuitivo introvertido: sensação extrovertida inferior.

Por trás das variantes de tipos descritos por Franz (2016), prevalece a lógica de que os racionais são guiados pelas funções pensamento e sentimento, predominantemente; os tipos irracionais por seu lado são pautados pelas funções intuição e percepção/sensação, mas no sentido oposto, sendo ambos os tipos caracterizados pela combinação cruzada com a ação da função inferior, em resposta contrária às principais funções superiores. Ou seja, se o domínio

da função superior é exercido pelo pensamento (racional) ou sensação, a função inferior deve oferecer um contrapeso, acionando as funções de sentimento/percepção ou de intuição (irracionais), e vice-versa. Se a função prevalente irracional é do tipo intuitiva ou sensitiva, a base inferior é dominada pela função oposta correspondente – pensamento ou sentimento (caracterizada pela objetividade e pelas sensações físicas), e assim por diante. Da mesma forma, a variação dos tipos, quer sejam racionais ou irracionais, está associada às atitudes mais fortemente verificadas (introvertida ou extrovertida), situadas em polos opostos para compensar e complementar a personalidade.

Diagnosticar os tipos é uma tarefa complexa, pois, para as próprias pessoas é muito difícil se classificar. O mais comum são as gradações entre as quatro funções e fases de transição, além de outros determinantes psicológicos, orgânicos e contextuais, sendo preciso conhecer a biografia, a história e a opinião das pessoas para uma definição. Como sintetiza a autora:

Não temos até agora nenhum fundamento absolutamente certo, científico para nossa teoria e não temos a pretensão de tê-lo. [...] a ideia das quatro funções é um modelo arquetípico de se observar as coisas que têm vantagens e as desvantagens de todos os modelos científicos (FRANZ, 2016, p. 83-84).

Para Franz (2016), toda a invenção e teoria científica dependem inicialmente desses modelos, pois eles ajudam a compreender e a organizar a realidade nesse campo, devendo-se reconhecer, entretanto, suas vantagens, e, principalmente, suas limitações, de forma a lidar francamente com as principais questões que emergem no campo da psicologia analítica.

4.4.2 A função inferior e o desenvolvimento psíquico

Franz (2016) considera a função inferior – por ser mais próxima ao inconsciente da mente humana –, uma porta para o consciente, pela qual passam todas as figuras do inconsciente, consideradas intrusas, problemáticas e indesejáveis. Tais substâncias tornam a vida mais complexa. Entretanto, sem elas, não é possível para a consciência conhecer toda a dimensão humana, e, assim, beneficiar a humanidade. “A função inferior é a ferida sempre aberta da personalidade consciente, mas, através dela, o inconsciente pode sempre entrar e assim ampliar a consciência e gerar uma nova atitude” (FRANZ, 2016, p. 90).

Como explica a autora, as funções auxiliares podem também servir de portas, dando a chance para que as pessoas desenvolvam outras funções além da superior, as quais, mais tarde, com a evolução, também poderão se fechar.

Nos sonhos, normalmente, a figura-sombra representa a própria função inferior. A função inferior também pode aparecer, por exemplo, nas figuras de um negro, de um índio ou

outro, o que demonstra que temos (pré) conceitos sedimentados com relação ao que é considerado superior ou inferior, humana e socialmente falando. É o nosso outro lado oculto e o tipo de relação que estabelecemos com ele. A função inferior é associada ao bárbaro, primitivo ou exótico, aos impulsos mais profundos e, ainda, à nossa segunda personalidade (FRANZ, 2016).

Pela possessão, as atitudes introvertida e extrovertida se apropriam da personalidade assumindo uma atitude antagônica, o que normalmente ocorre de forma incontrolável e exacerbada, daí o termo ser apropriado. Nessas situações, as pessoas tomadas pela possessão tendem a se enganar quanto à sua categoria de personalidade, sendo comum nesse estágio a personificação de uma figura primitiva, de animais ou ainda de formatos que nem sequer são considerados humanos, e que a consciência só consegue externar através de atividades manuais, artísticas ou de forma caricatural, dado o seu caráter primário. Essa característica primeva da função inferior marca a divisão da personalidade humana (FRANZ, 2016).

4.4.2.1 A figura da persona

A persona é uma espécie de máscara com a qual o indivíduo tenta encobrir a sua função inferior, visando disfarçá-la, já que é considerada menor, primária, o lado grotesco, rude e incivilizado da personalidade, principalmente quando associada à intuição, por expor as fragilidades individuais. “A persona é contaminada pela nossa natureza animal e pelos nossos afetos e emoções inadequados” (FRANZ, 2016, p. 93). Despido de suas máscaras, o ser humano equipara-se ao animal que habita as profundezas do ser: agressivo, territorialista, instintivo, associado à pré-história da humanidade. Também no passado o homem utilizava máscaras por ocasião dos cerimoniais e rituais, como a representar e ritualizar, para dominar a natureza ou a sua própria, expurgando demônios e espíritos interiores.

4.4.2.2 A assimilação das funções auxiliares

Essa é uma etapa que pode perdurar a depender da dificuldade que as pessoas têm para conviver com as suas principais funções. Nesse caso, uma das etapas do processo analítico para alcançar o desenvolvimento psíquico é trabalhar as funções auxiliares, trazendo-as para o plano da vida mais aparente – consciente - e de forma permanente, não apenas momentânea. Trata-se de um processo, entretanto, bastante complexo, conforme observa Franz (2016), dadas as dificuldades de lidar com a personalidade mais genuína escondida no inconsciente, evitando-a por razões das mais diversas, desconhecendo as manifestações do inconsciente e do próprio mundo interior; outras pessoas têm dificuldades de expressar sentimentos, e muitas simplesmente ignoram, de fato, as características de sua verdadeira personalidade. Outras ainda

evitam descobrir-se, se escondendo com máscaras aparentes e superficiais, por pensar que podem ser mal avaliadas ou interpretadas social e profissionalmente ou por julgarem que não terão o *status* social, econômico e cultural desejado.

4.4.2.3 *A região intermediária*

Na passagem de uma função da personalidade à outra, quando o indivíduo, sentindo-se aborrecido, sem uma causa aparente, não vendo mais sentido em sua vida, percebe-se vazio, melancólico, sente a necessidade de repensar-se e de mudar de atitude, precisando pensar o que lhe traria prazer na vida para então fazer a passagem de uma função artificial, imposta, a outra genuína. No processo analítico de trabalho da função inferior, quando uma pessoa está disposta a trabalhá-la, há que se considerar o fato de que essa assimilação não se dá de forma simples, ao nível da consciência exclusivamente. Portanto, a função inferior não pode ser elevada além de seus limites, uma vez que se encontra imbricada no mundo do inconsciente, sendo esse vínculo quase visceral. Sendo assim, a única possibilidade de que a assimilação seja possível é ‘rebaixar’ – rebaixamento no sentido interior, e não inferior, - os limites do consciente para que esse possa manter o contato com o mundo que se encontra mais abaixo. Como descreve a autora, o indivíduo pode experimentar uma ruptura, mas ao passar por tal experiência tem a possibilidade de vencer a força da função dominante. Argumentando em suas próprias palavras: “A função inferior é uma ponte importante para a experiência das camadas profundas do inconsciente. Ir até ela e permanecer, e não fazer-lhe uma rápida visita, produz uma enorme mudança em toda a estrutura da personalidade” (FRANZ, 2016, p. 97).

A quarta função constitui sempre um problema crucial, pois quando o indivíduo não tem a oportunidade de experimentá-la, vê-se frustrado, e, quando a vive, pode ocorrer uma ruptura ou colapso. Na passagem das funções ocorre primeiro o desenvolvimento da função principal, depois de uma das duas auxiliares, para em seguida ocorrer a assimilação da segunda auxiliar, depois disso, resta uma última função que poderá ser experimentada, porém não pode ser assimilada pois correndo-se o risco de comprometer a consciência e cair num processo inverso de regressão, um caminho para esta experiência seria dando vazão à fantasia para que o inconsciente se manifeste, seja através da música, pintura, escultura, deixando fluir a criatividade, quando a consciência passa a operar em outra dimensão (FRANZ, 2016).

Sobre a complexa e delicada passagem entre as funções e sobre o fenômeno de assimilação do ego a autora assim discorre:

O ego assimila a primeira função e fica satisfeito por algum tempo. Posteriormente, ele assimila uma segunda função e vive alegremente, uma vez mais. Ele arrancou ambas do inconsciente. Então o ego arranca uma terceira

função, levando-a para o plano da consciência. Agora já estão assimiladas, num nível civilizado, superior, com o qual tentamos viver normalmente, três funções. Quanto à quarta função, já não é possível trazê-la para o mesmo nível. Se se fizer uma tentativa muito exagerada, acontecerá o contrário: ela levará a consciência do ego para um nível completamente primitivo. Uma pessoa pode se identificar com a quarta função e com os seus impulsos de forma absoluta, ocorrendo então aquelas mudanças repentinas em que as pessoas de repente regridem a um nível animal (FRANZ, 2016, p. 99-100).

Quando as funções estiverem mais equilibradas, de forma satisfatória, o indivíduo torna-se pleno, completo, indiviso. Esse processo, conhecido por processo de transcendência, ocorre quando da fusão das quatro funções surge uma quinta, entendida não só como a soma de quatro funções anteriores puramente. Trata-se do aparecimento de um produto único, chamado por uns de *quintessência*, por outros de pedra filosofal, mas que sempre configurando um núcleo que não pode ser identificado com nenhuma das outras funções separadamente. Nesse momento, segundo Franz (2016), o processo atinge a individuação.

A teoria das quatro funções estruturada por Jung (2013, v. 6), ou elementos encontra paralelo em várias áreas, da alquimia à filosofia, sendo bastante simbólica inclusive, do modo como os indivíduos, os grupos e a sociedade se organizam, de forma muito análoga aos processos estruturados na mente humana, e permitindo diversas formas de interpretação. Entretanto, é importante perceber que dessa lógica se depreende a possibilidade de enxergar a psique humana como uma estrutura dinâmica e complexa de recursos aptos a promover a estabilização e compensação do indivíduo, em sincronia as teorias junguianas de opostos, da libido em constante movimentação, de tipologia, das funções principais, auxiliares e inferiores, assim como do próprio eixo consciente e inconsciente.

4.5 OS OPOSTOS E A ALQUIMIA

Segundo Edinger (2008), a alquimia resume bem os processos mentais e o imaginário do mundo inconsciente do homem, permitindo-os extravasar para a realidade mais facilmente através de formas visuais, fórmulas, imagens, sinais. Quando os alquimistas, se deparando com a ciência então nascente, e motivados em explicar os fenômenos e a realidade à sua volta, liberam a imaginação para desenvolver seus experimentos alquímicos, estão sendo influenciados por seus próprios processos psíquicos para explicar os acontecimentos da natureza. A alquimia traz em si mesmo, como prática que manipula as substâncias, a representação visual e simbólica do lado oculto da mente.

Nada mais fidedigno para representar os mistérios ocultos do inconsciente humano do que uma prática que busca encontrar um material novo, milagroso, um elixir, o ouro ou a quintessência a partir de elementos encontrados na natureza, manipulando opostos e

combinando-os, seguindo instintos e sensações internas latentes, com uma dose de criatividade e algum conhecimento do ambiente.

As experiências que os alquimistas desenvolviam já traziam em seu bojo o universo desconhecido da mente humana, estimulados que estavam com o advento de uma ciência embrionária. Dotados de atributos e curiosidade investigativa, esses práticos deixavam-se levar pelos sinais do inconsciente, tentando realizar um diálogo com as experiências desenvolvidas, classificando os materiais e os produtos obtidos por meio de símbolos e desenhos, transformando a realidade à sua volta e produzindo conhecimento (EDINGER, 2008).

Segundo Edinger (2008), Jung teve um importante papel investigando a analogia da alquimia com os processos da mente humana e da psique, registrando todo o seu interesse epistemológico na obra intitulada *Mysterium Coniunctionis: uma investigação sobre a separação e síntese dos opostos psíquicos em Alquimia*, v. 14, de *Obra Completa*. Neste texto, ele se dedica a analisar a prática alquímica e a sua relação com a teoria dos opostos, correlacionando-os ao processo de individuação e com a decomposição e fusão de elementos. Segundo o autor, seu esforço foi notável, representando um grande achado no sentido de entender os processos que se passam na mente humana analogamente à prática da alquimia, percebendo em seu objeto e em seus sistemas fenômenos de natureza similar à da psique humana (EDINGER, 2008).

Para o autor, é, portanto, necessário empenhar-se para entender essa obra de Jung, dada a sua complexidade, profundidade e densidade, uma vez que está voltada a investigar a prática da alquimia, datada do período medieval. A alquimia se constituía numa atividade que externava e simbolizava os mistérios mais recônditos que habitavam as entranhas do homem medieval instigado a desvendar os mistérios do mundo dando asas a um misto de espírito religioso, investigativo e científico. Para tanto, os alquimistas se valiam de figuras e imagens que provinham do seu imaginário, visando representar esquemas explicativos dos experimentos que realizavam para descobrir o elemento único. Assim, atribui-se que as visões, os fantasmas, os sonhos evocados pelos primeiros práticos podiam vir à tona, visualmente falando, tomando corpo em forma de códigos, fórmulas e imagens, cujo papel era fornecer justamente a explicação para os fenômenos tentavam desvendar. Sob a influência do ainda embrionário pensamento científico, que apenas despontava, os alquimistas estavam, então, livres das amarras epistemológicas, podendo agir mais livremente para tentar ordenar e representar os fatos, combinando fatores e experimentos de vários níveis, científicos, religiosos, plásticos, como faz notar Edinger (2008).

Os esboços produzidos pelos alquimistas muito se assemelhavam aos materiais que podem ser identificados nos sonhos. Não é à toa que é possível dizer que os alquimistas ‘sonhassem’ um sonho coletivo, ocidental, traduzindo a cultura onde a prática se desenvolvia, e de material muito parecido ao que se verifica nos sonhos, e que podia ser materializado através das atividades comuns à alquimia, (EDINGER, 2008), com misturas, fluidos, cores, rabiscos reconhecidos como manifestações típicas aos sonhos.

Nesse sentido Silveira (1997) explica que Jung entendia que o alquimista, manipulando e misturando seus materiais, e produzindo suas fórmulas, estaria reproduzindo processos que tomavam conta em seu próprio inconsciente, e que, na realidade, os práticos alquimistas estariam experimentando nada mais do que os sinais do seu inconsciente.

Esta dissertação não tem a pretensão de aprofundar ou cobrir tão vasto e complexo tema, nem da *coniunctio*, nem da alquimia, muito menos das imagens. No entanto, vale assinalar o papel da obra de Jung para entender o mistério e o poder de que são dotados os elementos, isolada ou combinadamente, bem como a luta e a interação que ocorre entre os opostos, da perspectiva alquímica e do ponto de vista da psicologia analítica. Essa análise tenta delinear as diretrizes básicas para explicitar os elementos da mente, e como eles, a interação e a mistura das substâncias, que podem derivar produtos inteiramente novos e únicos, que transcendem os originais, que estão à frente dos simples elementos que o integram, e que podem ser simbolizados por uma ‘substância’ inédita, inovadora, segundo a perspectiva alquímica, ou a própria consciência (*coniunctio*), de acordo com o olhar da psicologia.

A *coniunctio*, como processo de conjunção de elementos, conforme já descrito no capítulo, resulta em um terceiro produto, independente e distinto de suas partes, fruto da combinação e da tomada de consciência das peculiaridades entre os elementos integrantes, a partir da disposição em assumir uma atitude ativa e perceptiva, embora humilde, estabelecendo a comunicação com o outro, seja ele um elemento, sistema ou o lado oculto da própria mente. Ciente das partes e das forças que o compõe, o indivíduo se torna capaz de se realizar como um ser uno, dando espaço a seus elementos constituintes interiores, sabendo que, ao final, restará um novo ser, transcendente, indivisível dos demais. Mas até que essa união, essa transcendência ocorra, é preciso percorrer todo um processo percebendo as forças opostas, os contrários, se conhecendo até o momento da individuação.

5 OS TIPOS PSICOLÓGICOS

Neste tópico são descritos os tipos psicológicos segundo o modelo idealizado por Jung, fornecendo os principais conceitos e significados envolvidos e relacionados por ele, como a importância de compreensão das personalidades que são comuns na identificação dos tipos.

A tipologia é baseada em processos que pertencem a estruturas e funções mais básicas e elementares do funcionamento psíquico e pode ser rastreada em quase todas as dimensões do comportamento humano: adaptação, motivação, relações interpessoais, desempenho profissional, tomada de decisão, resolução de conflitos, fontes de satisfação, fenômenos esses que se repetem e são explicados pelo modelo tipológico de Jung (2013, v. 6).

Quando Jung (2013, v. 6) formulou sua teoria dos tipos psicológicos identificou atitudes e funções da consciência coletiva, nas quais os tipos seriam dimensões psicológicas relacionadas à maneira esperada de funcionamento cognitivo de um determinado indivíduo. Messick (1976) define estilos cognitivos como atitudes estáveis, preferências, tendência ou estratégias habituais que determinam como o indivíduo percebe, recorda, pensa, aprende e se relaciona com os outros. O estilo cognitivo exerce uma forte influência sobre o que se prioriza na compreensão da realidade e na perspectiva do mundo que é construído a partir dessa hierarquização. É uma dimensão da personalidade que permite reconhecer o invariante de uma pessoa por meio de comportamentos muito diferentes.

Conforme expos Sharp (1997, p. 12): “[...] o modelo de Jung diz respeito ao movimento da energia psíquica e ao modo como cada indivíduo se orienta no mundo, habitual ou preferencialmente”. Do ponto de vista junguiano, a concepção de personalidade contém aspectos conscientes e inconscientes, que se organizam e se desenvolvem a partir de certos padrões dinâmicos, que são resultados da configuração de movimentos e processos dos indivíduos buscando a adaptação e a individualização, assumindo um modo próprio em cada um.

Desta maneira, o tipo psicológico é um perfil associado a diferentes comportamentos do indivíduo, e com as possíveis atitudes originadas da consciência coletiva e individual do mesmo, o qual determina de que maneira este tende a responder ao se relacionar com o mundo, aos outros e aos objetos, reflexo de uma perspectiva do sujeito que envolve aspectos além da simples leitura subjetiva de cada uma dessas psicologias. (JUNG, 2013, v. 6)

5.1 DESCRIÇÃO GERAL DOS TIPOS PSICOLÓGICOS

Jung distingue oito tipos psicológicos decorrentes da articulação das atitudes individuais: Introversão (I) e Extroversão (E), com uma das quatro funções psicológicas:

Sensação (S), Intuição (N), Pensamento (T) e Sentimento (F). Tanto as atitudes como as funções se organizam em três pares de polaridades. O par I/E refere-se fundamentalmente às diferenças na direção do fluxo de energia para o mundo interno ou do mundo externo, respectivamente. Na extroversão, a energia psíquica está voltada para fora, o que faz com que a pessoa se sinta energizada e motivada pelo externo. Ela desempenha um papel importante para adaptação do indivíduo ao mundo. Na introversão, a energia vira-se para o interior, a subjetividade predomina e desempenha função muito importante na adaptação do indivíduo ao seu mundo interior.

Na teoria dos tipos psicológicos (Jung, 2013, v. 6), as quatro funções se organizam em dois pares de polaridades. A polaridade Sensação (S) / Intuição (N) determina duas maneiras diferentes de captar a realidade, ambas constituindo funções perceptivas. A polaridade Pensamento (T) / Sentimento (F), refere-se a funções de avaliação e fornece uma estrutura racional às percepções, constituindo duas maneiras diferentes de processar a realidade. A função Sensação diz que algo existe, pois se refere à informação recebida por meio dos cinco órgãos dos sentidos, que direcionam sua atenção para o mundo tangível, sensorial, para o presente. No outro polo está a função Intuição, que se refere à informação que vem do intangível, das possibilidades, do prospectivo, do futuro. A função Pensamento diz o que algo é, classifica e identifica as informações que são adquiridas pela Sensação ou pela Intuição. A abordagem por meio do Pensamento é essencialmente lógica e analítica, estabelecendo categorias para poder compreender, manter uma lógica e uma ordem. O Sentimento, ao contrário, atribui um valor às percepções. Essas quatro funções assumem características diferentes, dependendo da atitude que associada a elas.

A combinação da função superior com a atitude predominante fornece os oito tipos psicológicos ou oito maneiras diferentes de funcionamento da consciência. Briggs-Myers e Myers (1995) adicionaram outra polaridade, a polaridade Julgamento/Percepção, que se refere ao modo de lidar com o mundo exterior. Pessoas com uma preferência pelo Julgamento (J) mostram uma tendência a serem ordenadas, planejadoras, enquanto os tipos Percepção (P) tendem a ser mais flexíveis e espontâneos. A combinação das quatro polaridades preferenciais resulta num código de quatro letras que corresponde aos 16 tipos psicológicos identificados por Briggs-Myers e Myers (1995).

O tipo psicológico, diz Jung (2013, v. 6), é o resultado de uma unilateralidade do desenvolvimento. O desenvolvimento ocorre sempre por meio da diferenciação hierárquica das funções. Esta diferenciação se dá seguindo certa ordem que está a serviço da adaptação. Haverá sempre uma função principal, superior, que pode ser perceptiva ou racional, uma auxiliar que será de natureza oposta à principal, ou seja, se a função principal é uma função perceptiva

Sensação ou Intuição, a função auxiliar é uma função racional, Pensamento ou Sentimento, e vice-versa. Os outros dois polos de ambas as polaridades permanecerão pouco desenvolvidas e, portanto, inconscientes. A polaridade oposta à função principal é a menos desenvolvida das funções e é denominada função inferior, que também está no inconsciente. Segundo Franz (2016, p. 20): “pode-se dizer que a função inferior sempre faz a ponte para o inconsciente. Ela é sempre dirigida para o inconsciente e para o mundo simbólico”.

Beebe (2005) e Franz (2016) enfatizam que a tipologia é um sistema dinâmico, sendo que o bom desenvolvimento das funções e atitudes da consciência torna possível uma boa adaptação. Ainda de acordo Beebe (2005), cada uma das variáveis tipológicas constitui uma disposição arquetípica necessária para uma boa adaptação e um adequado processamento da realidade, tanto interna como externa. Como descreve Penna (2004, p. 81), “o mundo, para Jung, é concebido em seus aspectos subjacente e manifesto. A noção de *unus mundus*, emprestada da filosofia medieval, confere dinamismo ao todo e integra microcosmo e macrocosmo”. Quanto mais autoconhecimento, mais diferenciado e mais possível a experiência do *unus mundus*.

O si-mesmo fora experimentado inicialmente, mas como centro divino intrapsíquico; agora esta experiência se amplia sob a forma de união com o cosmos inteiro. Encontrar-se-ia uma representação paralela a esta na imagem hindu da dissolução do *atmã* individual no *atmã* universal (JUNG, 2012, v. 14/3, p. 372).

Então, há um paradoxo, quanto mais nos aproximamos desse processo de um conhecimento da vida como um todo, mais precisamos cultivar a introversão, como os alquimistas, indo em direção ao mundo, mas em um trabalho altamente individual. Assim, justifica-se a importância de entender os tipos psicológicos para lidar com esse paradoxo dentro da teoria junguiana.

5.2 TIPO EXTROVERTIDO

A atitude extrovertida pode combinar funções diferentes, resultando quatro tipos a saber, de acordo com Jung.

a) Tipo Pensamento Extrovertido

De acordo com a definição de Jung (2013, v. 6), o tipo pensamento extrovertido coloca toda sua externalização vital sob a dependência de suas conclusões intelectuais baseadas em dados objetivos, sejam fatos ou ideias universais, que predominam na definição dos critérios de bem e do mal, na estética, na tomada de decisões corretas, não só para ele, mas para a sociedade que o rodeia, e, de fato, o sujeito estará convencido de suas escolhas, desde que pareçam

consistentes com a aplicabilidade no mundo. É muito difícil para um extrovertido aceitar novas propostas ou questionamentos sobre teorias que governam o mundo, tudo depende de sua capacidade de conhecer as leis que regem as diferentes culturas, assim permitindo-lhe melhor tolerar as pessoas que pensam de maneira diferente ou que de outras culturas. O melhor aspecto da atitude extrovertida se nota em sua margem de atuação, uma vez que quanto mais se aproxima de seus domínios, mais palpável ou precipitada é sua tirania.

Embora o tipo pensamento extrovertido possa parecer um tirano, é ele mesmo quem mais sofre, devido às repressões que ele aceita do sistema. Assim:

Mais cedo ou mais tarde – dependendo das circunstâncias externas e da predisposição interior – as formas vitais reprimidas pela disposição intelectual se farão sentir indiretamente, perturbando o comportamento vital consciente. Quando esta perturbação atinge um alto grau de intensidade, fala-se de uma neurose (JUNG, 2013, v. 6, p. 362).

A inibição procedente da consciência afeta, primeiro, os sentimentos do sujeito, pois estes se caracterizam como a maior contradição à lógica intelectual; por isso, são reprimidos com grande intensidade. O dogmatismo que pode rodear o pensamento causa o oposto de seus sentimentos reprimidos no inconsciente, ou seja, podem ocorrer projeções que, muitas vezes, se “encarnam” em sujeitos do gênero oposto. Assim diz Jung (2013, v. 6, p. 364): “Esse tipo, certamente bem conhecido do leitor, encontra-se, segundo minha experiência, sobretudo nos homens, pois em geral o pensamento é uma função que predomina mais no homem do que na mulher”.

Para Jung (2013, v. 6), “o pensar do tipo pensamento extrovertido é *positivo*, [...] seu julgamento é, em geral, *sintético*” (p. 364, grifos do autor), porque pode criar ou suplantiar, com novas ideias, julgamentos que dizem respeito ao bem comum, e, claro, também pode ocorrer de forma negativa, se o pensar for usado para o bem por interesse próprio ou para se tornar uma pessoa ortodoxa em termos de um conjunto de regras que não se manifestam no interior do sujeito, isto é, que não são de sua própria autoria.

b) Tipo sentimental extrovertido

O sentir é, sem dúvida, um componente muito visível na psicologia feminina, mais que o pensar. Portanto, os tipos sentimentais são mais pronunciados no sexo feminino. A mulher pertencente a este tipo vive de acordo com seus sentimentos. Por causa da educação, seu sentimento se desenvolveu sob o controle da consciência; em casos não extremos, o sentimento se apresenta como uma característica pessoal. Seus sentimentos se referem às coisas objetivas e aceitas pela sua sociedade. A forma mais evidente de sua existência se dá na escolha do

companheiro, já que buscará um homem que cumpra os requisitos impostos pelo seu entorno social: idade, classe social, aceitação social, riqueza e outros aspectos que dependem do sistema dominante. O sentimento amoroso desta mulher relaciona-se à sua escolha, tendo conseguido um bom relacionamento com um homem que corresponda à sua projeção do *animus* – energia masculina.

O sentir da mulher pode levá-la a uma aparente despersonalização, pois o sentimento pode acarretar a perda do caráter pessoal, transformando-se no sentir em si, ou seja, dependendo da circunstância e do contexto, a mulher pode acabar por “mimetizar-se” pelo simples fato de sentir, oprimindo o seu raciocínio, tanto quanto possível. De acordo com o grau de dissociação entre o “eu” e o estado sentimental do momento, aparecem os sinais de desunião consigo mesma. Como resultado, seu observador não pode ter uma ideia de seus verdadeiros sentimentos. Isso piora a situação, uma vez que esta mulher, quanto mais se acentua a relação sentimental com o objeto, mais faz aflorar à superfície a oposição inconsciente, de modo que:

O pensamento inconsciente chega à superfície na forma de ideias obsessivas, cujo caráter geral é sempre negativo e depreciativo. Por isso, em mulheres desse tipo, há momentos em que as piores ideias se voltam para aqueles objetos mais queridos pelo sentimento. O pensar negativo se vale de todos os preconceitos e comparações infantis que se prestam a colocar em dúvida o valor do sentimento e recorre a todos os instintos primitivos para poder explicar os sentimentos com um ‘nada mais do quê’. (JUNG, 2013, v. 6, p. 373).

c) Tipo sensação extrovertido

O tipo sensação se caracteriza pelo contato com a realidade, possui um sentido objetivo muito aguçado. Sua capacidade perceptiva serve de guia para novas experiências que se apresentam, podendo parecer muito racional, embora, na realidade, não o seja, pois está sujeito à sensação devida ao azar irracional. Para ele, a vida é uma sensação de plenitude real. Ele procura o gozo concreto e faz o mesmo com a forma de levar sua moralidade e sua ética. Em um nível menos desenvolvido, se apresenta como um sujeito que só percebe a realidade tangível, não reflete e não tem propósitos de poder. Ele pode ser descrito como um tipo que só se interessa pela diversão, bons momentos da vida e eventos que o conduzem às sensações. Seu amor baseia-se nos encantos que o objeto pode oferecer, mas seu objeto pode perder seu charme, uma vez que já não produz novas sensações em sua existência, e quanto mais indispensável o objeto se torna, mais tende a desvalorizá-lo. O objeto é brutalmente violado e abusado, pois isso provoca mais sensações, de tal forma que:

A vinculação ao objeto é levada a extremos. E, assim, também o inconsciente é forçado a sair de sua função compensadora e entrar em oposição aberta. Sobretudo as intuições reprimidas entram em ação como projeções sobre o objeto. Nascem as suposições mais aventureiras. Tratando-se de um objeto sexual, tem papel importante as fantasias ciumentas e estados de angústia. (JUNG, 2013, v. 6, p. 378).

Os conteúdos patológicos têm uma grande bagagem de irracionalidade, podem cair no fanatismo moral ou religioso, com inclinações para crenças fantasiosas ou mágicas que se acredita governarem a existência, em total oposição à consciência dos fatos. A parte subjetiva da percepção é reprimida ou inibida. Sua parte oposta é a intuição, isto é, a percepção inconsciente, que não permite que o sujeito se aproxime do seu próprio mundo interno. Esta tendência pode desencadear um niilismo ante todo o seu entorno e o encerra na estreiteza da compreensão do ser humano.

d) Tipo intuitivo extrovertido

A intuição é uma função da percepção inconsciente, na atitude extrovertida é voltada, quase que inteiramente, aos objetos externos, já que a intuição é um processo inconsciente, sendo muito difícil relacioná-la inteiramente à consciência. Neste caso, a adaptação é baseada, quase exclusivamente, na intuição, e o sentir, o pensar e a percepção estão relativamente afetados, especialmente esta última, que é função mais oprimida e, ao mesmo tempo, é a que mais obstáculos coloca à intuição (JUNG, 2013, v. 6).

O intuitivo não pode ser encontrado junto com os valores realmente universais, mas mostra sua presença na “virtualidade”. Nem a razão nem o sentimento podem convencê-lo às situações estáveis, no entanto, essas funções são as únicas capazes de compensar ou equilibrar a primazia da intuição, pois dão o julgamento que parece faltar ao intuitivo. O tipo intuitivo extrovertido parece estar mais presente nas mulheres do que nos homens; essas mulheres, geralmente, tendem a tirar proveito das relações sociais, sabem como encontrar homens que apresentam *status* sociais e sem qualquer razão aparente podem abandoná-los na presença de uma nova possibilidade que abra as portas de seu destino (JUNG, 2013, v. 6).

O tipo intuitivo, geralmente, exige liberdade e independência, pois não submete suas decisões a julgamentos racionais. Se a atitude consciente é extrema, existe uma conexão obsessiva com a percepção do objeto. Podem apresentar sintomas hipocondríacos, fobias e sensações corporais que podem parecer muito absurdas (JUNG, 2013, v. 6).

5.3 TIPO INTROVERTIDO

A atitude introvertida pode combinar quatro funções diferentes, descritas a seguir.

a) Tipo pensamento introvertido:

O tipo pensamento introvertido é orientado pelo seu pensamento subjetivo, pode ser ilustrado como o pensador que busca o porquê da existência de seu próprio ser. Suas ideias são o motor de sua existência, deixando de lado o objeto, como o seu contraparte extrovertido, tendendo a proteger-se de seus sentimentos reprimidos no inconsciente, por isso pode parecer uma pessoa fria, sem emoção, indiferente em certas circunstâncias, parecendo não valorizar as pessoas, e ante seus observadores aparece como um sujeito amargurado pela definição desfavorável que costuma dar à sociedade que o rodeia, pois sempre está em constante questionamento sobre uma maneira melhor de lidar com a existência. Segue apenas seus pensamentos e os sustenta de uma maneira muito racional para si mesmo, embora estes possam parecer muito abstratos para os outros. Ele está inclinado a ser teimoso, obstinado, arrogante e inacessível em suas convicções. Pode se mostrar muito complexo, ensimesmado. Em casos extremos, o resultado de suas explorações analíticas pode ter pouca relação com a realidade. Ele pode, inclusive, romper todo o contato com a realidade e se apresentar como uma figura quixotesca, isto é, como um habitante de seu próprio mundo interno ideal (JUNG, 2013, v. 6).

A influência estranha (externa) que o tipo pensamento introvertido muitas vezes rejeita firmemente, geralmente atacando-o de dentro, de sua contraparte inconsciente, que causa problemas na fecundidade de suas ideias, pode tornar-se destrutiva e portadora de ideias envenenadas, devido ao seu sofrimento interno. Esse sofrimento o leva à solidão, que parece protegê-lo do mundo externo, mas tal recurso o afunda ainda mais em seu conflito interno, levando-o a um desgaste e esgotamento cerebral. Assim:

O pensamento do tipo introvertido é positivo e sintético no que se refere ao desenvolvimento de ideias que se aproximam em grau sempre maior da validade universal das imagens primitivas. Mas, se a conexão com a experiência objetiva se afrouxar, tornam-se mitológicas e deixam de ser verdadeiras por um período de tempo momentâneo (JUNG, 2013, v. 6, p. 399).

Todos esses mecanismos psíquicos servem como uma defesa contra as influências do entorno, sendo parte deles, também, o medo que sentem das mulheres, uma vez que muitas vezes são seduzidos por mulheres ambiciosas, que sabem aproveitar-se de sua falta de crítica ante objetos concretos.

b) Tipo sentimental introvertido

Esse tipo é mais comum nas mulheres, que costumam manter seus sentimentos escondidos do mundo; sua expressão sentimental é muito pobre, uma vez que se escondem atrás de uma máscara infantil ou banal. Elas se mostram silenciosas, inacessíveis, indiferentes e com

tendência à melancolia, mas podem dar a ideia de possuir uma harmonia interior, tranquilidade e autossuficiência. Aos olhos de seus observadores, elas podem parecer misteriosas ou donas de um forte carisma que os convida a confiar nelas. Na realidade, essas pessoas têm sentimentos muito profundos e intensos que, às vezes, tendem a aparecer abruptamente para o espanto das pessoas que as rodeiam.

O pensamento inconsciente é certamente arcaico. Se a atitude da consciência é unilateral, o sujeito pode ficar preso aos rumores, acreditar que os outros falam dele pelas costas. Mas se o sujeito inconsciente se identifica com o “eu”, o misterioso poder do sentimento intensivo que domina se transforma em banal e em ânsia de poder, em vaidade, em prepotência tirânica.

c) Tipo sensação introvertido

Esse tipo situa-se, geralmente, à margem dos objetos externos, submergindo em suas próprias percepções psíquicas. É um tipo irracional, pois, entre as coisas que acontecem ao seu redor, não consegue selecionar, preponderantemente, de acordo com julgamentos racionais, deixando-se levar apenas pelos acontecimentos em si. Considera o mundo como vulgar e irrelevante em comparação com as suas percepções internas. Mostra dificuldades em se expressar, exceto por meio da arte, mas sua produção é, geralmente, desprovida de significação. Diante dos outros, geralmente parece ser calmo, passivo e dono de uma harmonia interior, mas, na realidade, não é muito interessante, pois é deficiente em pensamentos e sentimentos. Não é acessível ao entendimento objetivo, assim como, na maioria dos casos, é incapaz de compreender a si mesmo.

Em geral, o indivíduo está contente com sua solidão voluntária e a banalidade da realidade, a qual ele trata, inconscientemente, de maneira primitiva. Embora o indivíduo não se afaste muito do objeto, a intuição inconsciente age de maneira saudável, compensando a atitude um pouco fantástica e propensa à credibilidade da consciência. Mas, se o inconsciente se opõe à consciência, tais intuições exibem sua ação destrutiva, como visões obsessivas negativas sobre o objeto. A neurose resultante é a obsessiva, com sintomas de esgotamento. Jung o descreve melhor por contraste ao tipo intuição extrovertida:

Seu inconsciente se caracteriza principalmente por uma repressão da intuição que tem caráter extrovertido e arcaico. Enquanto a intuição extrovertida tem aquela engenhosidade característica, um bom nariz para todas as possibilidades da realidade objetiva, a intuição inconsciente e arcaica tem a capacidade de farejar todos os aspectos dúbios, sombrios, sujos e perigosos que estão por trás da realidade (JUNG, 2013, v. 6, p. 410).

d) Tipo intuitivo introvertido

Os maiores representantes desse tipo são os artistas, os sonhadores, os visionários, videntes místicos e vagabundos. Geralmente esse tipo é considerado pelas pessoas que o cercam como um enigma, um mistério, um gênio incompreendido ou alguém que está à frente do seu tempo. Como ele não está em contato com a realidade externa ou as conveniências de sua sociedade é incapaz de se comunicar com os outros, mesmo com aqueles do mesmo tipo. Está isolado no mundo das imagens primordiais, cujo significado não consegue entender, pois ele passa de imagem para imagem buscando as mesmas novas possibilidades, mas sem desenvolver suas intuições verdadeiramente. Não pode contribuir para a compreensão dos processos psíquicos. Mesmo assim, pode surpreender com ideias brilhantes que podem servir de base para o desenvolvimento e a interpretação dos outros:

O intuitivo introvertido reprime a sensação do objeto ao máximo. É característica de seu inconsciente. No inconsciente existe uma função sensação, extrovertida e compensadora, de caráter arcaico. [...] Instintividade e intemperança são as características dessa sensação, juntamente com uma extraordinária dependência da impressão dos sentidos. [...] A forma da neurose é uma neurose compulsiva que apresenta como sintomas, às vezes, fenômenos hipocondríacos, as vezes hipersensibilidade dos órgãos sensoriais, as vezes ligações compulsivas com certas pessoas ou objetos (JUNG, 2013, v. 6, p. 415).

Pode-se entrever que, para Jung, a psique é um “órgão” que está em constante atividade compensatória que, de acordo com as inclinações da consciência e com as suas funções, criam certos tipos de personalidades que se acentuam da mesma forma pela influência dos arquétipos. Esses tipos de personalidade orientam o “eu” ao contato com o mundo interno, bem como com o mundo externo. Este “eu” é um agente da consciência, é o centro onde o indivíduo que existe está ciente; mas esse “eu” não representa a totalidade da personalidade, sendo preciso pensar nas partes inconscientes, tanto a pessoal como a coletiva. Jung não deixa de ser um psicopatologista, mas reconhece a possibilidade criadora e criativa da parte doente do sujeito, pois, para ele, a conquista da existência humana é a integração da psique com o que ele chamou de individuação. O fato de Jung ser tão categórico nessas afirmações não deve nos levar a pensar que os tipos psicológicos são rígidos, devendo-se compreendê-los como tendências acentuadas da personalidade, que podem variar de acordo com a etapa da vida do sujeito, bem como com as circunstâncias a que está exposto. Posteriormente, o tema da libido será abordado, visando melhor entender essa forma de agir da psique humana de acordo com Jung.

Sabe-se que os modelos e classificações acadêmicos e científicos ajudam a organizar o pensamento e a sistematizar a realidade, sendo utilizados principalmente por especialistas em

diversos campos na tentativa de, classificando, comparando e diferenciando, estabelecer uma estrutura dotada de critérios para relacionar fenômenos pertencentes a várias esferas, de naturezas distintas, categorizando e fixando aspectos que facilitem identificá-los, aproximá-los, separá-los e a relacioná-los, diagnosticando os novos casos e situações limítrofes. Seguindo essa tendência, a psicologia analítica, com o modelo de tipologia proposto por Jung, cria a possibilidade para melhor pensar os processos que envolvem a energia psíquica, a polaridade, a unilateralidade e demais os fenômenos a eles relacionados, identificando padrões no comportamento humano, procurando, a partir deste arcabouço, explicação para aprofundar o conhecimento e aperfeiçoar as práticas em psicoterapia.

6 O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Antes de focar o tema do desenvolvimento psíquico deve-se ter em mente o modelo que representa esse processo, retornando à questão do amadurecimento do sujeito, desde o seu estado de indiferenciação inicial (inconsciência total) até a completa realização do ser (indivíduo o mais consciente possível de si mesmo). Este sistema peculiar de desenvolvimento do ser humano constitui o que Jung denominou de “processo de individuação”, que é típico apenas do ser humano, distinto ou mesmo ausente nos processos que ocorrem entre os animais, sendo entendido como a consumação da totalização individual, que não pode ser adulterada segundo os princípios da psicologia coletiva. Não se trata aqui da palavra em sua acepção individualista, mas do processo de realização do indivíduo enquanto ser íntegro e completo, que usufrui da faculdade da consciência, ou seja, da compreensão e do entendimento sobre si próprio em relação direta com a ampliação desta mesma consciência. O termo refere-se a um arquétipo, retratando a ‘maturação’ espontânea que se realiza possivelmente inscrita em cada ser humano.

Assim sendo,

Surge, gradualmente, uma personalidade mais ampla e amadurecida que, aos poucos, torna-se mais efetiva e perceptível mesmo a outras pessoas. O fato de nos referirmos várias vezes a um ‘desenvolvimento interrompido’ mostra a nossa crença na possibilidade que todo indivíduo tem de desenvolver tal processo de crescimento e maturação (FRANZ, 2008, p. 161).

O processo de individuação coincide com o desenvolvimento da consciência. Após o nascimento, o bebê amamentado não diferencia o seu próprio ser do de sua mãe, fenômeno denominado identidade “arcaica” por Jung (2008) ou ainda “participação mística”, expressão emprestada do etnólogo francês Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939). Algum tempo depois, com o aparecimento da confrontação com o mundo externo e com desenvolvimento do consciente, e uma vez constituído o “eu”, se estabelece uma distinção entre o Si-mesmo e o outro. O sujeito já está capacitado a diferenciar o objetivo real ou externo das imagens que são o produto de seus desejos e necessidades, que é a parte subjetiva projetada para o exterior.

Assim como entende Franz (2008), essa diferenciação é fruto da relação estabelecida com o mundo exterior e da interação simultânea com o mundo interior, o que permite a tomada de consciência dos elementos projetados como parte do “Si-mesmo”. A individuação é um processo dinâmico que se transforma de acordo com as experiências vivenciadas pelo eu no inconsciente, resultante da discriminação existente entre “eu” e “persona”, produzindo um

encontro com elementos da “sombra”, distinguindo *anima* de *animus*⁶ e das projeções em outros sujeitos.

A experiência resulta em um conflito intrapsíquico para suprir as demandas da vida em si, fornecendo elementos para a transformação do “eu”. Esta conscientização é a elevação à condição de “eu” de um elemento que foi inibido inicialmente e, portanto, permanecia desconhecido, para a consciência, e que, ao se manifestar, causa uma fragmentação temporal a partir da qual o “eu” busca a maneira mais apropriada de se reorganizar frente ao “novo” elemento que até então não tinha acesso à consciência, pois um elemento oposto havia se integrado a ele, impedindo o aparecimento do elemento inibido. Essa reintegração é a força motriz do conflito intrapsíquico que pode ser superado ao combinar opostos, mantendo suas propriedades.

Essa transformação só pode ser elaborada por meio de um trabalho com o símbolo. Jung propõe, assim, a imaginação ativa, que é um método que propicia que o “eu” consciente se relacione a determinadas emoções por meio de ferramentas espontâneas, como a arte ou a interpretação de imagens, que são apresentadas ao sujeito em um estado de relaxamento. Assim, se sustentam as bases para a interação com o entorno, criando um espaço para o sujeito. Este processo deve libertar-se dos limites da simples intelectualidade, visando evitar um enfrentamento dos opostos com a ajudada capacidade criadora, que por sua vez intervém no reconhecimento dos limites da personalidade.

Conforme explica Franz (2008, p. 162): “[...] este aspecto ativo e criador do núcleo psíquico só pode entrar em ação quando o ego se desembaraça de todo projeto determinado e ambicioso em benefício de uma forma de existência mais profunda, mais fundamental”.

A individualização é um dos objetivos de todo o trabalho analítico, e aqui está uma das principais diferenças no uso que se faz do sistema de classificação dos tipos psicológicos. Franz (2016) e de Beebe (2005) consideram o tópico da tipologia como fundamental, uma vez que se conecta diretamente com um dos pilares da psicologia junguiana, qual seja, a superação da indiferenciação. Passar-se-ia por várias etapas, anteriormente descritas, a começar por diferenciar e integrar as funções psicológicas. Primeiro, pela identificação da função dominante, em seguida das funções auxiliares, para então se alcançar a função inferior. Quando a função inferior aflora, toda a estrutura consciente muda, emergindo um novo estágio. Não há mais pensamento-sentimento e percepção-intuição. Franz (2016, p. 28) afirma que uma nova

⁶ Termos para referir a personalidade interior feminina e masculina, encontradas, respectivamente, no homem e na mulher.

disposição para a vida aparece quando se “usam todas e nenhuma das funções ao mesmo tempo”.

6.1 A INDIVIDUAÇÃO E OS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO

Edinger (1972), estudando a relação que se estabelece entre ego e Si-mesmo ao longo do curso do desenvolvimento psíquico do ser humano, nota que as mudanças envolvendo esses elementos explicitam, de certa forma, o comportamento do processo dos quais eles são parte.

Em vários estudos sobre o desenvolvimento do Si-mesmo na infância e na maturidade, o tema é abordado diversamente, seja do ponto de vista mitológico, etnográfico ou espiritual. Mas, continuamente, as abordagens convergem sobre a sua relevância como complexo original que antecede o surgimento do ego e da consciência, como um elemento primordial, uma autoridade psíquica suprema. Psicólogos analíticos partilham a ideia de que nas fases de desenvolvimento humano que antecedem a maturidade, o ego tende a separar-se do Si-mesmo, quando não, tendendo a se impor como entidade distinta. Na idade adulta, já estabilizado e mais seguro, o ego reinicia um movimento contrário, se reaproximando e se reconciliando com a sua origem, quer seja, o Si-mesmo (EDINGER, 1972).

O autor assinala que, apesar da veracidade dessa teoria, ela deixa de observar situações e fatos objetivos na área da psicologia infantil e da psicoterapia dos adultos, sendo que uma interpretação mais apropriada do desenvolvimento psicológico pressupõe um movimento cíclico e contínuo, mas também de alternância, que acontece do nascimento à morte. Na realidade, são dois processos simultâneos, o de separação cada vez mais evidente entre o ego e o Si-mesmo e o do aumento da consciência que existe um vínculo entre os dois, expresso na figura de um eixo, termo conceituado por Neumann. Quanto mais progressivo, mais nítidos esses processos se tornam. Nas fases iniciais da maturidade, o movimento circular oscila entre dois estágios contrários, o de inflação e o da alienação. Quando a consciência do eixo ego-si-mesmo se consolida, finalmente, inicia-se uma relação dialética entre esses componentes da psique. Essa etapa é denominada de estado individuação (EDINGER, 1972).

Para Viana (2017) a individuação pode ser entendida como “autorrealização”, quando, depois de precisar passar por uma fase conturbada, na qual consciente e inconsciente medem forças, o indivíduo consegue, conhecendo e conseguindo colocar em prática suas próprias potencialidades, se estabilizar e amadurecer, atenuando assim os seus conflitos.

Silveira (1997), discutindo o conceito jungueano de individuação, observa que este vinha sendo alvo de distorções, e que embora sua base fosse de simples compreensão, não se

tratava, de forma alguma, de um processo linear e definitivo rumo à perfeição, constituindo antes, uma

[...] tendência instintiva a realizar plenamente potencialidades inatas. Mas, de fato, a psique humana é tão complexa, são de tal modo intrincados os componentes em jogo, tão variáveis as intervenções do ego consciente, tantas as vicissitudes que podem ocorrer, que o processo de totalização da personalidade não poderia jamais ser um caminho reto e curto de chão bem batido. Ao contrário, será um percurso longo e difícil. [...] Pelo menos duas confusões frequentes (sic) devem ser de início esclarecidas. Em primeiro lugar não se pense que individuação seja sinônimo de perfeição. Aquele que busca individuar-se não tem a mínima pretensão a tornar-se perfeito. Ele visa completar-se, o que é muito diferente. E para completar-se terá de aceitar a fardo de conviver conscientemente com tendências opostas, irreconciliáveis, inerentes à sua natureza, tragam estas as conotações de bem ou de mal, sejam escuras ou claras. (SILVEIRA, 1997, p. 77-78).

Ainda, segundo observava a autora, outra confusão tendia a ser frequente, associando individuação à individualismo. Segundo a autora, conforme fazia questão de distinguir o próprio Jung nenhuma relação existe entre querer se concretizar como indivíduo completo, atendendo a sua essência mais genuína com o sentimento de egoísmo. Ao contrário a individuação passa pelo processo de tomada de consciência quanto aos próprios elementos que constituem a herança coletiva da psique, assinalando que esta percepção teria resultados positivos para a integração do indivíduo na sociedade. (SILVEIRA, 1997).

Em psicologia analítica o processo de expansão do ego é denominado *inflação*, quando este tenta se sobrepor ao Si-mesmo. A primeira infância é caracterizada por esse estado do ego, quando a criança, ainda incapaz de se perceber como parte de um todo, se confunde com esse último, do qual é apenas uma pequena parte integrante. Na sua fase bem inicial, não possuindo ainda uma consciência completa, começa a se constituir inconscientemente, percebendo-se como uma unidade, quiçá como divindade, tomando o Si-mesmo como referência própria, para somente depois conseguir se encarar com humildade, na condição de parte singular do todo que o constitui.

Conforme descreve Edinger (1972),

Trata-se de um estágio no qual algo pequeno (o ego) atribui a si qualidades de algo mais amplo (o Si-mesmo) e, portanto, está além das próprias medidas. [...] Mas seu ser e suas experiências totais estão ordenados em torno de uma suposição *a priori* de que ele é uma divindade. Esse é o estado original de unidade e perfeição inconscientes, responsável pela nostalgia que todos sentimos com relação às nossas próprias origens, tanto pessoal quanto historicamente (EDINGER, 1972, p. 27).

O recém-nascido, se orientando principalmente pelo inconsciente, possui uma sensação equivocada que o leva a confundir o próprio ego – que ainda começa a despontar –, com o Si-

mesmo – unidade superior, una, indivisível, autossuficiente, a figura da divindade que habita o homem –, quando não com a própria divindade, que, diferentemente do Si-mesmo, não é dado.

Esta etapa está descrita na mitologia como a idade do ouro, por alusão ao paraíso e metais nobres, assim como as outras fases também são associadas a diversos tipos de metais menos valorizados, geologicamente falando, e que se sucedem, passando por períodos de dependência das mães (período matriarcal), por guerras, até o momento da decadência humana/psicológica. As imagens e os símbolos redondos, como as mandalas, os esboços florais, estão associados à ideia de paraíso, à completude, onde a comunhão prevalece e os elementos se bastam, parecendo os acolher, sem rupturas e conflitos. Estudos demonstram serem o círculo e as formas arredondadas as preferidas por crianças quando começam a expressar-se graficamente, até que, gradualmente, à medida que vão crescendo, passam a desenhar extensões a partir dos esboços arredondados, que se alongam em formatos de membros do corpo humano, mas, como tendência geral, sempre tendo por referência a figura central circular. Ao que tudo indica, esses símbolos reproduzem e replicam o modelo do “homem platônico original”, segundo Edinger (1972).

Nos recém-nascidos não existe ego ou consciência, e tudo é inconsciente. Ego, Si-mesmo e mundo exterior e pais se misturam, são uma coisa só. Nesse sentido, nos estágios iniciais de desenvolvimento da criança até os cinco anos de vida mais ou menos, o ego se encontra inflado, e a razão é que ainda não consegue se distinguir do Si-mesmo ou do meio, e por conseguinte, da divindade, do universo, pela mesma razão que ele se basta a si próprio. A criança, portanto, manifesta todos os sintomas próprios da condição de ego inflado, vivendo num contexto fervilhado de estímulos de toda a espécie provenientes do mundo externo, respondendo a eles a partir de seu potencial sensitivo nato, guiando-se de forma reflexa pelos instintos inconscientes e de acordo com a sua herança arquetípica, na tentativa de atender às exigências de sobrevivência, atenção e carinho. (EDINGER, 1972).

Ainda como descreve o autor (1972), o ser irresponsável, egoísta e inflado que a criança representa oferece, em certa medida, um paralelo com o homem primitivo, o qual também não possui uma distinção definida entre consciente e inconsciente, de *eu* mesmo e dos *outros* que o cercam, assim como também não é possível haver ainda a diferenciação entre interior e exterior. A criança, portando em si mesma uma identificação comportamental com o homem primitivo, responde instintivamente a partir da herança de seu inconsciente coletivo (psique arquetípica) para, desse modo, garantir a sobrevivência. Gradualmente, esta irá começar também a perceber e esboçar respostas sociais, no sentido do comportamento culturalmente construído pelo grupo ao qual pertence, para interagir aos estímulos externos a partir desses códigos. Já para o adulto

civilizado, com a vida destituída de sentido, o mito do selvagem parece exercer ainda um fascínio, embora que de forma ambígua, parecendo querer se assemelhar ao homem primitivo, enquanto símbolo da figura pura, ligada à natureza, em comunhão com o paraíso, e, portanto, divina, embora também – e por outro lado –, constrangedora e rude, que causa medo e admiração. E aí se encontra a dubiedade desse processo (EDINGER, 1972).

No âmbito do processo educacional, o autor chama a atenção para o problema de como resolver de forma prática esse comportamento infantil inflado, ao mesmo tempo colocando limites aos ímpetos irresponsáveis da criança, mas sem, contudo, causar danos ao eixo ego-Si-mesmo e sem romper o vínculo existente e necessário com a psique arquetípica, visando garantir o desenvolvimento satisfatório da personalidade. Para o autor, essa questão resume os principais problemas hoje vigentes na educação infantil, e para a superação dos quais é preciso dosar tolerância e disciplina (EDINGER, 1972).

Na sequência, a explicação do autor, deixa claro o dualismo da questão:

A indulgência enfatiza a aceitação e o encorajamento da espontaneidade da criança e alimenta seu contato com a fonte de energia vital em que ela nasce. Mas mantém e encoraja, igualmente, a inflação da criança, que assume uma atitude irrealista para com as exigências da vida exterior. A disciplina rígida, por seu turno, enfatiza limites estritos de comportamento, encoraja a dissolução da identidade ego-Si-mesmo e trata a inflação de modo bastante eficaz; mas, ao mesmo tempo, tende a danificar a conexão vital e necessária entre o ego em crescimento e as raízes que ele mantém no inconsciente (EDINGER, 1972, p. 33).

Por fim, enfatiza que, “Não há escolha entre essas duas formas – elas constituem um par de opostos e devem operar em conjunto”. (EDINGER, 1972, p. 33).

Nessa fase, a mãe precisa ter claro o seu papel, se dedicando totalmente à criança no sentido de atender as demandas que são essenciais e próprias das várias dimensões humanas nessa fase, sob risco de comprometer o desenvolvimento psicológico dos filhos, mas num futuro breve, e progressivamente começando a controlar as exigências irrestritas dos pequenos. É nesse momento que a inflação começa a ceder lugar à alienação, com risco de abalar a estrutura do eixo ego-Si-mesmo. Figurativamente, a criança se sente expulsa do paraíso, perde a sua sensação de onipotência, o que pode causar-lhe um trauma permanente. Esse processo se desenvolve progressivamente durante a idade adulta, obrigando o ego a crescer, a se adaptar às perdas e a se resolver sozinho, separando-se do Si-mesmo. Por outro lado, este afastamento não deve ser excessivo a ponto de causar o comprometimento da psique, distorcendo o potencial próprio do indivíduo, podendo ocasionar a alienação de Si-mesmo, com traumas psicológicos irreversíveis (EDINGER, 1972).

O estado de inflação pode persistir além da infância, fazendo com que o indivíduo adulto continue a se sentir o centro do universo. A identificação entre o mundo interior e o exterior, conforma demonstra Edinger (1972), pode ter consequências nefastas se acontece nas fases iniciais em que o ego precisa se afastar do Si-mesmo para afirmar-se como identidade distinta, enquanto que em etapas mais posteriores da vida adulta, pode ser indicativo de cura, quando significa a interlocução sadia entre os mundos do ego e do self.

Quando, por exemplo, a pessoa tende a creditar a si mesma os acontecimentos externos completamente independentes da sua existência, esse caso também constitui um sinal de que pode estar ocorrendo um retardamento na duração do estado de inflação, e que o paciente continua se percebendo como o centro do mundo. Baynes (1950, apud EDINGER, 1972, p. 35) se refere a “vida de provisão” como uma “[...] atitude despreocupada com a responsabilidade diante dos fatos circunstanciais da realidade, encarados como se fossem fornecidos pelos pais, pelo Estado ou, ao menos, pela Providência [...]”.

A pessoa com distúrbios nesse processo também pode achar que, diante de tantas possibilidades de afirmação e realização, estaria deixando algo para trás ou se sacrificando, ao se decidir por realizar ou colocar em prática o que ela imagina ser uma missão ou vocação que precisa ser realizada. Edinger (1972) descreve esse arquétipo, denominado de *puer aeternus*. Como ele explica, outras formas de manifestações habituais de inflação do ego também são verificadas, como, por exemplo, as explosões de ira (complexo de Javé), que constituem uma forma de pressionar o ambiente para que esse se acomode às exigências e necessidades do indivíduo. Da mesma forma, atitudes motivadas pelo poder, como a onipotência, a arrogância e a soberba intelectual, a luxúria, e ainda outros impulsos na direção única e exclusiva de satisfação dos próprios desejos, podem constituir exemplos de manifestação de inflação do ego. Para os gregos, a *hybris*, era uma espécie de orgulho, de paixão voluptuosa, de arrogância, todas estas formas de manifestação muito próximas ao ego inflado. No budismo, o ego inflado é associado a um estado de ignorância, quando o indivíduo, por não saber, deixa-se levar por instintos e desejos que julga grandiosos, ardentes, causando-lhe sofrimento e prendendo-o à roda da vida, outra figura de linguagem budista, segundo Edinger (1972), associada à tortura.

Em certa medida, como segue explicando o autor, todos podemos vivenciar este estado de inflação ou portar seus sintomas, o que se deve a uma ilusão de imortalidade. E quando, por ventura, ao experimentarmos a proximidade com a morte, somos confrontados com essa realidade que expõe a nossa real limitação no plano da matéria, pelo menos, podemos enxergar um novo sentido na vida e no tempo, exercendo a benevolência, sendo mais produtivos, despertando e ressignificando a própria vida, e, conseqüentemente, realinhando o ego e o Si-

mesmo para, só assim, liberar energia psíquica para o desenvolvimento da consciência. Mas há também, como se observa, a inflação negativa, quando se atribui mais valor do que é razoável para justificar que todos os acontecimentos atingem um indivíduo pelo fato de ele ser ‘o escolhido’ pelo divino, de ser o alvo de uma fatalidade decorrente da própria responsabilidade, por excesso de culpa, poder ou egocentrismo e assim por diante. Na percepção do autor, também *anima* e *animus*, os arquétipos instalados no interior do homem e da mulher respectivamente se manifestam como ego inflado, ao reivindicarem para si a atenção, cobrando a correspondência enquanto protótipo de amor, impondo ao indivíduo atitudes e escolhas sob pena de abandono. No solipsismo⁷, só o *eu* importa, considerando-se tudo o mais como sua derivação (EDINGER, 1972).

Vários mitos, assim como a literatura religiosa e o universo bíblico, ajudam a explicar e a legitimar de forma simbólica, para a humanidade, as fases de desenvolvimento da psique e os arquétipos que ditam o comportamento humano de modo geral. A luta dos opostos, a inflação do ego e as suas implicações e desdobramentos são abstraídos destes registros e interpretados por Jung, assim como por vários teólogos, pensadores e filósofos, embora nem sempre da mesma forma. Tendo personagens como Adão, Prometeu, e símbolos como o paraíso, a serpente, o fruto proibido, as árvores da ciência, sementes do bem e do mal (opostos), a nudez, as regras do Éden, a queda, o pecado original, as feridas, e outras figuras recorrentes e emblemáticas, estas narrativas vão fornecer explicação, por exemplo, para os estágios de evolução do ego, para as atitudes que resultam de seu crescimento e da sua afirmação como entidade autônoma. Da mesma forma vão materializar a influência dos opostos, do bem e do mal. E não somente, mas representam também as tensões decorrentes da interação do mundo interior do indivíduo com os estímulos externos, os efeitos que os instintos individuais de sobrevivência exercem na criança (ou no homem primevo), a frustração e a angústia que sinalizam que algo não vai bem entre o ego e o Si-mesmo; a emergência do ego como componente consciente do Si-mesmo, a reclamar identidade e autorrealização; as tentações ocultas não compreendidas, que os impelem a uma escolha pessoal, a um sentimento de atração ou repulsa; as explosões de raiva, a possessão, o poder e o egoísmo; e também o surgimento do chamado eixo que une ego ao Si-mesmo, a representar uma conexão material entre eles, indicando haver ainda algo que carece ser preservado, assim como elucida também os processos de afastamento, alienação da psique, cura e assim por diante. (EDINGER, 1972).

⁷ Cf. Novo Dicionário Aurélio, 1975. Solipsismo. Doutrina segundo a qual toda a realidade que importa parte do eu individual.

Conforme percebe ainda o autor (19872), diante da necessidade de instaurar regras para controlar a natureza selvagem no estágio inicial da vida no paraíso; visando refrear os instintos totalitários de satisfação individual e a curiosidade natural; no intuito de sossegar as disputas entre natureza *animal* e sociedade, entre os desejos inconscientes *versus* interditos, entre o ego e o Si-mesmo; diante da exigência de discernimento de modo geral, que o distingue dos demais, o homem passa a agir pela faculdade da consciência, se desenvolvendo, despertando e afirmando o ego como identidade apartada do Si-mesmo, dotado de arbítrio e autocrítica, o que confere a ele o *status* de superioridade. Este processo é representado através da simbologia, muito bem reportada nos mitos e lendas, conforme descreve, sendo que essas narrativas explicam as proibições, na figura dos interditos, como o fruto, p.e.; dão forma à completude ou à tentação, na figura da serpente; personificam o sofrimento, na figura das feridas incuráveis - quando o homem se vê forçado a pagar um preço por alcançar o livre-arbítrio, deixando o paraíso; representam o estado de inconsciência animal, um mundo harmonioso e acolhedor por distinção ao mundo consciente, arriscado, embora com identidade própria -, expondo-se a uma nova experiência - a da consciência. Embora imperfeito, menor, e parte apenas do Si-mesmo, ligado a ele por um eixo, esse mundo está em transição permanente. Há ainda a queda, representando a superação do estágio primário (do ego inflado, centro do mundo), passando para um patamar superior, de atenção e de poder relativos. O processo de responsabilização (culpabilização), resultado das aspirações egoístas da personalidade ainda imatura, de atos e decisões mal ponderados que também causam desconforto e conflito, torna-se contínuo e progressivo. Quanto mais consciência, mais conflito. Os contrários passam a ser notados e têm a oportunidade de interagir e dialogar de forma saudável, e assim por diante. Todas essas figuras míticas são recursos de linguagem, alguns muitas vezes dúbios, mas eloquentes quando colocados à disposição indivíduo, servindo ao propósito de explicar os estágios de desenvolvimento da psique humana na direção da individuação, constituindo também um paralelo para explicar a evolução da própria civilização (EDINGER, 1972).

O desenvolvimento psíquico humano é, portanto, como enfatiza o autor (1972), um *continuum*, um processo doloroso, mas necessário, pois a cada aumento da consciência corresponde a maior capacidade de percepção dos conflitos, a ruptura e a possibilidade de superação, com a conseqüente cura e individuação.

Todos esses elementos se referem às inevitáveis conseqüências da tomada de consciência. A dor, o sofrimento e a morte efetivamente existem antes do nascimento da consciência, mas se não há consciência para experimentá-los, eles não existem psicologicamente. A angústia é anulada se a consciência não estiver presente para percebê-la. Isso explica a grande nostalgia com relação ao estado inconsciente original. Nesse estado, estamos livres de todo

sofrimento que a consciência inevitavelmente acarreta. (EDINGER, 1972, p. 50).

De outra feita, a consciência é também explicada como crime, em Prometeu, como ilustra Edinger (1972):

No nível pessoal o ato de atrever-se a adquirir uma nova consciência constitui um crime ou uma rebelião contra as autoridades existente no ambiente pessoal de cada um de nós, contra nossos pais, e, mais tarde, contra outras autoridades externas. Todo passo dado na direção da individuação é experimentado como um crime contra o coletivo, pois desafia a identificação do indivíduo com algum representante da coletividade, seja a família, o partido, a igreja ou a nação (EDINGER, 1972, p. 51).

Na situação de ego alienado, o indivíduo sofre uma espécie de baixa. Ao tentar se afastar de sua base, almejando alcançar identidade própria, ele pensa ser o todo poderoso Si-mesmo, se confundindo com esse todo. Ao tomar contato com a realidade, o interior da psique da criança se projeta para fora, e via de regra ocorre a frustração, proveniente das adversidades do meio às quais ela não se encontra preparada para enfrentar, dado que antes se encontrava numa redoma, protegida. O impacto proveniente dessa frustração é sentido diretamente no eixo que atrela, ainda, o ego ao Si-mesmo. Pelo Antigo Testamento o homem foi criado à imagem de Deus, que é o mesmo que dizer que o ego se espelha no Si-mesmo, embora queira se diferenciar, se desligar e constituir a própria identidade. O eixo é o elo da personalidade consciente com a estrutura arquetípica que comanda os arquétipos constituintes da psique coletiva, sendo que o impacto da reação ao meio incide sobre ele. Portanto, a conexão entre o consciente e o inconsciente pode ficar comprometida com o abalo do eixo. O afastamento do ego do Si-mesmo é considerado saudável, mas o impacto no eixo, atinge em cheio o vínculo com a estrutura central. Segundo o autor, a frustração depois de um período de inflação do ego pode ser equiparada ao exílio, à queda, pode parecer uma ferida sem cura, em outros casos, sendo sentida como um crime, de acordo com a literatura e mitologia (EDINGER, 1972).

Quem impulsiona o ego é o Si-mesmo, sua estrutura central arquetípica, a qual domina os arquétipos específicos, tais como o *animus*, *anima*, sombra e medo. O Si-mesmo na primeira infância pode ser comparado à figura dos pais e principalmente à da mãe, fonte de satisfação de todas as necessidades da criança. No estágio inicial de crescimento, quando ainda não existe diferenciação entre mundo interior do exterior, esta percebe o Si-mesmo como uma sombra reflexa da ação e comportamento dos pais, antagonicamente, em forma de provimento das necessidades, de proteção, mas também como uma influência, como controle e a disciplina que passam a ser exercidos de fora, e, em alguns casos – e às vezes realmente o são –, como rejeição

dos pais, rejeição que pode ser confundida como um sentimento do Si-mesmo. O controle dos pais sobre a criança, não estritamente a rejeição, pode ser visto como uma sombra no inconsciente infantil, daí porque o seu caráter sobrenatural, transcendente, divino. Essa tese foi criada e discutida por Neumann conforme descrição de Edinger (1972).

Durante esse período crucial de desenvolvimento, está claro que a criança não só carece de limites e orientação, mas também de ser compreendida, contar com a tolerância e o acolhimento dos pais para superar as dificuldades, a frustração, o sentimento de esvaziamento, sendo necessário encontrar apoio para se adaptar às novas condições, sob pena de ter interrompido esse processo. Quando ocorre um processo de rejeição, a psicoterapia pode apresentar-se como recurso para oferecer o necessário acolhimento à pessoa – muitas vezes crianças –, que precisa experimentar a aceitação para prosseguir o curso de desenvolvimento. Tanto o excesso de punição quanto a falta de limites podem comprometer o processo de desenvolvimento do indivíduo, abalando o eixo ego-Si-mesmo em intensidades e deformações variadas e requerendo ajuda psicoterapêutica (EDINGER, 1972).

Quando a conexão representada pelo eixo se rompe, a saúde do indivíduo se coloca em risco. Esse momento é denominado de alienação, e as sensações resultantes são o vazio, o desespero, a falta de sentido na vida, a psicose e o ímpeto de recorrer a medidas extremas como o suicídio. Vários mitos de passagens bíblicas e outros contos relatam essas situações e suas consequências desastrosas para suas personagens, em forma de suicídio, fratricídio, vingança. Não é raro que momentos de inflação e alienação se alternem durante a vida sucessivamente, sendo a alienação uma oportunidade, uma deixa para a tomada de consciência do Si-mesmo (EDINGER, 1972).

A alienação psicológica, sob a ótica de experiências religiosas, pode ser reconhecida como “a noite escura do espírito”; como “desespero”, culpa ou ainda como pecado, equiparada à sensação de total falta de sentido e valor que ampare e faça a vida seguir o seu destino, assim como a inexistência de qualquer suporte transpessoal. Nesse contexto, a imagem do deserto se tornou um símbolo consagrado da alienação, representando um ambiente inóspito onde o homem, sem forças e prestes a ser aniquilado, tem a chance de se deparar com a ajuda de Deus, vivenciando uma experiência única e tipicamente numinosa, ou seja, a do Si-mesmo. (EDINGER, 1972).

Mas para experimentar a sua própria existência indivisa o homem precisa se descolar do núcleo Deus/Si-mesmo, estranhá-lo, para somente depois reencontrá-lo na figura do “outro”:

Enquanto estiver identificado inconscientemente com Deus, o indivíduo não pode experimentar Sua existência. Mas o processo de separação entre o ego e

o Si-mesmo causa alienação, pois a perda da identidade ego-Si-mesmo envolve igualmente a danificação do eixo ego-Si-mesmo. Surge daí a típica ‘noite escura do espírito’ que precede a experiência numinosa (EDINGER, 1972, p. 85).

Ainda no contexto da experiência religiosa, segundo Edinger (1972), a alienação pode ser sentida como punição divina contra um pecado cometido pelo sujeito. O pecado é resultado de um sentimento de inflação, porém às avessas, quando o indivíduo, percebendo-se como centro das atenções, acha-se importante o suficiente para “merecer” um castigo vindo de Deus, traduzido como alienação pela psicologia cristã. Portanto, este indivíduo precisa se arrepender, sentir remorso para ter o eixo restituído, se reconciliando com o Si-mesmo e restabelecendo o fluxo da energia destinada aos poderes curativos – a graça divina. (EDINGER, 1972).

No estado de alienação, a energia psíquica, precisando ser restabelecida, pode manifestar-se por sintomas psicossomáticos tais como depressão, ansiedade e ataques de pânico. Para superar essa condição é necessário restabelecer o contato entre o ego e o Si-mesmo, reparando o eixo que os conecta.

A reconstituição do eixo ego-si-mesmo, segundo Edinger (1972), pode representar para o indivíduo a perspectiva de um mundo completamente novo que se abre, o que acontece em um momento que ficou conhecido na psicoterapia como transferência, quando o paciente consegue se equilibrar, ancorando-se em recursos terapêuticos, estabelecendo uma relação construtiva e de confiança com o analista, compreendendo suas questões e harmonizando-se na relação ego-Si-mesmo, para, finalmente, se reencontrar consigo mesmo.

6.2 O PROCESSO TERAPÊUTICO E AS ETAPAS DA PSICOTERAPIA JUNGUIANA

A psicoterapia possui vários aspectos simultâneos. É, ao mesmo tempo, teoria, método, técnica, prática e também interação e influência interpessoal. A psicologia junguiana é um campo que permite concentrar na compreensão da civilização para entender o homem individual e coletivo. Por esta razão, quando se fala sobre as contribuições da psicologia analítica ao trabalho clínico, é necessário fazer referência a conceitos, procedimentos e atitudes. Deve-se ter presente as recomendações de Jung ao se discutir o tema, no sentido de evitar qualquer tentativa de padronizar a psicoterapia.

Em seu livro *Prática de Psicoterapia*, Jung (2013, v. 16/1) afirma que nenhuma terapia é válida para todos os indivíduos, motivo pelo qual, enquanto terapeuta procurava dispensar toda a teoria apreendida sobre as neuroses ao entrar em contato com um paciente, deixando que a experiência ditasse o caminho terapêutico a ser seguido. Enfatizava, outrossim, que os bons profissionais devem se abster de influenciar os pacientes, desenvolvendo a habilidade de

reconhecer pistas sobre a personalidade dos pacientes, fazendo aflorar naturalmente essa natureza. (DUARTE, 2017).

A psicologia analítica de Jung (2013, v. 16/1) distingue quatro fases pelas quais passa um paciente sob tratamento analítico: confissão, esclarecimento, educação e transformação. Na fase da confissão, o indivíduo toma consciência e reconhece, ante o terapeuta, conteúdos que estavam escondidos e reprimidos, lhe causando algum descompasso. Esta fase implica na aceitação da sombra, que é o aspecto escuro da personalidade. Na fase esclarecimento, após a confissão e o contato direto com aquele conteúdo, vem o entendimento do oculto, surge a descoberta das potencialidades do paciente e das novas formas de perceber suas emoções; acontecem os *insights* e o reconhecimento dos motivos que o levaram ao sofrimento mediante a descoberta do que antes não se apresentava facilmente.

Em seguida, vem a etapa da educação, onde há uma espécie de treinamento indireto para que o paciente possa continuar com seu trabalho terapêutico de forma independente. Segundo Franz (1975), este é um aspecto particularmente importante, com o qual Jung insistiu em todo o seu trabalho, que é a possibilidade de os próprios pacientes continuarem seu processo de autoeducação no sentido de tornarem-se verdadeiros sujeitos sociais.

E, finalmente, ocorre a etapa da transformação. Esta parece não ter sido recomendada por Jung a todos pacientes, mas apenas àqueles com maior capacidade de superação do que o homem médio. Tal ponderação se baseia no pressuposto de que os três primeiros estágios podem levar à “normalidade”, mas, de acordo com Jung, existem pessoas para as quais a adaptação social normal ao mundo contemporâneo não é satisfatória. Então, esta quarta etapa consiste em uma transformação que leva o indivíduo a encontrar sua própria essência. Logo, representa o processo de desenvolvimento denominado por Jung de individuação.

Durante todo esse processo, a dinâmica transferencial ocorre simultaneamente e, nessa interação, ambos são afetados, terapeuta e analisando. Jung (2013, v. 16/1) demonstra que o movimento da transferência ocorre de forma semelhante a quando duas substâncias químicas interagem: ambas se alteram. Na psicoterapia acontece um processo dialético entre o conteúdo inconsciente de duas pessoas, e nesse momento eles entram em interação.

Buscando revelar a profunda transformação que a alma humana sofre no decorrer da vida e que pode ser “acelerada” no contexto de análise, Jung (2012, v. 12) apoiou-se nas séries de figuras alquímicas para ilustrar as transformações que ocorrem na psique.

A alquimia é uma força da natureza que traduz quimicamente e psiquicamente as questões do humano. Alguns alquimistas tinham consciência do simbólico nos corpos químicos, e percebiam seu efeito psíquico.

Seu trabalho com a matéria constituía um sério esforço de penetrar na natureza das transformações químicas. No entanto, ao mesmo tempo era – e às vezes de modo predominante – a reprodução de um processo *psíquico* paralelo; este podia ser mais facilmente projetado na química desconhecida da matéria, uma vez que ele constituía um fenômeno inconsciente da natureza, tal como a transformação misteriosa da matéria. A problemática acima referida do processo de desenvolvimento da personalidade, isto é, do *processo de individuação*, é expressa no simbolismo alquímico (JUNG, 2012, v. 12, p. 46-47, grifos do autor).

E, juntamente com os problemas religiosos, procurou encontrar na *opus alchymicum* (obra alquímica) analogias de conteúdos para esse processo. Sendo *opus alchymicum* a ideia central da alquimia, esta, por sua vez, é o fundamento central da psicologia junguiana. Para Edinger,

A imagem central da alquimia é a ideia do opus. O alquimista via-se como alguém compreendido com um trabalho sagrado: a busca do valor supremo e essencial. Os textos alquímicos têm muito a dizer acerca da natureza da *opus* e sobre a atitude que se deve ter com relação a ela (2006, p. 24).

Como resume Edinger (2006, p. 26): “[...] deixam claro que há necessidade de uma cuidadosa consciência do nível transpessoal da psique”. Há um só tempo, quando se aproxima do indivíduo, se aproxima de questões do coletivo, além do pessoal. Por isso, quanto mais nos conhecemos, mais nos aproximamos da vida como um todo, pois ao nos diferenciarmos, as projeções tornam-se menos carregadas.

Prossegue Edinger:

Outro aspecto da *opus* é o fato de ela ser um trabalho amplamente individual. Os alquimistas eram decididamente solitários. [...] Trata-se de uma referência à peculiar natureza individual da individuação que é experimentada, em seus aspectos mais profundos, pelo indivíduo isolado. A *opus* não pode ser realizada por um comitê, razão pela qual gera uma inevitável alienação do mundo, ao menos por algum tempo (EDINGER, 2006, p. 27).

Ainda a esse respeito Silveira (1997) diz que foram os místicos (indivíduos voltados para as experiências religiosas internas) a perceber, por trás da atitude estranha dos alquimistas significados profundos de sua prática. Para ela, “os místicos, sempre entenderam que o verdadeiro laboratório alquímico era o próprio homem. O homem natural era comparável aos metais vis”, sendo o propósito final a descoberta de um novo homem através de suas experiências químicas, simbolizado através do elemento ouro.

Nas palavras de Jung (2012, p. 84), “a arte requer o homem inteiro”, referindo-se ao alquimista e ao analista, sendo que ambos precisam jogar-se por inteiro no ato do seu trabalho, com suas funções, tanto consciente quanto inconscientemente, cooperando para que a meta seja

alcançada, o *opus* completado, pois “ele dá sentido à vida enquanto dura”, diz Jung (2012, p. 85).

Na alquimia, o principal elemento químico conhecido é o Mercúrio, este deve ser trabalhado e transformado pelo alquimista, sendo também o símbolo utilizado por Jung para explicar o sentido de transformação.

Nas obras alquímicas o significado da palavra ‘Mercurius’ é dos mais variados; não designa apenas o elemento químico mercúrio (hg), Mercurius (Hermes) o Deus, e Mercúrio o planeta, mas também – e antes de mais nada – a secreta ‘substância transformadora’ que é ao mesmo tempo o ‘espírito’ inerente a todas as criaturas vivas (JUNG, 2012, v. 12, p. 38).

Inspirado na série de gravuras do *Rosarium Philosophorum*, Jung fundamenta os fenômenos da transferência. A primeira gravura é a Fonte de Mercúrio, portanto, é o início do processo de análise, o primeiro estágio do processo psicoterápico. Após este movimento psíquico, inicia-se o momento do procedimento analítico, denominado como confissão, de acordo com o que já foi abordado em parágrafos anteriores.

Para Jung (2012, p. 130), o núcleo da transferência é o vínculo humano, “a totalidade consiste em uma combinação do eu e do tu, ambos se manifestando como partes de uma unidade transcendente, cuja natureza só pode ser aprendida simbolicamente [...]”.

O autor ainda aponta:

O trabalho analítico conduzirá mais cedo ou mais tarde ao confronto inevitável entre o eu e o tu, e o tu e o eu, muito além de qualquer pretexto humano; assim, pois, é provável e mesmo necessário que tanto o paciente quanto o médico sintam o problema na pele. Ninguém mexe com fogo ou veneno sem ser atingido em algum ponto vulnerável; assim, o verdadeiro médico não é aquele que fica ao lado, mas sim dentro do processo (JUNG, 2012, v. 12, p. 18).

6.2.1 A personalidade do terapeuta e a dinâmica clínica

A psicoterapia é uma tarefa difícil, na qual cooperam duas personalidades: a do terapeuta e do analisando. Jung diversas vezes ressaltou a atitude aberta e comprometida que o terapeuta deve assumir no processo, precisando doar-se por completo, sem maiores resguardos técnicos. Tal postura ajuda-o a ser mais participante, assim como mais suscetível, a experimentar tanto as mudanças negativas como positivas a partir a interação terapêutica. Conforme explica Beebe (2005):

Provavelmente, o que mais influi no tipo de transferência desenvolvido por um analisando recai na maneira como este sente a empatia do analista. Pela relação entre o perfil tipológico do analista e do analisando, pode-se predizer qual o grau de compreensão empática entre eles. Quando o perfil tipológico do analista combina com o do analisando, a empatia do analista será fácil e instintiva. Quando o perfil tipológico do analista não está em harmonia com o

do analisando, haverá falhas de empatia. A empatia promove uma transferência arquetípica [...]. (BEEBE, 2005, p. 138).

A etapa da terapia exige disposição do terapeuta para transformar também a si mesmo na interação com o analisando. Como é esperado de qualquer tratamento psíquico verdadeiro, o encontro de duas personalidades se dá como na mistura de duas substâncias químicas: se acontece a combinação, ambos são transformados.

Jacoby (1995) aborda através do modelo junguiano representado pelo diagrama que Jung apresentou no *The Psychology of the Transference*, denominado como matrimônio quatérnio, a complexidade do que acontece psicologicamente no relacionamento analítico entre duas pessoas. E reforça que “trabalhar num problema de relacionamento consiste em tentar se tornar consciente de sua própria parte no jogo” (JACOBY, 1995, p. 38). Assim, quanto maior for a percepção da influência da tipologia pelo analista no processo terapêutico, maior poderá ser a sua habilidade para intervir nas diferentes situações que aparecem em seu consultório.

Se uma função psíquica e uma atitude se destacam em nossas vidas, acentuam-se “energicamente as nossas relações com o mundo, [...] dando origem a distintas formas de comportamento” (FERNANDES e FIALHO, 2014, p. 93). Mesmo que o analista não seja tão unilateral, tendo desenvolvido diferentes funções, sem extremismos em sua atitude de extroversão ou introversão, a relação terapêutica, em de modo geral, é influenciada pela tipologia geral e pela combinação de ambas as personalidades: a do paciente e do analista.

No processo da psicoterapia é comum acontecer de o ego do paciente encontrar no terapeuta um ponto de vista mais amplo de efeito dissolutivo. Esse evento leva com frequência a um estado parcial de contenção do paciente pelo terapeuta e é uma causa comum da transferência. Sempre que encontra uma atitude mais ampla que inclui os opostos, uma atitude unilateral, caso esteja aberta à sua influência, é dissolvida por ela e entra num estado de *solutio* (EDINGER, 2006, p. 76).

Da perspectiva da psicologia analítica, a transferência é um processo absolutamente natural e espontâneo, que não pode ser produzido artificialmente e voluntariamente pelo terapeuta (JUNG, 2013, v. 16/1). A compreensão dos tipos na clínica terapêutica auxilia o analista na condução do caso. Apoiando-se na ciência em relação à sua tipologia e a do analisando, o analista poderá melhor guiar a análise. É preciso primeiramente assimilar até certo ponto as funções auxiliares, para assim, então, vencer a dificuldade que o analisando experimenta com a função inferior. Para Jung, o comportamento humano é influenciado “não só pelas funções e atitudes dominantes, mas também pelas funções e atitudes inferiores” (FERNANDES e FIALHO, 2014, p. 96).

Como explica Franz (2016, p. 36), “penso que, para um analista, é bom ter em mente que ninguém deve jamais passar diretamente para a função inferior. [...] A tendência do processo é que o desenvolvimento siga um movimento espiralado”.

No decorrer da análise, a transferência estabelece-se e transforma-se no ambiente determinado pela similitude, complementaridade ou oposição das estruturas do analista e do analisando. Pode acontecer que a mola da diferença e da desestabilização esteja ligada à oposição dos tipos, ou que uma cumplicidade provenha de sua similitude.

As pessoas costumam escolher para seu analista o tipo oposto, por exemplo, o tipo sentimental não consegue pensar e por isso admira sobremaneira quem possa fazê-lo. Esta escolha não é recomendável, porque quando se está com alguém que sabe tudo, vêm o desânimo e a completa desistência. [...] Algo a se ter em mente, em especial quando se é analista, é que, quando alguém procura o tipo oposto, deve-se ter muito cuidado para não exhibir demais a função superior. Devemos, embora contra nosso próprio sentimento real, fingir que não sabemos que nos sentimos incapazes, que não temos ideias, e assim por diante. Devemos renunciar a função superior a fim de não paralisarmos as primeiras tentativas tímidas que o analisando possa fazer nesse campo (FRANZ, 2016, p. 16).

7 TIPOLOGIA, POLARIDADE E ENERGIA PSÍQUICA

O termo energia psíquica, começou a ser empregado por Jung na tentativa de diferenciá-lo da noção de libido, no sentido até então utilizado por Freud, que atribuía a ele um significado de cunho sexual, do qual Jung pretendia se distanciar para poder ampliá-lo e melhor explicitar a sua visão sobre como se desenvolvem as dinâmicas psíquicas, assim construindo todo o seu arcabouço teórico envolvendo a luta dos opostos, o modelo tipológico de personalidades do indivíduo, polaridade, etc., temas que constituem o foco principal deste estudo. Para Jung, a energia psíquica ou libido é uma ‘força’ que move o psiquismo, podendo se manifestar e externalizar de diversas formas, inclusive de forma sexual. A energia psíquica se assenta na dinâmica da psique, nos movimentos e na interação, possuindo um sentido equivalente a libido. (MORAES, 2011).

Moraes (2011) explica que para formular sua compreensão sobre o conceito de energia, Jung foi buscar na física a ideia de movimento e de relação que ocorrem em sistemas fechados de troca de energia, para sobretudo apostar na perspectiva de que esta força só pode ser mensurada e entendida em suas manifestações, em seu formato final apresentado em cada indivíduo, pois, na sua origem, a energia não pode ser medida, somente em seus efeitos. Diferentemente de Freud, usa uma lógica distinta, partindo da observação de seus efeitos para entender as causas dos fenômenos.

Foi com essa perspectiva que Jung começou a pronunciar-se e a manifestar-se com relação à noção de libido, diferentemente de Freud, que atribuía a este a conotação sexual. Ao assumir essa posição, segundo observa Moraes (2011), Jung não pretendia ignorar ou negar as manifestações sexuais da libido, nem menosprezar a contribuição teórica de Freud, muito pelo contrário. Simplesmente se baseava em estudos da física para constatar outras dinâmicas, tão relevantes quanto, de escoamento da energia, de forma a possibilitar a análise dos processos psíquicos de outra perspectiva mais abrangente. E mesmo que se referindo à noção de libido usada por Freud, Jung chamava atenção para o sentido do conceito vigente à época, percebendo que extrapolava o aspecto puramente sexual. A obra *Metamorfoses e Símbolos da Libido*, de 1912, registra as divergências de Jung quanto à teoria psicanalítica de Freud, e aponta para uma nova compreensão de libido que faz com que esse comece a ingressar em uma nova fase, distinta da escola freudiana, e à qual se filiava até então. O fim da fase freudiana de Jung ocorre em 1914. Na explicação de Moraes é importante compreender, entretanto, que Jung não negava o aspecto sexual da libido, entendendo que esta era apenas uma entre as várias possibilidades de transbordamento da energia sexual. As reflexões de Jung a respeito da teoria da libido e da energia psíquica se consolidam e tomam corpo em 1928. (MORAES, 2011).

Como destaca ainda Moraes (2011), uma distinção importante foi notada por Theodore Lipps entre *energia psíquica* e *força psíquica*, sendo a primeira “uma condição para que haja força psíquica para a realização de um trabalho ou processo psíquico”. Assim sendo, é a energia psíquica o fenômeno propulsor que está na origem da força que impele o indivíduo a mover-se, e realizar desde simples tarefas de sobrevivência até empenhar-se na criação artística, cultural, à interação social, etc. Jung (2013) se remete, com efeito, a Lipps (1912) para diferenciar esses conceitos. Para esse último, a *força psíquica* era “a possibilidade em geral de surgirem processos na alma e atingirem certo grau de efeito. *Energia psíquica*, por outro lado, é a ‘possibilidade inerente aos próprios processo de atualizar essa força neles mesmos’ ”. (JUNG, 2013, v. 8/1, p. 25, grifo meu).

A diferenciação conceitual entre os dois empregos do termo é considerada fundamental para Jung (2013), pois a energia não deve ser confundida com o fenômeno em si, não podendo ser nele verificada objetivamente, e estando na origem dos mesmo, uma vez que “aparece sempre nos fenômenos dinâmicos, específicos da alma, tais como instintos, desejos, vontade, afeto, atenção, rendimento do trabalho, etc., que são justamente forças psíquicas”; argumentando ainda que, “quando em potencial, a energia aparece nas conquistas específicas, nas possibilidades, disposições, atitudes, etc., que são condições. (JUNG, 2013, v. 8/1, p. 25-26).

No entanto, Jung discorda de Lipps em um aspecto particular, pois, para ele, a energia sendo um conceito quantitativo não permite ser qualificada, ao contrário das forças e das condições externas, que “são determinadas qualitativamente, por serem conceitos que expressam qualidades levadas a efeito pela energia.” (JUNG, 2013, v. 8/1, p. 26).

Jung admite, entretanto, não haver meios para provar a relação de equivalência entre energia física e psíquica, concluindo, portanto, que é preciso desistir da observação energética ou “então postular uma energia psíquica especial, o que é uma hipótese operacional perfeitamente viável”, segundo ele. (JUNG, 2013, v. 8/1, p. 26). Assim como as ciências naturais, Jung considera que a psicologia está credenciada a formular seus próprios conceitos, e nesse ponto ele e Lipps estão de acordo.

Com *Energia Psíquica*, publicada em 1928, Jung divulgava os estudos desenvolvidos a partir de 1912 sobre o tema das motivações psíquicas que impulsionam o indivíduo, estabelecendo os aspectos demarcatórios entre sua lógica e a de Freud, reconhecendo a importância das contribuições do colega para o assunto, mas adotando uma outra vertente, de perspectiva finalista - distinta da freudiana, de leitura causal – com a qual esperava que fosse revisado e ampliado o conceito inicial; e também por considerar que essa ótica melhor atenderia

a seus propósitos teóricos e práticos para ordenação de sua obra sobre a psique, com base em um pensamento que pudesse aprimorar a visão apresentada até então. E como o próprio Jung observava, seria uma ilusão acreditar que uma concepção puramente sexual da libido permitisse dar conta de toda a complexidade verificada na vida psíquica. (MORAES, 2011).

Para Jung (2013), o conceito de libido proposto por Freud restringia-se ao âmbito da sexualidade, sendo a força motriz por trás das realizações humanas, impulsos e reações em todas as esferas, embora aquele reconhecesse que pudesse estar associado a funções e áreas sem uma ligação estrita com a sexualidade propriamente dita, sendo um entre tantos canais de escoamento dessa energia. Jung foi capaz de observar que esta teoria, que constituía a base da abordagem psicanalítica, destarte a sua contribuição teórica no campo da psicologia e dos mecanismos psicológicos, restringia-se à visão predominante à época, a qual não favorecia a explicação de ‘distúrbios’ em outras áreas que não a da sexualidade, constituindo uma lógica por isso mesmo unilateralista. (JUNG, 2013, v. 5).

Dresser (2018) ajuda a colocar em outras palavras a desavença conceitual existente entre os dois psicanalistas com relação a teoria da libido e da energia:

Havia também uma razão mais profunda e filosófica para a iminente ruptura. A maioria dos psicanalistas que se desentendeu com Freud o fez por causa do tema sexo. Em sua teoria da libido, Freud estava convencido de que havia encontrado o motor universal de todo o desejo humano e conquista – seja pessoal, cultural ou civilizacional. Tudo isso, argumentou, provém, em última instância, da sexualidade. A psicanálise se apoia nessa teoria da libido, portanto rejeitá-la seria jogar fora a coisa toda. Jung tinha, bem desde o começo, dúvidas sobre se sexo seria a única fonte de tais energias e vontades. Freud esperava eliminar essa resistência.⁸

Ao que se registra, foi por esta razão que Jung passou a defender uma abordagem de libido nesse campo utilizando a expressão energia psíquica - que foi encontrar no campo da física. O novo termo, além de permitir ampliar a observação diversificada de aspectos e fatores que influenciam os processos da mente humana, também atentava para a complexidade dos fenômenos psicológicos, além de não carregar contornos sexuais como seu equivalente, e por isso mesmo não estando sujeito às restrições culturais e aos julgamentos de cunho moral (JUNG, 2013, v. 5). Para ele, o conceito energético,

⁸DRESSER, Sam. Freud versus Jung: disputa amarga sobre o significado do sexo. **Jornal Nexo Ltda**, nov. 2018. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/externo/2018/11/24/Freud-versus-Jung-disputa-amarga-sobre-o-significado-do-sexo>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

[...] tornou possível identificar a expressão ‘energia psíquica’ com o termo ‘libido’ [...] que indica um desejo ou um impulso que não é refreado por qualquer instância moral ou outra. A libido é um *appetitus* em seu estado natural. Filogeneticamente são as necessidades físicas como fome, sede, sono, sexualidade, e os estados emocionais, os afetos que constituem a natureza da libido. Todos esses fatores (JUNG, 2013, v. 5, p. 165, grifos do autor).

Conforme ainda descreve Jung “é mais prudente por isso, ao falarmos de libido, entender com este termo um valor energético que pode transmitir-se a qualquer área, ao poder, à fome, ao ódio, à sexualidade, à religião etc. sem ser necessariamente um instinto específico”. (JUNG, 2013, v. 5, p. 167).

Ao descrever sua percepção sobre o termo emprestado da física, Jung (2013) explica que:

O ponto de vista energético significa a libertação da energia psíquica, numa definição por demais estreita. A experiência mostra que processos instintivos de qualquer tipo muitas vezes são enormemente aumentados pelo afluxo de energia que pode ser procedente de qualquer parte. Isto não vale só para a sexualidade, mas também para a fome ou a sede. Uma esfera instintiva pode ser temporariamente despotencializada a favor de uma outra. Isto se aplica a todas as atividades psíquicas em geral. Se admitíssemos que seria sempre só a sexualidade que sofresse tais despotencializações, este conceito corresponderia a uma espécie de teoria flogística na área da física e da química. (JUNG, 2013, v. 5, p. 168-169).

Em suas pesquisas sobre a energia psíquica, Jung (2012, v. 8/1) observa que os fenômenos físicos podem obedecer a dois tipos de lógicas: mecanicista e energética. Destas, pode resultar, gradualmente, uma espécie combinada entre duas. Embora reconheça esse fato, Jung repara que as explicações de causa e efeito para um mesmo fenômeno são logicamente excludentes, uma vez que uma certa sequência de fatos só pode ser explicada por uma destas perspectivas, diferentes e opostas. Para o autor, as relações de movimento o fizeram crer no ponto de vista energético, considerando que a abordagem finalista seja não só possível quanto necessária, uma vez que a natureza não pode ser explicada exclusivamente da ótica mecanicista, o que tornaria o conceito de energia por si prescindível. (JUNG, 2013, v. 8/1).

Assim, a física foi percebida por Jung (2013) como um campo aliado, que tornou possível traçar um paralelo para buscar compreender as interações entre os processos físicos, biológicos e psicológicos, comparando-os e investigando-os cientificamente. Para ajudar a explicar os processos psíquicos, o autor considerou a abordagem finalista (energética) aquela mais adequada, por examinar a energia de suas decorrências para as suas origens. O autor aventa a possibilidade de que os fenômenos psíquicos, assim como a energia psíquica, possam estar conectados a processos físicos do organismo, embora aceitasse não ser possível prová-lo

naquele momento, tendo em vista o estágio de desenvolvimento em que se encontrava a ciência. Como explica,

[...] a ideia de energia não é a de uma substância que se movimenta no espaço, mas um conceito abstraído das relações de movimentos. Suas bases não são, por conseguinte, as substâncias como tais, mas suas relações, ao passo que o fundamento do conceito mecanicista é a substância que se move no espaço. (JUNG, 2013, v. 8/1, p. 14).

Com relação à escolha de uma determinada lógica explicativa dos fenômenos, Jung pondera que dependeria mais da disposição e tendências do pesquisador do que dos fenômenos em si, enfatizando a importância de entender que esta nada mais é do que um ponto de vista, ou seja “manifestações das nossas disposições psicológicas e das condições apriorísticas do pensamento”. (JUNG, v. 8/1, p. 16).

O autor aponta ainda para a possibilidade de que os fatos psíquicos podem ser objeto da ciência tanto quanto outros eventos, explicando que “não há razões para que não se considere os fenômenos psíquicos como objetos da experiência objetiva, uma vez que o psíquico em si também pode ser objeto de experiência”. (JUNG, v. 8/1, p. 16).

Para construir esse arcabouço analítico, Jung realiza uma discussão baseando-se em Grot, Wundt, Busse e outros teóricos importantes, apontando as discordâncias e concordâncias com relação às suas respectivas análises; e chama a atenção ainda para o fato de que a delimitação do conceito de energia psíquica implica dificuldades, justamente pelo fato de não ser possível uma separação pragmática entre os processos psíquicos e biológicos. (JUNG, v. 8/1)

Para simplificar, Jung (2013) se permite a possibilidade de perceber a energia psíquica como um componente da *energia de vida*, com isso projetando as relações quantitativas psíquicas para o campo da biologia, possibilitando inclusive estabelecer a relação corpo/alma. Aproveitando-se da prerrogativa das ciências, tanto da biologia quanto da psicologia para formular conceitos próprios, argumenta o seu direito também como estudioso de propor um conceito para diferenciar a *energia de vida* de *força vital*, esta última vista como equivalente a energia universal. (JUNG, 2013, v. 8/1). Nesse aspecto, Jung se esforçou para uma revisão do conceito de “libido” a partir de uma dimensão psicológica, que se equivalesse à energia psíquica. Utilizando a sua lógica energética, que analisa os fenômenos de suas manifestações para as suas causas, enfatizava que nem todos os processos quando externados apresentam características ou funções sexuais, estando desvinculados, portanto, de uma origem ou de uma libido necessariamente de caráter sexual. (MORAES, 2011).

Compreender que a psique é um sistema relativamente fechado é a chave para a lógica que considera que existe uma energia psíquica em diferentes intensidades, constantemente circulando entre os campos do consciente e do inconsciente. A intensidade da energia que flui entre esses campos pode ser constatada a partir dos efeitos psíquicos apresentados em testes realizados com pacientes, no início do sec. XX, que consistiam de respostas imediatas e espontâneas que estes davam a estímulos (em forma de palavras) fornecidos pelo mediador/clínico, e que poderiam ser “perturbadas” (retardadas) por um evento que ele denominou de complexos afetivos, oriundos do campo do inconsciente e que interferiam na consciência, comprovados por alterações nos sinais vitais desses pacientes. Os resultados alcançados por Jung foram, portanto, baseados não só em estudos de teóricos da física já citados, mas também em experimentos práticos e na clínica psicanalítica do autor, fornecendo a inspiração para comparar os fenômenos situados no campo da física e da psicologia. (MORAES, 2011).

Portanto, o conceito de energia psíquica de Jung foi fundamental para o conjunto de sua obra e perpassa todas as importantes contribuições e discussões do autor, aqui tratadas.

A de que existe no sistema psicológico humano forças contrárias que se contrabalançam incessantemente, diga-se de forma metafórica, como um rio a carrear com seu fluxo as substâncias de um ponto a outro, aliviando a pressão das águas. A de que tais demandas psíquicas podem provocar a transposição da energia de um oposto a outro, entre tendências que precisam se equilibrar, e cujos aspectos e características irão influenciar e conjugar-se a oito classificações básicas de personalidade, identificadas no modelo tipológico proposto por Jung.

Se há predominância de uma determinada atitude – extroversão ou introversão - ou função na personalidade do sujeito – pensamento, sentimento, percepção e intuição -, estas tendem a se influenciar e a se compensar através das funções principais, auxiliares e inferiores, por meio do trânsito da energia psíquica. Como foi dito, se na atitude principal do indivíduo prevalece a tendência extrovertida, na sua atitude inferior tende a atuar mais fortemente a inclinação inversa à primeira, demonstrando que energias estão em constante movimento para acomodar o sistema. O que determina que uma atitude e/ou função se sobreponha a outra é justamente a carga/quantidade de energia que para ela se converge. Tal fato se encontra, dessa forma, na essência do modelo junguiano, com as diversas combinações e gradações encontradas.

No que se refere ao binário consciente e inconsciente a troca permanente de informações também depende da circulação do fluxo de energia, se compensando e interagindo, e mesmo que alguns indivíduos demonstrem maior capacidade para manifestar os sinais do consciente

ou do inconsciente, ambas as instâncias da mente estão sob influência constante e recíproca, repassando informações, trocando energia pela necessidade de ajustar potenciais desequilíbrios. Em pessoas cujo inconsciente pode fluir de forma mais espontânea, sem que tal fato evidencie-se em forma de um problema, nota-se que existe uma maior intimidade com o lado oculto e desconhecido, cuja energia pode extravasar em forma de manifestações artísticas, sonhos e de fantasias. Aquelas em que prevalece o domínio do lado consciente da mente, sem o contato com a porção interior, estão mais sujeitas ao represamento de emoções, instintos e vozes, assim como das vocações mais íntimas, que, a persistir mais longamente, podem produzir o acúmulo de energia, sendo comum explodir em sentimentos de forma desoladora como colocam os autores aqui consultados.

Assim sendo, a conjunção de fenômenos encontrados na psique atesta a coparticipação dos elementos de todo o sistema, segundo Jung, fazendo prevalecer certos tipos de personalidade, atitudes ou reações sobre outros, equilibrando o temperamento, promovendo um mínimo de estabilidade mental, através da circulação do fluxo da energia psíquica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a contribuir com o conhecimento no campo da psicologia, sobretudo no que diz respeito a compreensão do modelo de tipos psicológicos e seu atravessamento na abordagem analítica, depreendendo o deslocamento da energia psíquica e da teoria dos opostos, temas de importância fundamental para analisar os fundamentos da psicoterapia na abordagem junguiana, principalmente porque esta compreende a lógica na qual Jung se pautou para desenvolver o seu arcabouço teórico. Esta iniciativa para sistematização de conceitos revela a ampla conexão de ideias em sua vasta obra e a contribuição teórica de Jung, bem como de autores que se dedicam a estudá-la.

O campo da psicologia analítica é totalmente perpassado por questões que podem ser levantadas ao se usar os conceitos de energia psíquica, polaridade, individuação e o modelo de junguiano de tipos psicológicos, como foi possível mostrar. A teoria tipológica concebida pelo autor ofereceu um modelo capaz de orientar a identificação de distintas personalidades, explicando características, atitudes e temperamentos reconhecidos no homem comum, em busca do desafio de entender como funciona sua psique, facilitando desvendar seus mistérios, seja no âmbito pessoal, relacional ou clínico, seja em ambientes escolares e/ou corporativos.

A energia psíquica tem um papel central na psicologia junguiana, como força que se desloca em diferentes direções, sendo que é possível observá-la em suas formas de expressão. Por exemplo, quando se volta para uma determinada atitude, ação, pensamento, ou outra coisa qualquer, está se direcionando a energia para este aspecto ou função específica. Neste sentido, a energia será direcionada no sentido de objetivar aquilo que se tem em grande valor naquele momento, tanto para satisfazer instintos básicos mais imediatos e biológicos, como para atingir um determinado ideário de vida. Esta energia faz contrabalançar inclinações e impulsos que, de outra forma, fariam a pessoa mergulhar em um abismo. A teoria dos opostos atua constantemente no indivíduo como parte de um complexo sistema regulador, objetivando mediar os conflitos que surgem em decorrência de pressões do meio e de apelos do interior que precisam de acomodação ou transformação, avisando a existência de um certo descompasso que pode chegar ao limite, caso não seja percebido - como o represamento de instintos, emoções e sentimentos vitais do ponto de vista do bem-estar emocional -, tentando evitar, assim, a unilateralidade, considerada negativa do ponto de vista emocional, já que como ser multifacetado, apto a realizar múltiplas vocações e dotado de uma essência, o homem precisa exercitar essas aptidões e dar vazão a essa essência para promover a completude de seu ser.

Partindo destes pressupostos fundamentais, o trabalho levantou a literatura a respeito para ajudar a descrever o consciente e o inconsciente humano, como polos binários que

necessitam de interação para promover a saúde mental do indivíduo, explicitando seus elementos constitutivos, como a psique, o eu e o Si-mesmo, em suas relações recíprocas e com o meio. Baseando-se nestes autores, já citados, foram apresentados os principais traços das atitudes introvertida e extrovertida, as quais perduram durante as várias fases de formação e amadurecimento da personalidade. Neste aspecto, foram descritas as principais funções e atributos dos tipos de personalidade, além dos conceitos de inconsciente pessoal e coletivo e a sua importância.

Com o conhecimento fornecido pela base da teoria junguiana, explorou-se a desconhecida e intrincada relação existente entre consciente e inconsciente. De um outro olhar, fundamentado nas compilações e experiências de consultório de Edinger (2008), foi possível conhecer um pouco mais o processo denominado de *coniunctio*, considerado por Jung como sendo o momento em que o indivíduo toma consciência da influência de polos contrários que atuam em sua mente, estabelecendo um canal com o inconsciente, medindo forças até alcançar a individuação, para assim superar os confrontos internos característicos a cada uma das várias etapas de desenvolvimento humano.

Tratou-se, ainda, por acréscimo, de descrever os fenômenos como regressão, progressão, inflação, função transcendente e papel da função inferior, que demonstram as diferentes facetas presentes no indivíduo em sua trajetória de vida.

Para ilustrar a individuação o estudo apresentou algumas linhas sobre a prática da alquimia, entendendo, como expôs Jung, a sua estreita conexão com a teoria dos opostos, como prática antiga que simboliza, segundo sua concepção, os processos mais íntimos do inconsciente humano. Seus experimentos químicos, suas fórmulas e desenhos simbolizam, como nenhuma outra, os processos inerentes à psique humana.

A descrição do modelo de tipos psicológicos de Jung, nesse aspecto, foi importante para esclarecer de que forma operam os conceitos e os significados fundamentais de teoria junguiana, especificamente, e para a compreensão da psicologia analítica de modo em geral. A apresentação, ainda, de algumas linhas sobre o processo terapêutico e as etapas da psicoterapia, desde que o paciente assume o conflito vivido até a transformação propriamente dita, acrescenta conteúdos para entender o universo da personalidade e a interação paciente- terapeuta, com suas questões características e as técnicas de consultório.

Como pode ser verificado nestas páginas, não é o propósito da psicologia analítica, com seu conceito de tipologia, aprisionar o indivíduo em categorias estanques e herméticas, atitude esta que, *a priori*, não retornaria em nenhum benefício do ponto de vista pessoal, científico ou terapêutico. Antes, o modelo tipológico, juntamente com os conceitos de energia psíquica e

polaridade, entendem que esses sistemas estão em franco dinamismo, operando de maneira sincrônica, incessante e dinâmica, sendo, por isso mesmo, difícil tratá-los de forma isolada. Devem ser vistos, portanto, como estruturas interativas e flexíveis, referindo-se a processos humanos sistêmicos, e não mecânicos, cuja função é, sobretudo, facilitar a compreensão dos eventos da polaridade, energia, transcendência e individuação, desvendados por Jung. Esses mecanismos, assim como a energia e as forças que concorrem interiormente no indivíduo, estão longe serem mensurados quantitativamente, tais como fenômenos da física ou da química. Sua energia é de natureza qualitativa, embora tal não impeça que sejam compreendidos em sua dimensão científica, sendo sua função compensar as diferenças e dificuldades presentes no indivíduo, que, sem esses binômios, estaria fadado a entrar em um vórtice sem volta. É, portanto, fundamental compreender como esses conceitos acontecem entrelaçadamente para ampliar a compreensão desta abordagem que Jung apresenta.

A contribuição do estudo é, portanto, neste contexto esclarecedora - embora ainda incipiente de inovação no campo da psicologia analítica -, ajudando a compilar e levantar conhecimento que possa estimular o aprofundamento nessa área, e a disponibilizar para profissionais e público em geral informações sobre os processos psicológicos, ou seja, ajuda a entender o porquê de as pessoas terem ou assumirem determinados olhares e comportamentos, identificando suas fortalezas, e o que as perturba, para poder assim divisar expectativas no sentido da individuação de que fala Jung, ou da autorrealização, termo aludido por Viana (2017). Trata-se, portanto, de uma tentativa de sistematização do material encontrado na literatura para fornecer explicações e encontrar diretrizes para dar sentido às experiências individuais e coletivas, e que intenta alargar o conhecimento sobre a natureza humana e sobre os diferentes processos mentais.

Tratando-se de abordar um assunto de tamanha profundidade e extensão, seria impossível realizar uma abordagem completa e definitiva acerca do tema de estudo escolhido e da pesquisa feita. A intenção, até esse momento, foi demonstrar como o conceito de tipos psicológicos idealizado por Jung pode e deve ser mais bem explorado e compreendido, de maneira a contribuir para o desenvolvimento do indivíduo e para o manejo psicológico, esperando que este conhecimento lance mais luz no campo da psicologia analítica e possa contribuir para orientar novos caminhos que favoreçam a expansão da consciência e o processo de individuação do ser humano, e quem sabe, em futuro não muito distante, para o aperfeiçoamento de técnicas de consultório que visam, em alguns casos, a transcendência e a individuação.

REFERÊNCIAS

- ALISTER, I.; HAUKE, C. Introduction. In: ALISTER, I.; HAUKE, C. (Eds.). **Contemporary Jungian Analysis**, 1988. London: Routledge, p. 1-3. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/9781315812557_googlepreview.pdf>. Acesso em: 14 maio 2018.
- BEEBE, John. Tipos psicológicos em transferência/ contratransferência e a interação terapêutica. In: STEIN, Murray. SCHWARTZ-SALANT, Nathan. (org.). **Transferência Contratransferência**. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- ALMEIDA, F. B.; NASCIMENTO, P.; RAMOS, R. S.; FIUSA, D. R. D. Consciente Coletivo e o Arquétipo da Persona: noções introdutórias. **Revista Saberes/UNIJIPA**. Disponível em: <https://unijipa.edu.br/por-que-a-unijipa/revista-saberes/edicao-2/>. Acesso em: 12 dez. 2019.
- BARRIEU, Maria Carolina; PARISE, Silvana. O fim da análise. **Junguiana**, v. 35, n.1, primeiro semestre, 2017. pp. 5-19.
- BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BOEREE, C. G. Personalitytheories. 2006. Disponível em: <http://www.social-psychology.de/do/pt_jung.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2019.
- BRIGGS-MYERS, I.; MYERS, P. **Gifts differing: Understanding Personality Type**. Palo Alto: Davies Black, 1995.
- CAMOLESI, Maria Eugênia Doimo. **A Unilateralidade da Razão: a crítica Junguiana**. Dissertação [Mestrado em Psicologia da Educação]. Departamento de Psicologia da Educação. Instituto de Estudos Avançados em Educação. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1993. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8968/000060899.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 dez. 2019.
- DAMIÃO, Maddi, Jr. Algumas palavras sobre símbolo e função transcendente. **CEPAE, Centro de psicologia Analítica: Jung no Espírito Santo**, set. 2010. Disponível em: <http://www.psicologiaanalitica.com/algumas-palavras-sobre-smbolos-e-funo-transcendente/>. Acesso em 5 out. 2019
- _____. Função Transcendente: algumas reflexões sobre o processo de criação. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, n. 14, v. 4, São João Del-Rei, out/dez 2019. e3441. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/viewFile/e3441/2215>. Acesso em: 03 dez. 2019.
- DRESSER, Sam. Freud versus Jung: disputa amarga sobre o significado do sexo. **Jornal Nexo Ltda**, nov. 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/externo/2018/11/24/Freud-versus-Jung-disputa-amarga-sobre-o-significado-do-sexo>. Acesso em: 20 mar. 2020.

DUARTE, A. J. O. Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung. **Junguiana**, v. 35, n. 1, primeiro semestre, 2017. p. 5-19.

EDINGER, Edward F. **Ego e Arquétipo: Individuação e Função Religiosa da Psique**. São Paulo: Cultrix, 1972.

_____. **Anatomia da Psique**. O simbolismo alquímico na psicoterapia. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **O Mistério da Coniunction: imagem alquímica da individuação**. São Paulo: Paulus, 2008.

FERNANDES, E. G.; FIALHO, F. A. P. Tipologias e Arquétipos. A Psicologia Profunda como base para uma hermenêutica. **Coleção Jung sai para a rua**, v. 1. Florianópolis: Insular, 2014.

FRANZ, M. L. von. A Função Inferior. In: FRANZ, Marie Louise von; HILLMAN, James. **A tipologia de Jung: ensaios sobre psicologia analítica**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 2016.

_____. **C G Jung: Seu Mito em Nossa Época**. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. C G Jung: O Processo de Individuação. In: **C G Jung: O Homem e seus Símbolos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

FRANZ, M. L. von; HILLMAN, J. **A Tipologia de Jung: Ensaio Sobre Psicologia Analítica**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda e J.E.M.M. (Ed.) **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1ª edição, 8ª impr. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1975.

HALL, J. A. **A Experiência Junguiana**. Análise e Individuação. São Paulo: Cultrix, 1986.

HOFFMEISTER, Márcio; WERRES Joyce. **Ao encontro de Jung**. In: TODESCHINI, C. B.S. Porto Alegre (RS): Editora Fi, 2019. Disponível em: <<https://www.editorafi.org/592jung#>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

JACOBI, J. **A psicologia de CG Jung: uma introdução às obras completas**. Petrópolis: Vozes, 2013.

JACOBY, M. **O encontro analítico**. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

JUNG, C. G. **A Natureza da psique**. 10ª. ed. Trad. Mateus R. Rocha. 8ª reimp. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, v. 8/2.

_____. **A prática da psicoterapia**. 13ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes. 2013, v. 16/1.

_____. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência**. 8ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes. 2012, v. 16/2.

JUNG. **Energia psíquica**. A Dinâmica do Inconsciente. 14^a. ed. Trad. Maria Luiza Appy. 7^a reimp. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, v. 8/1.

_____. **Mysterium coniunctionis**: Epílogo, aurora consurgens. 3^a ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012, v. 14/3.

_____. **O desenvolvimento da personalidade**. 14^a ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, v. 17.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 21^a ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008, v. 9/1.

_____. **O Eu e o inconsciente**. 21^a ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2015, v.7/2.

_____. **O Homem e seus símbolos**. 2^a edição especial. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 2008.

_____. **Psicologia e alquimia**. 6^a ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012, v. 12.

_____. **Símbolos da Transformação**. 9^a. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, v. 5.

_____. **Tipos psicológicos**. 7^a ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, v. 6.

KRIPKA, R. M.; BONOTTO, D. L.; SCHELLER, M. **Pesquisa Documental: Investigação Qualitativa em Educação**, v. 2. Trabalho apresentado ao IV CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA (IV CIAIQ 2015), 2015. Aracajú (SE). Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/280924900_Pesquisa_Documental_consideracoes_sobre_conceitos_e_caracteristicas_na_Pesquisa_Qualitativa_Documentary_Research_consideration_of_concepts_and_features_on_Qualitative_Research>. Acesso em: 17 maio 2019.

MESSICK, S. Personality consistencies in cognition and creativity. In: MESSICK, S. (Ed.). **Individuality in learning**, p. 4-23, 1976, San Francisco: Jossey-Bass. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/j.2333-8504.1982.tb01299.x/pdf>>. Acesso em: 22 maio 2018.

MORAES, F.F. Alguns Aspectos da “Teoria Junguiana da Libido ou Energia Psíquica”. **Jung no Espírito Santo – Um Projeto do CEPAES**, postado em jan. 2011. Disponível em: <<http://www.psicologiaanalitica.com/psicoterapia/>>. Acesso em: 16 març 2020.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2000.

OLIVEIRA, M. F. de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. 2011 Catalão: UFG. Disponível em: <https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf>. Acesso em: 7 maio 2018.

PENNA, E. M. D. **O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa**. Artigo foi baseado em trabalho apresentado no III Congresso Latino-americano de

Psicologia Junguiana, em Salvador, em 2004 (p. 71-94). Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v16n3/v16n3a05.pdf>> Acesso em: 05.05.2018

SAMUELS, A. **Jung e os pós-junguianos**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

SCOTTON, B. Introduction and definition of transpersonal psychiatry. In: SCOTTON, B.; CHINEN, A.; BATTISTA, J. (Eds.). **Textbook of Transpersonal Psychiatry and Psychology**. New York: Basic Books, p. 3-8. 1996.

SHAMDASANI, S. **Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência**. Aparecida (SP): Ideias & letras, 2005.

SHARP, D. **Personality Types: Jung's Model of Typology**. Toronto: Inner City Books, 1987.

_____. **Tipos de personalidade: o modelo tipológico de Jung**. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**, 22ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Vida e Obra).

VIANA, Nildo. Jung e a Individuação. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 27, n. 4, p. 486-494, out./dez. 2017. Disponível em:
<<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/download/5706/3408>>. Acesso em: 13 dez. 2019.